



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

O SAMBÓDROMO DÁ SAMBA?

O impacto de um grande equipamento urbano na revitalização da Cidade Nova, um bairro do Rio de Janeiro



Luciane Moutinho Coelho
(Licenciada em Arquitetura e Urbanismo)

Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em
REABILITAÇÃO DA ARQUITECTURA E DE NÚCLEOS URBANOS

Orientador Científico: Doutora Isabel Ortins de Simões Raposo

Co-Orientador Científico: Doutora Andréa de Lacerda Pessoa Borde

Júri:

Presidente:

Doutor José Manuel Aguiar da Costa

Vogais:

Doutora Isabel Ortins de Simões Raposo

Doutor Benamy Turkienicz

Lisboa, janeiro de 2009

Dissertação desenvolvida com o apoio do Programa AlBan,
Programa de bolsas de alto nível da União Europeia para América Latina,
bolsa nº Eo6M101123BR

. resumo .

Esta pesquisa analisa um dos maiores ícones arquitetônicos e culturais brasileiros, o Sambódromo, sob o tema das transformações urbanas promovidas por grandes equipamentos urbanos. Dentro da ótica da contemporaneidade, os grandes equipamentos apresentam uma faceta essencial nas mutações urbanas dos espaços desvitalizados, pois podem auxiliar na estruturação espacial do ambiente urbano. Todavia, esses equipamentos podem revelar uma faceta antagônica e tornarem-se vetores da fragmentação espacial e social do território.

A abordagem ao equipamento partiu da hipótese de que o Sambódromo, situado no Rio de Janeiro, tem se comportado como entrave à revitalização do bairro onde está inserido, a Cidade Nova. O objeto arquitetônico foi interpretado como um equipamento urbano de funcionamento transitório, em que no período do carnaval, procede a função consolidada enquanto que no restante do ano, estabelece mais um vazio urbano ao seu território composto por vários vazios projetados.

Com o objetivo de compreender os impactos induzidos pelo Sambódromo, a análise morfológica identificou os elementos que compõem a linguagem de composição urbana e apontou para o descompasso entre forma urbana do equipamento e território envoltório. Verificou-se a pertinência do entrave urbanístico e sugeriu-se a elaboração de um novo plano urbano focado na integração espacial e social do Sambódromo para contornar o quadro de degradação ambiental e estagnação imobiliária desta zona.

Palavras Chaves: análise morfológica, equipamento urbano, imagética territorial, forma urbana, Rio de Janeiro, Sambódromo.

. abstract .

This research analyzes one of the greatest architectural and cultural Brazilian icons, the Sambódromo, within the subject-matter of urban transformations produced by great urban equipment. From a contemporary viewpoint, great equipment have shown to be essential for the transformation of lifeless areas since they can provide what is needed for the spatial structuring of the urban environment. However, such equipment can also prove to be vectors of spatial and social fragmentation of a territory.

The approach to the equipment was based upon the hypothesis that the Sambódromo, situated on Rio de Janeiro, has been functioning as an impediment to the revitalization of Cidade Nova – the neighborhood where it is located. The architectonic object has been interpreted as being an urban equipment of infrequent functioning which performs its role during carnival but adds one more empty urban space to its territory – full of other projected empty spaces – all through the rest of the year.

Aiming at figuring out the impacts created by the Sambódromo, a morphological analysis has been carried out which identified the elements that form urban composition language, pointing to a lack of balance between the urban form of the equipment and the territory which surrounds it. The urbanistic impediment theses was proved pertinent and a new urban plan focused in the spatial and social integration of the Sambódromo was proposed so as to deal with the issues of environmental degradation and real estate market stagnation in its area.

Key words: morphological analysis, urban equipment, territorial imagery, urban form, Rio de Janeiro, Sambódromo.

. agradecimentos .

Ao longo da composição desta dissertação, sou grata a muitas pessoas e instituições que me acompanharam e ajudaram a “colocar o meu samba na avenida”.

Em primeiro lugar, não posso deixar citar e agradecer ao Programa Alban por incentivar o intercâmbio acadêmico, por financiar todo o programa de mestrado e por permitir a realização de uma experiência inesquecível em termos profissionais e pessoais.

Agradeço à minha orientadora Prof. Isabel Raposo, que desde a minha chegada a Portugal acenou interesse em apoiar o meu projeto. Sua dedicação, suas proposições, suas exigências e seus ensinamentos foram substanciais para a concretização deste trabalho e para o meu amadurecimento intelectual no campo do Urbanismo.

Agradeço ao mestrado MRANU/ FAUTL, aos coordenadores e a todos os professores, pelo ano letivo estimulante. O agradecimento se estende aos colegas de turma que me acolheram carinhosamente, em especial à Márcia e à Marina por me acompanharem no primeiro ano do mestrado. Este programa de mestrado proporcionou-me o intercâmbio ao IAR, Aix en Provence, onde o Prof. Daniel Pinson tão bem me acolheu e onde conheci pessoas maravilhosas.

Não posso deixar de agradecer àqueles que fundamentam a minha trajetória acadêmica. À FAU/UFRJ, que me formou arquiteta e urbanista. À Prof. Ione, que apoiou a minha candidatura ao Programa Alban e incentivou a continuidade dos meus estudos. Ao PROURB/UFRJ, onde iniciei o programa de mestrado em Urbanismo e que muito contribuiu para a realização deste trabalho. Ao Prof. José Barki, pelas primeiras reflexões e à minha co-orientadora Prof Andréa Borde pelas trocas de idéias.

Mas esse projeto só chegou até aqui por que estive, e estou, acompanhada por pessoas muito especiais. Minha prazerosa vida em Lisboa só foi possível graças à minha internacional família portuguesa: Camila, Gio, LÍlian, Miguel, Camino, Rosa, Veronica, Ana Margarida, Pedro, Onga, Marta, Natalyia, Malu, Rui,

Sérgio, Anamaria, Fernanda, Diana. Obrigada pela companhia de todos vocês!!! Não posso deixar de registrar aqui o apoio, o incentivo e o carinho dos meus companheiros Diana e Pedro na reta final do trabalho.

As saudades do meu Rio de Janeiro foram enormes e agradeço à minha família e aos meus amigos cariocas por todas as energias positivas enviadas: Vovô, Dinda e Dindo, Geraldinho, Rafael, Família Katayama, Família Koury, Mary, Lê, Aninha, Márcia, Jú, Aline, Hugo, Paula, Laura, Day, Mayra e Mari. Obrigada por todo o carinho de vocês!!!

E por fim, agradeço à minha irmã Cris pelas sempre palavras confortantes e estimulantes, pelas trocas de idéias em todas as fases deste trabalho, pela revisão dedicada da dissertação e pela grande amizade. E claro, agradeço imensamente aos meus pais por estarem em todos os momentos sempre ao meu lado incentivando esta trajetória e principalmente por todo o amor que dedicam a mim.

. sumário .

abre-alas.....	01
apresentação da dissertação	
introdução.....	02
O Sambódromo dá samba?	
Evoluindo na avenida	04
capítulo 01.....	07
OS GRANDES EQUIPAMENTOS NA CIDADE CONTEMPORÂNEA	
1.1 O equipamento na cidade.....	09
O conceito de equipamento urbano	09
A evolução dos equipamentos na história das cidades	11
O equipamento, objeto de investigação	15
1.2 O simbolismo do novo equipamento.....	17
O ícone urbano	17
O marketing urbano	19
1.3 O novo equipamento e o planejamento urbano.....	21
Cidades contemporâneas e o vazio urbano	21
Os projetos de reconversão urbana	23
A integração espacial e social do equipamento	27
1.4 O equipamento urbano para a revitalização das cidades.....	30
A prática urbana contemporânea	31
A oportunidade de criação de uma nova cidade	34
capítulo 02.....	39
SAMBÓDROMO, O EQUIPAMENTO URBANO DO CARNAVAL CARIOCA	
2.1 Os espaços públicos do carnaval carioca.....	40
Para que foi criado o Sambódromo?	41
Os “outros carnavais” – Os antecedentes históricos das escolas de samba	43
O momento de elaboração do projeto	46
2.2 Passarela das Dúvidas: O projeto arquitetônico do Sambódromo.....	49
O território de inserção do complexo arquitetônico	49
A forma urbana imposta no território	53
As funções urbanas: as escolas de samba e as escolas sem samba	56
2.3 Passarela Consolidada: O Sambódromo hoje.....	60
O Sambódromo sem samba, fora do período do carnaval	60
O Sambódromo com samba, o período do carnaval	64
O patrimônio arquitetônico do samba	68
2.4 Passarela Irradiada: A estruturação da função urbana do carnaval.....	70
A indústria do carnaval carioca	70
A difusão do programa “sambódromo”	71

capítulo 03.....	73
O SAMBÓDROMO INSERIDO NUM “PEDAÇO DE CIDADE”	
3.1 De periferia a lugar de passagem.....	75
Os planos urbanos	79
3.2 A ambiência da envolvente do Sambódromo.....	85
As fronteiras adjacentes	85
Os usos e as tipologias das edificações	90
Os espaços livres e os espaços de uso coletivo	92
3.3 Os impactos do Sambódromo à envolvente.....	94
 capítulo 04.....	 97
O SAMBÓDROMO TRANSFORMANDO O TERRITÓRIO	
4.1 Sambódromo: configuração atual.....	98
A escala urbanística do Sambódromo	99
“Quando a rua vira <i>sambódromo</i> ”	101
Será o Sambódromo uma rua do tecido urbano?	104
O equipamento linear tripartido	111
O vetor de fragmentação do bairro	119
4.2 Transformando o território do Sambódromo.....	122
A articulação ao meio envolvente	123
Figura indutora da revitalização do bairro	126
 considerações finais.....	 131
Sambódromo: entrave ou contributo para a revitalização?	
 referências bibliográficas.....	 137
 fonte das ilustrações.....	 142

. abreviaturas e siglas .

APAC	Área de Proteção ao Ambiente Cultural
CIEP	Centro Integrado de Educação Pública
EFCB	Estrada de Ferro Central do Brasil
EIV	Estudo de Impacto de Vizinhança
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
INEPAC	Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
LIESA	Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro
RIOTUR	Empresa de Turismo do Rio de Janeiro

apresentação da dissertação

Esta pesquisa procura refletir sobre as alterações de ordem espacial e funcional ocorrida nos tecidos urbanos após a inserção de grandes equipamentos no ambiente construído. Para ilustrar e refletir sobre o tema, a passarela dos desfiles do carnaval do Rio de Janeiro, conhecida por Sambódromo, foi escolhida como o elemento condutor desta pesquisa.

O Sambódromo, ícone da cultura do carnaval carioca² e projeto do maior nome da arquitetura brasileira, o arquiteto Oscar Niemeyer, é o espaço arquitetônico onde se realiza o espetáculo das escolas de samba. A abordagem a este equipamento inicia-se pela hipótese de que a presença deste corpo arquitetônico tem prejudicado as ações urbanas programadas para o bairro em que está inserido, a Cidade Nova. Este bairro foi laboratório de diversos planos urbanísticos incompletos e mal sucedidos, os quais configuraram um território infraestruturado porém de ambiência degradada e com terrenos vazios e subutilizados.

O bairro apresenta em seu território um ícone que, até ao presente momento, não impulsionou a revitalização econômica, sócio-espacial e imagética da zona. Ao contrário, este espaço arquitetônico traz mais benefícios para a economia e imagem da cidade no seu todo do que para a sua própria envolvente. Será que o Sambódromo tem potencial para a revitalização do espaço, ou a sua existência compromete-a inexoravelmente? Eis aqui o *enredo*³ a ser evoluído nesta avenida.

¹ Nos desfiles das escolas de samba do carnaval brasileiro existem parâmetros a serem respeitados. *Abre-alas* é o primeiro carro alegórico da escola de samba, que geralmente informa o enredo apresentado.

² Carioca é o nome relativo à cidade do Rio de Janeiro ou ao habitante natural desta cidade.

³ As escolas de samba são avaliadas através de vários quesitos. Um deles é o *enredo*, tema apresentado de forma artística na avenida do carnaval.

introdução

O Sambódromo “dá samba”⁴ ?

Sendo carioca e apaixonada pela cidade do Rio de Janeiro, uma cidade destacada pela beleza geográfica e de grande diversidade morfológica, a escolha específica para a análise deste território dá-se pela vivência urbana da autora. Os percursos de deslocamento e a experiência urbana na cidade do Rio de Janeiro fazem identificar o bairro da Cidade Nova como produtor de sensações antagônicas. Nos dias de carnaval, neste bairro são proporcionados momentos de alegria e satisfação àqueles que participam da festa enquanto que, nos demais dias do ano, a sensação de desconforto acompanha o trajeto daqueles que lá transitam.

O bairro da Cidade Nova é um exemplo de degradação e decadência físico-social da área central da cidade do Rio de Janeiro. Percorrer suas ruas não é tarefa das mais agradáveis. Os diversos terrenos vazios e subutilizados, o casario degradado e a paisagem rodeada por favelas intimidam o transeunte que por ali passa.

No entanto, a realidade acima descrita é metamorfoseada uma vez por ano. No carnaval, a cidade se curva para o bairro com o intuito de acompanhar e/ou participar do maior espetáculo do carnaval brasileiro. O Sambódromo, o equipamento urbano permissor da realização da atividade das escolas de samba, transforma-se anualmente em um espaço reverenciado por suas noites de alegria e pelo seu espetáculo de luz, música e alegoria. Em seqüência aos dias de festa, o vazio e a frieza da arquitetura em “concreto armado”⁵ perdura no espaço arquitetônico do equipamento, configurando-se em mais um dos vazios urbanos da Cidade Nova.

Construído em 1984, sob formas arquitetônicas arrojadas e sob um conteúdo programático inovador, o espaço arquitetônico do Sambódromo preencheu parte do vazio urbano resultante da fúria demolidora dos planos de renovação indicados para o bairro.

⁴ No Brasil, a expressão “dar samba” significa o mesmo que “dar certo”.

⁵ Em Portugal, utiliza-se a palavra “betão armado”.

Programado para ser um espaço multifuncional, o projeto do Sambódromo indicava a conciliação da atividade educacional à atividade do desfile de carnaval. A função social do equipamento justificaria o brutal investimento do governo na construção de um templo definitivo para as festas de carnaval, que até então eram realizadas nas ruas da cidade de forma efêmera. O polêmico projeto nunca chegou a se materializar como foi concebido, consolidando-se em um espaço monofuncional de funcionamento transitório.

Desde a inserção do equipamento, o bairro teve sua dinâmica e forma alteradas. A reflexão sobre as alterações à dinâmica do bairro provocadas pelos momentos de funcionamento e não funcionamento do Sambódromo conduziram às indagações relativas aos impactos funcionais de grandes equipamentos urbanos sobre o território pré-existente. As questões da pesquisa estenderam-se aos aspectos formais. Interessa compreender os conflitos estabelecidos entre a forma urbana dos equipamentos e os tecidos urbanos consolidados em que se inscrevem e refletir sobre o papel dos grandes equipamentos nas operações urbanas que os circunscrevem.

Baseadas nestas indagações, constrói-se o objeto de estudo da pesquisa: a transformação do espaço urbano a partir da inserção de grandes equipamentos. Identifica-se uma tendência entre cidades do mundo ocidental para implantação de equipamentos emblemáticos como orientadores das intervenções em tecidos desvitalizados. Para a compreensão deste fenômeno, é produzida uma reflexão teórica sobre os equipamentos urbanos nas cidades contemporâneas, a qual foi encaminhada para a análise e a reflexão do caso de estudo brasileiro.

Como objetivo geral desta dissertação, visa-se compreender as marcas de ordem física e funcional deixadas por grandes equipamentos sobre o território envolvente e avaliar como um objeto arquitetônico pode comprometer positiva ou negativamente a revitalização de um ambiente urbano. Como objetivo específico, e também principal, visa-se perceber se o equipamento Sambódromo tem sido um entrave para a revitalização do bairro e, se caso impulsionado, o equipamento pode contribuir para a revitalização da Cidade Nova. Pretende-se contribuir para a reflexão urbanística de um importante território da cidade do Rio de Janeiro e estimular a retomada das ações urbanísticas sobre o bairro. Será que o Sambódromo “dá samba”?

. Evoluindo na avenida ⁶ .

A dissertação está organizada em quatro capítulos, iniciando por uma fundamentação teórica sobre equipamentos urbanos (capítulo 01), baseada em uma hierarquia crescente de análise, que identifica e conceitua os elementos que servem de base e análise para a reflexão do caso de estudo brasileiro nos três capítulos seqüenciais (capítulos 02, 03 e 04).

O caso de estudo é apresentado e analisado segundo as escalas de análise abordadas no primeiro capítulo. A aproximação ao caso de estudo inicia-se pelo objeto arquitetônico (capítulo 02), passa pelo bairro de acolhimento (capítulo 03) até atingir uma reflexão sobre o processo de transformação do território da Cidade Nova influenciado pelo equipamento do carnaval (capítulo 04).

O primeiro capítulo da dissertação aborda, conforme o seu título, **os grandes equipamentos na cidade contemporânea** e procede à revisão bibliográfica indicada para cada uma das diferentes escalas de aproximação do equipamento urbano, com base em uma hierarquia crescente de escala de análise.

Partindo da *escala arquitetônica*, são apreendidas as manifestações simbólicas do equipamento, em que a representação icônica e o marketing urbano são observados como ferramentas aliadas da construção identitária do espaço urbano.

Em seqüência, passando para a *escala urbana*, o capítulo 01 trata do planejamento urbano circunscrito ao equipamento e da articulação às diferentes escalas que o envolve. Os vazios urbanos são identificados como territórios de acolhimento e reflexiona-se sobre os diferentes paradigmas que orientam as estratégias de reconversão urbana dos territórios vazios. Esta escala de análise promove também uma reflexão sobre a faceta dualizada que o equipamento pode desempenhar na dinamização do território.

A parte final do primeiro capítulo, ao nível do que se chamou de *escala metropolitana*, apresenta e ilustra a prática urbana contemporânea que consubstancia os grandes equipamentos como propulsores da reativação de

⁶ A *evolução* é um outro quesito de avaliação das escolas de samba. “Evolução é a progressão da dança de acordo com o ritmo do samba que está sendo executado e com a cadência da bateria” (LIESA, 2008: 28).

territórios desvitalizados e como oportunidade para criação de uma nova cidade.

Os dois capítulos seqüenciais contextualizam o ícone carioca na sua malha urbana envolvente. A pesquisa sobre o caso de estudo está baseada em fontes bibliográficas (revistas, jornais, pesquisas acadêmicas) e em fontes iconográficas (fotografias, mapas, desenhos e plantas) referentes ao equipamento e ao bairro da Cidade Nova.

O capítulo 02, **Sambódromo: o equipamento urbano do carnaval carioca**, trata especificamente do objeto arquitetônico projetado para albergar diferentes funções urbanas. São apresentados os antecedentes da atividade dos desfiles de carnaval e as motivações espaciais e políticas que resultaram no nascimento do equipamento.

A solução espacial edificada é analisada segundo o confronto estabelecido entre o projeto idealizado por Niemeyer e a consolidação da obra arquitetônica 25 anos após a sua construção. Através do cruzamento de informações, realizado para as duas situações antagônicas de funcionamento (os períodos do carnaval e sem carnaval), são demonstrados os fracassos e os sucessos das atividades desempenhadas no espaço arquitetônico.

Apresenta-se ainda neste capítulo a irradiação do equipamento, que se propaga tanto no programa arquitetônico do carnaval quanto na estruturação de funções complementares à atividade dos desfiles de carnaval.

A apresentação do **Sambódromo inserido num “pedaço de cidade”** é realizada no terceiro capítulo. A complexidade na estruturação do território de acolhimento é evidenciada através da história urbana do bairro e da história dos planos urbanos programados para o bairro da Cidade Nova. O enfoque sobre o território está centrado no inter-relacionamento do equipamento Sambódromo com o território envolvente.

O Sambódromo é contextualizado a partir de um diagnóstico expedito realizado sobre a ambiência do bairro e sobre os impactos produzidos pelo equipamento sobre a envolvente.

O quarto capítulo, intitulado por **Sambódromo transformando o território**, demonstra como a presença do equipamento influencia na dinamização do bairro e avalia qual tem sido o seu papel dentro das políticas de revitalização incidentes no território.

O capítulo inicia pela análise da configuração atual do equipamento objetivando verificar a hipótese sobre o suposto entrave urbanístico. Faz-se uma análise morfológica contextualizada centrada nos elementos que estruturam a linguagem de composição do equipamento, em que se destaca a forma linear e parcelada da forma urbana encontrada.

Em seguida, desenvolve-se uma reflexão sobre a necessidade de intervenção no espaço urbano do Sambódromo com o intuito de potencializar o valor estratégico do equipamento, não apenas para a cidade do Rio de Janeiro, mas para a revitalização do bairro da Cidade Nova.

Finalmente, encerrando o desfile por esta passarela, nas **Considerações Finais** reiteram-se alguns aspectos conceituais importantes sobre a temática dos grandes equipamentos nas cidades, evidenciam-se os resultados da análise do equipamento Sambódromo e sugerem-se algumas recomendações para a melhoria do ambiente urbano.

Os grandes equipamentos na cidade contemporânea

Desde os anos 1980 emerge uma nova economia caracterizada pela ligação entre informação/ conhecimento, pelo alcance à escala global e pela organização em redes globais de interação (CASTELLS, 2002: 95). Através desta nova organização, as cidades estruturadas em rede nos territórios metropolitanos vêem suas dinâmicas urbanas alteradas. Estas alterações estão relacionadas, por exemplo, com a concentração e a diversificação da produção de base, com a transformação do perfil sócio-profissional da população e com a sofisticação da oferta de serviços com conseqüente melhoria dos equipamentos urbanos das cidades (SIINO, 2004: 12). Os territórios urbanos, organizados em torno de novas dinâmicas, acabam por se aproximar quer fisicamente, graças à eficiência dos meios de transportes, quer virtualmente, pelo advento das novas tecnologias de comunicação.

Num mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca da identidade coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se fonte básica de significado social (CASTELLS, 2002: 3). Apesar da aproximação ao nível da comunicação humana e urbana e dos efeitos da globalização, as cidades não se transformaram em territórios homogêneos e, mesmo dentro de um contexto globalizado, desejam manter e reforçar suas particularidades e identidades, que procuram evidenciar através de elementos que as definem como exemplares únicos. Esta notoriedade pode se afirmar sob diversas formas, como conjuntos arquitetônicos, monumentos, geografias específicas, festividades, rituais, sociedades, eventos internacionais.

Cada espaço urbano diferencia-se, organiza-se e hierarquiza-se segundo representações diferentes visando estabelecer uma imagem global que se forma em torno da cidade (RONCAYOLO, 2002). O simbolismo de Paris, por exemplo, não se organiza em torno dos mesmos temas do simbolismo de Lisboa ou Rio de Janeiro. Os símbolos que representam a cidade ao serem agrupados possibilitam a definição de uma determinada imagem global. Porém a representação dessa imagem elaborada por um habitante, poderá ser diferente

da imagem elaborada por um visitante. Para Roncayolo (2002: 363) a cidade hierarquiza as suas representações simbólicas e são as representações particulares que constroem a representação de conjunto, estabelecendo a tal imagem global formada.

Uma das principais práticas contemporâneas de atuação dos projetos urbanos é a produção de novas imagens para pedaços de cidades (KOOLHAAS, 1988: 356). Essa nova prática, apesar de internacionalizada, não pretende a universalização dos territórios, mas sim proporcionar à cidade uma imagem vigorada e cosmopolita. Como meio de viabilizar esta construção identitária, o poder público serve-se da criação de um ou mais equipamentos, sendo muitas vezes o invólucro arquitetônico tão ou mais importante quanto a função prestada. A figura do novo equipamento, ícone da modernização e da sofisticação funcional da cidade, objetiva a transformação imagética do espaço.

Reflexo desta prática urbana, nos dias de hoje é corrente a produção de uma política de comunicação para as cidades através do marketing de um equipamento (SIINO, 2004: 15). Pode-se tomar como exemplo a construção de objetos excêntricos assinados por arquitetos de renome, equipamentos de função específica, a recepção de grandes eventos mediáticos. O argumento é deixar um legado para a cidade, uma marca no território. Nesta ótica, a construção do novo equipamento tem como estratégia orientar alguma mutação no ambiente construído e desempenhar os papéis de fenômenos contemporâneos, como a competitividade, a revalorização das cidades e a transformação da organização territorial, a qual é tanto arquitetural e urbanística quanto cultural, social e política (SIINO, 2004: 11).

Este capítulo fará uma reflexão sobre a atual estratégia das cidades em implantar grandes equipamentos nos seus territórios desvitalizados, visando a promoção da reativação do espaço, envolto por tecidos consolidados. Para fundamentar a investigação, o objeto de pesquisa é desmembrado em categorias de análise, definidas pelo interesse de aproximação e de construção da problemática.

Essas categorias foram determinadas em função de uma hierarquia de escala. Inicia-se pela *escala arquitetônica*, que define o equipamento e suas manifestações, passando pela *escala urbana*, que trata do planejamento do equipamento, até alcançar a *escala metropolitana*, a qual aborda as estratégias das cidades para a implantação de equipamentos de escala regional no seu território.

1.1

O equipamento na cidade

A primeira categoria de análise busca identificar quais são as características que definem um objeto arquitetônico ou uma organização espacial como *equipamento urbano*. Interessa compreender qual a relação de um equipamento com o tecido urbano envolvente e com os usuários do espaço, além de verificar as características que permitem sua fácil identificação no território.

Como contributo para a compreensão dos equipamentos na dinâmica urbana do mundo atual, observa-se primeiro os antecedentes, através da evolução dos equipamentos na história das cidades, para em seguida, definir o equipamento que é objeto de estudo desta investigação.

. O conceito de equipamento urbano .

A busca foi iniciada por dicionários da língua portuguesa para conhecer o significado e perceber se o termo também é adotado por outras disciplinas. Segundo o dicionário Houaiss da língua portuguesa, equipamento urbano significa “qualquer artefato implantado no espaço urbano, inclusive no seu subsolo, destinado à prestação de um serviço público”¹.

Aprofundando a definição e trazendo-a para o campo da arquitetura e do urbanismo, o dicionário técnico de Choay e Merlin (1988: 265-266) designa o termo como “equipamento coletivo” ou simplesmente “equipamento”, e define-o

¹ EQUIPAMENTO URBANO. In: HOUAISS, Antonio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva. 1 CD-ROM

como o conjunto de instalações, de redes e de edifícios que permitem assegurar à população residente e às empresas os serviços coletivos que estes precisam.

Choay e Merlin (1988) distinguem duas categorias de equipamentos:

- (1) Os equipamentos de infra-estrutura: redes e sistemas implantados no solo ou subsolo (vias e estacionamentos, transportes e comunicações, água e canalizações, energia, sistemas coletivos); e
- (2) Os equipamentos de superestrutura: edifícios de uso coletivo (administrativos, educativos, comerciais, culturais, esportivos).

De acordo com este dicionário, a implantação de um equipamento não constitui um fim em si próprio. O fim é o serviço coletivo que este vai assegurar mas para assegurar este serviço não é obrigatório que seja construído um equipamento. O Sambódromo, o equipamento do caso de estudo, é um exemplo expressivo que ilustra esta afirmação de Choay e Merlin (1988). Antes mesmo da construção do Sambódromo (o equipamento), o desfile das escolas de samba (o serviço) era realizado nas vias públicas da cidade num ambiente de características efêmeras.

Os equipamentos coletivos podem ser de natureza pública ou privada. Segundo Choay e Merlin (1988), os equipamentos de superestrutura podem ser hierarquizados de acordo com o seu grau de utilização (frequência cotidiana, ocasional ou esporádica) e sua escala de implantação (equipamento de vizinhança, de bairro, de aglomeração ou de interesse regional).

De acordo com o mesmo dicionário, do ponto de vista urbanístico, os equipamentos podem exercer na sua evolvente características de atração (como centros de comércio, salas de espetáculos, pólos de atividades), ou de repulsão (como prisões, cemitérios, aterros sanitários).

Os equipamentos apresentam relação estreita com o meio urbano. Segundo o Vocabulário de Ordenamento do Território (DGOTDU, 2005: 173), os equipamentos urbanos “devem ser devidamente identificados no instrumento de gestão territorial”, pois sua programação e planejamento nas várias escalas de implantação são fundamentais para a vivência das populações e para a qualificação dos espaços urbanos. Os equipamentos de escala de implantação “superior” são considerados estruturantes do território.

. A evolução dos equipamentos na história das cidades .

Os equipamentos fazem parte do conjunto urbano mas são diferenciáveis da morfologia do conjunto devido a tipologia própria e principalmente pela função urbana coletiva desempenhada. Torna-se fácil identificá-los no tecido urbano, principalmente aqueles que apresentam valor histórico e/ou icônico, pois aparecem como elementos duradouros. Como refere Goitia (2003), a cidade se mantém através da história e se faz através desta. Deixa seu testemunho em lápides² que auxiliam os indivíduos a perceberem a história da cidade e da sociedade. Para o autor, o fato de as cidades estarem ligadas à história e serem elas própria história explica muito da sua realidade.

Ao observar a história das cidades ocidentais, percebe-se que os equipamentos detêm um papel importante na composição do tecido urbano desde as primeiras civilizações. No mundo antigo, como refere Benevolo (1995), as cidades dominam as relações institucionais e a organização do território. A composição da urbe grega apresenta uma fisionomia vincada com a sua acrópole, que apresenta funções defensivas e sagradas, e com a sua ágora, centro da vida política e comercial da cidade. Entre esses dois pólos desenvolviam-se as soberbas composições arquitetônicas dos templos e dos santuários, equipamentos que refletem uma unidade espiritual e que dão identidade à cidade grega (PELLETIER, 1997).

O desenho racional das cidades romanas, propagadas num amplo espaço geográfico nas duas margens do Mediterrâneo, fez emergir na paisagem as formas de equipamentos como suporte da dinâmica funcional dessas cidades. Pelletier (1997: 234) reconhece uma autêntica arte urbana das cidades romanas em que os seus vários equipamentos (templos, ginásios, termas, teatros, circos e até as redes de infra-estrutura) eram outros tantos pretextos para embelezá-las e estruturá-las.

A partir do século IV, como ressalta Benevolo (1995: 29), os símbolos e os edifícios da religião cristã intervêm na caracterização, e em certa medida na

² Para Goitia (2003: 38) o despertar da consciência (européia) histórica, no século XIX, através de um vago pressentimento de que a cidade é um arquivo, fez com que as cidades, de certo modo, classificassem e etiquetassem suas obras simbólicas sobreviventes, que o autor chama de lápides.

alteração, das estruturas das cidades. Em Roma, o Coliseu persiste como símbolo permanente da cidade porém a cruz formada pelas igrejas de São Pedro, São Paulo, São João e Santa Maria Maggiore, localizadas fora do perímetro legal das muralhas Servianas, torna-se um dos principais sinais de orientação do organismo urbano, e confere à cidade papal um caráter policêntrico.

As cidades da Idade Média procedem de elementos determinantes de ordem histórica, jurídica, econômica, religiosa, política e social. De acordo com Pelletier (1997: 237), a modéstia que caracteriza a cidade medieval é expressão da civilização da coletividade, símbolo das aspirações e dos conceitos políticos e sociais dos cidadãos. As exceções a esta modéstia estavam na figura dos seus equipamentos: os castelos, as igrejas e os edifícios públicos.

A transição medieval para a idade clássica ocorre graças às mudanças culturais e sociais manifestadas no período do Renascimento, emergido em Itália durante o século XV. O espaço urbano adquiriu uma dimensão cenográfica e pictórica e os elementos arquitetônicos dos equipamentos foram adaptados às exigências do esteticismo, então em moda (PELLETIER, 1997).

As formas urbanas do Renascimento difundem-se e generalizam-se a nível cultural por vontade de uma elite erudita que impôs ao Estado o seu programa claramente expresso numa consciência individual (PELLETIER, 1997). A aplicação do novo método à escala urbana, segundo Benévolo (1995: 103-104) “reveste-se desde o início de um caráter problemático, porque o equipamento urbano europeu já se encontra quase terminado e porque durante muito tempo não há necessidade nem meios para o modificar de uma forma significativa”.

Nesse sentido, os edifícios monumentais provenientes da antiguidade clássica e da idade média são corrigidos ou renovados para desempenharem a nova função intelectual. Em Florença, a decisão de elevar a cúpula da sua Catedral, programada pelo arquiteto Brunelleschi dá a cúpula uma conformação grandiosa e coloca a marca da nova arquitetura no centro do cenário citadino.

Com o urbanismo barroco, que surge no princípio do século XVI em Roma, as composições brotadas da imaginação de artistas evidenciam a oposição entre uma expressão dinâmica e original do urbanismo e o recurso tradicional da

cidade estática do Renascimento. Uma nova geração de arquitetos, mais ligados à pintura do que a prática da construção, encarregam-se de edificar os edifícios especiais, palácios e igrejas que sobressaem no tecido urbano.

Um dos símbolos da transformação urbana de Roma foi a criação da perspectiva da Catedral de São Pedro entre os anos de 1656 e 1667. Bernini, “competente na construção do equipamento visual em todas as escalas” (BENEVOLO, 1995: 157), faz desaparecer a diferença de escala entre as obras gigantescas de Bramante, Sangallo, Miguel Ângelo e Maderno com o tecido urbano circundante.

A riqueza e o luxo das realizações dos edifícios especiais não são a única característica da evolução urbana que veio a marcar os séculos XVII e XVIII, através da construção de residências suntuosas, da realização de parques e através também dos equipamentos, como os colégios, os museus, as universidades e os hospitais. As cidades conheceram uma expansão considerável e os seus planos integravam novas noções, tais como a higiene ou as primeiras manifestações de um habitat popular ou das condições de ocupação do solo (PELLETIER, 1997).

O advento da era industrial, que marcou o século XIX, colocou novos problemas e impôs uma cidade concebida segundo novos princípios e novos sistemas. Com efeito, a cidade, o seu traçado, a sua organização não estavam preparados para as novas funções urbanas e para o aumento significativo da população. As cidades aumentam e transformam-se, a um nível nunca antes experimentado, nascendo uma paisagem caótica e desconcertante. Enormes periferias de casas novas e precárias, nas proximidades dos equipamentos industriais, sem condições de habitabilidade e sem os serviços higiênicos elementares (BENEVOLO, 1995: 182).

O progresso técnico e o espírito empresarial, que dominam o período industrial, mantêm viva a necessidade de reorganização das cidades (BENEVOLO, 1995). A experiência decisiva efetua-se em Paris e oferece ao resto da Europa, e posteriormente a América Latina, uma imagem concreta da reorganização territorial em que os equipamentos passam a ser símbolo do progresso social. Uma das tarefas primárias instituída pelo prefeito Haussmann é a construção

das redes de instalações, dos serviços e dos equipamentos para fazer funcionar uma cidade que ultrapassava um milhão de habitantes: os esgotos, a rede hidráulica, a iluminação a gás, os transportes públicos, os hospitais, as escolas, os parques.

Com o movimento modernista e os seus princípios impressos na Carta de Atenas de 1933, os equipamentos são pensados como parte integrante da organização da cidade funcionalista. Na cidade moderna, a unidade de vizinhança, a qual preconiza a localização dos equipamentos próxima às habitações, torna-se o motor da organização espacial. Os equipamentos elementares são incorporados aos conjuntos habitacionais e até mesmo ao interior das edificações habitacionais, como é o caso da Unidade de Habitação em Marseille, projeto de Le Corbusier, em que há pisos destinados aos setores de comércio e serviços e aos setores de lazer e educação.

Após a segunda guerra mundial, a experiência de planificação está associada a uma lógica emergencial e os princípios modernistas foram base de experimentação em diversas situações. Ao se construir os novos bairros ou as novas cidades são implantados os equipamentos que a comunidade necessita.

Nos dias de hoje, a presença e a localização das atividades de produção e de serviços, estruturadores e animadores das cidades, torna-se fator de preocupação a todas as escalas de decisão públicas e privadas. Nos países desenvolvidos, e também em países em desenvolvimento, são estabelecidas regras de adaptação do número de equipamentos essenciais à demografia local e os grandes equipamentos fazem parte da ação de planejamento urbano estratégico em variados níveis.

A escolha pelo melhor sítio de implantação, pela melhor relação custo-benefício, pela melhor imagem produzida, dos benefícios ao meio urbano e pelos interesses da sociedade são fatores para a administração financiar e/ou lançar a construção de novos equipamentos. Hoje, os equipamentos especializados e temáticos tornam-se marcas de cidades: Cidades das Artes, em Espanha; Cidade do Samba, no Brasil; Parque La Villette, em França.

O papel do equipamento no meio urbano foi se modificando ao longo da história, porém o equipamento sempre esteve estreitamente relacionado ao seu

suporte, a cidade, colaborando para o seu desenvolvimento. Para compreendê-lo é indispensável relacioná-lo ao seu contexto envolvente.

A produção de imagem para a cidade sempre esteve presente na história dos equipamentos urbanos. Hoje apenas ampliou a escala de alcance: interessa, tal como antes, marcar uma época, uma tipologia funcional, uma cultura, uma sociedade. Mas interessa hoje sobretudo atrair os olhares exteriores, investimentos para o espaço, dinamizar a economia e produzir uma imagem próspera à cidade competitiva.

. O equipamento, objeto de investigação .

Como discorrido, o conceito de equipamento é bastante abrangente e engloba as várias escalas arquitetônicas e urbanas. O objeto de estudo é transformação do espaço urbano a partir da inserção de grandes equipamentos. Para esta escala do objeto de estudo (e também do caso de estudo), interessam os equipamentos que na hierarquia de implantação apresentam escala regional e/ou superior, e que por consequência da escala macro-urbana, apresentam uma atividade específica para a dinâmica do território.

Essa especificidade funcional confere ao equipamento valor de significância dentro do seu contexto urbano. Tornam-se referência tanto a função urbana específica como a forma arquitetônica que alberga a função. Os indivíduos atribuem ao equipamento um valor simbólico, ou mesmo icônico³, o que pode vir a produzir efeitos na imagem do território abrangido.

A função também acarreta alterações na mobilidade da envolvente. Os deslocamentos são acentuados devido à convergência de usuários que buscam acesso ao serviço fornecido pelo equipamento. Essa mobilidade processa-se por diversos meios: pedonal, transporte individual, transporte coletivo, podendo atrair grandes grupos de indivíduos no momento de funcionamento, o que causa forte impacto ao território.

³ Refere-se à função específica e à arquitetura imponente, muitas vezes invólucro dos equipamentos (ver desenvolvimento do conceito neste capítulo).

O impacto do equipamento sobre o ambiente urbano compreende as transformações urbanísticas que o equipamento promove nas adjacências (mudança de usuários, dos preços dos imóveis, dos usos e da ocupação do solo, etc), o contraste do equipamento em relação ao visual e ao significado das edificações circunvizinhas, a demanda excedente à capacidade das redes de infra-estrutura urbana e a sua capacidade de absorção (MOREIRA, 2008).

O programa arquitetônico dos equipamentos em estudo, que entram na classificação anteriormente referida de superestrutura, é específico para cada função prestada. Não existe uma tipologia funcional única que atenda essa categoria. As diversas manifestações dos programas arquitetônicos⁴ não são comparáveis entre si, pois o projeto arquitetônico e o território formam um conjunto e são exclusivos para cada situação.

Este tipo de equipamentos ocupa grandes superfícies ou conjuntos de grande extensão, os quais estabelecem relações frontais com a envolvente. O extenso perímetro que delimita o corpo arquitetônico do equipamento causa interferência sobre o espaço público e a forma arquitetônica do equipamento sobressai na morfologia do ambiente inserido.

Por fim, os equipamentos aqui abordados apresentam *a priori* a característica de atração, pois na temática em estudo, as grandes cidades contemporâneas visam que os equipamentos constituam pólos de reativação dos espaços desvitalizados, induzam uma dinâmica no território envolvente e proporcionem os benefícios da sua função urbana específica.

O equipamento de abrangência regional, de função específica, simbólico e de grande influência urbana é pois o objeto desta investigação. Optou-se, nesta pesquisa, pela expressão *equipamento urbano*, uma vez que se observa o equipamento inserido em tecidos consolidados. Por diversas vezes será utilizada a expressão *grande equipamento urbano*, para enfatizar a abrangência da escala de implantação do objeto. Em menor frequência, aparecerá o termo *equipamento estruturante*, usado para sublinhar o paradigma contemporâneo de re-estruturação do tecido a partir da inserção de um grande equipamento.

⁴ Os equipamentos manifestam-se pela função prestada. São os aeroportos, os centros comerciais, as estações de transporte, os museus temáticos, os estádios esportivos, dentre inúmeros exemplos.

O simbolismo do novo equipamento

Um dos objetivos da investigação é refletir sobre a nova dinâmica proporcionada ao território após a construção de um grande equipamento urbano. Como já dito, o equipamento pode conferir um novo valor simbólico ao território. Qual será então o alcance do novo equipamento convertido em símbolo para a transformação da imagem do território? O símbolo do novo equipamento traz mais benefícios ao espaço urbano envolvente ou à cidade como um todo? Qual o discurso do promotor do projeto para motivar uma mudança simbólica significativa?

Esta categoria de análise visa verificar o impacto simbólico do equipamento nas diferentes escalas de relacionamento e nos diferentes grupos sociais. Parte-se da análise do objeto arquitetônico, que se comporta como ícone urbano, para a análise das estratégias de divulgação e promoção do novo empreendimento.

. O ícone urbano .

A cidade é um artefato cultural dinâmico de grandes dimensões. É possível olhar e interpretar a cidade procurando o significado simbólico e cultural de formas e espaços através de ícones, que são uma referência no sistema de valores que uma sociedade estabelece. Para Coulanges (1971), os indivíduos unidos pelos mesmos direitos, deveres e crenças, que se reconhecem como integrantes de uma mesma sociedade, ajustada através das mesmas necessidades funcionais, organizativas e simbólicas, identificam poucas outras coisas tão rapidamente quanto os feitos arquitetônicos, como verdadeira expressão representativa das qualidades dessa “urbe”. Os feitos arquitetônicos, na qualidade de ícones, constituem elementos de identificação da cidade tanto para os seus habitantes, usuários ou visitantes como para os estudiosos dos temas urbanos.

Mas o que faz com que edifícios ou organizações espaciais sejam categorizados como ícones arquitetônicos ou urbanos? O que se privilegia quando se atribui, ou reconhece, valor de ícone a um determinado artefato do ambiente urbano?

O ícone⁵ participa da estruturação da linguagem do espaço urbano, sob múltiplas dimensões (simbólica, social, arquitetônica, urbana). Através dessas dimensões, a cidade pode se comunicar e informar sobre sua própria estrutura aos indivíduos, os quais atribuirão o valor de ícone ao objeto. Nem todo ícone foi especificamente realizado para este fim mas pode atingir tal poder de representação com a alteração do momento sócio-histórico.

Borde (2001: 03) define um ícone urbano e arquitetônico como:

um artefato (um objeto arquitetônico ou uma organização espacial) que possui um caráter sintetizador de uma série de forças (sociais, culturais, políticas, econômicas), que os faz significantes mesmo quando seu objeto não tenha mais existência e que através de certos elementos em comum com outros objetos podem ser usados para representar tal objeto. Desta forma, um ícone urbano e arquitetônico é um signo representativo dessas forças mesmo quando elas estejam atuando em outro momento sócio-histórico.

Segundo este autor, o valor de ícone necessita da ordenação das categorias que o qualificam, desde a qualidade estética, à configuração espacial, aos aspectos formais e plásticos, à identificação de similaridades tipológicas nos artefatos posteriormente construídos, à representação de um contexto sócio-histórico singular, ao papel do artefato enquanto elemento orientador da percepção do ambiente urbano.

A análise produzida sobre um ícone urbano deve abordar os aspectos sociais, espaciais e temporais, uma vez que um ícone se constitui como tal para uma determinada sociedade, espaço e tempo. É importante destacar que, embora as forças que sintetizem o ícone, atuem em um determinado contexto histórico, isto não significa que suas referências não sejam válidas em outro momento. É

⁵ Os ícones são um dos três tipos de signos reconhecidos na análise semiológica de Pierce (2000): os signos icônicos ou ícones, os signos índices ou indicadores e os símbolos. O ícone é um signo cujas condições de significação prescindem da existência de seu objeto, isto é, o ícone prescinde do objeto para significar. O índice é o signo que significa tão somente através de seu vínculo existencial com o seu objeto. O símbolo representa através de uma lei geral (regras), convencional ou semiconvencional.

justamente por representar este valor em um determinado momento, que estes artefatos transcendem o contexto inicial e são considerados ícones também em outro contexto.

O Sambódromo, o caso de estudo desta pesquisa, possui um caráter sintetizador de forças culturais, econômicas, sociais e políticas. O equipamento constitui-se em ícone do processo de transformação da atividade do carnaval, na medida em que sua construção, resposta aos anseios de políticos brasileiros, proporcionou uma inovação programática e o engrandecimento da sua atividade fim (o desfile das escolas de samba). Esses fatores repercutem sobre a cultura do carnaval carioca, o turismo (inter)nacional e a imagem da cidade em que está inserido, o Rio de Janeiro.

. O marketing urbano .

Falar e fazer falar de si. Esta é hoje a ambição da maioria das cidades em uma sociedade cada vez mais influenciada pela informação e pela comunicação (ROGER, 2004: 29). Mas, qual é o interesse de uma cidade em comunicar?

À cidade interessa apresentar uma imagem próspera e dinâmica para se vender aos investidores potenciais, não somente às empresas que atraem empregos e movimentam a economia, mas também à população local, para que esta se envolva com as ações propostas, e aos futuros residentes. O fenômeno mediático é atualmente presente, porém não é mais apresentado como um fenômeno de moda e sim, como plano obrigatório da administração (ROGER, 2004: 29). Hoje, devido à concorrência entre cidades⁶, estas devem ter a iniciativa e vontade política para atrair os novos equipamentos, e por conseqüência novos investimentos.

⁶ Entende-se que a concorrência entre cidades só ocorre entre aquelas de mesma categoria. Exemplificando: a Grande Lisboa demanda um novo aeroporto. Esteve em debate a localização para o novo empreendimento. A cidade da Área Metropolitana de Lisboa que receber o novo equipamento em seu território ganha uma nova função urbana, diferenciando-se dentro da Grande Lisboa o que favorecerá o desenvolvimento de seu território.

A venda das cidades é promovida pelos atores públicos e o seu público alvo são os investidores potenciais e a população local. Como estratégia política⁷, procura-se definir uma posição categórica e adotar uma “imagem de marca”, sedutora para os investidores, que reflita uma cultura local, um patrimônio ou uma “identidade” territorial (ASCHER, 1998: 151).

Para atrair a população local, utiliza-se o argumento da melhoria urbana que será proporcionada com a implantação do novo equipamento e projeto urbano. A população é alvo de persuasão para não só aceitar o projeto, mas tomá-lo como seu. As divulgações são feitas através de campanhas de comunicação de massa, sob os diferentes tipos de mídia, e também sob formas de divulgação específicas, como concursos internacionais de arquitetura e urbanismo, manifestações desportivas, exposições, feiras, festivais, etc.

Hoje, a administração defende os projetos que lhe interessa realizar não só para responder a uma demanda social, política e econômica, mas também para atestar o caráter de cidade contemporânea, dinâmica e competitiva. O dinamismo insuflado nos atores do território, reflexo da política de marketing do equipamento, visa expor a cidade a um cenário de escala mais ampla. Todos esses argumentos servem para os políticos locais justificarem a reivindicação para o financiamento de equipamentos (SIINO, 2004: 14).

Os atores do território são essenciais para o processo de implementação do projeto. Caso alguma das classes de atores questione a aplicação do investimento ou a necessidade do equipamento e se manifeste contrariamente à realização, será um risco para a administração enfrentar a contestação iniciada, pois tais dúvidas podem ter repercussões em outras classes sociais e na mídia em geral. A polêmica em torno do projeto pode retardar o processo de viabilidade do empreendimento ou até fazer a administração alterar seu plano de ação, para não ir contra a população e, como consequência, perder popularidade política.

O interesse do poder político é o sucesso do empreendimento, que quando consolidado trará repercussões tanto dentro da cidade, quanto em escala mais

⁷ Como refere Vogel (1997: 72), o poder público passa a aplicar técnicas de gestão de empresas na administração da cidade.

ampla. Com a consolidação do equipamento e a revitalização do espaço, a administração atinge o objetivo de promover sua gestão e deixar sua marca, às vezes até associando o nome de um político (ou um governo) a nova realização.

1.3

O novo equipamento e o planejamento urbano

Muitas cidades constroem os seus equipamentos visando promover o seu desenvolvimento, sem prever e amenizar os impactos que a nova estrutura arquitetônica virá produzir no território circundante. Alguns equipamentos poderiam ser classificados como inúteis, devido à funcionalidade esporádica, à falta de apropriação e à dificuldade de integração no meio circundante. Isso nos leva a indagar a sua existência e implantação. Era realmente necessário construir um equipamento para a prestação dessa atividade⁸? Caso a função e o equipamento fossem demanda, houve alguma falha nesse projeto que explique o insucesso do equipamento? Qual a importância da integração, espacial e social, do equipamento no tecido urbano?

Interessa discutir o papel do planejamento urbano para o sucesso do equipamento. Para trazer benefícios à cidade na sua totalidade, o equipamento, como elemento reativador de um território, deve responder a todas as escalas que o engloba. A começar, em primeiro lugar, pelo território que o acolhe.

. Cidades contemporâneas e o vazio urbano .

No que respeita aos territórios de acolhimento dos grandes equipamentos urbanos, interessa em primeiro lugar identificar quais os terrenos das cidades contemporâneas disponíveis para os albergar. Os territórios disponíveis apresentam características comuns? As cidades de dimensão metropolitana, que

⁸ Como afirmam Choay e Merlin (1988), para o desenvolvimento de uma função urbana nem sempre é necessária a construção de um equipamento.

aqui se abordam⁹, pouco dispõem de territórios livres para expansão. Esses tecidos consolidados apresentam, dentro do seu próprio corpo, paisagens abertas que emergem atração para novos investimentos. Coloca-se então a questão de saber qual o vazio que permite a prática urbana aqui investigada. Como é a configuração dos terrenos disponíveis que podem ser preenchidos por grandes equipamentos?

Em sua maioria, os terrenos livres disponibilizados para o recebimento de grandes equipamentos são os terrenos e os edifícios da cidade que passaram por um processo de esvaziamento¹⁰, e que permanecem em situação de vacância, transformando-se, no que hoje se chama de vazios urbanos. São terrenos que pontuam o tecido consolidado e infraestruturado das grandes cidades.

O vazio urbano é um fenômeno só recentemente problematizado. Borde (2006: 08) classifica-os em três categorias: o *Vazio Projetual*, em consequência de intervenções urbanas, o *Vazio Estrutural*, devido às transformações das funções urbanas e o *Vazio Conjuntural*, em consequência de fatores relacionados a conjunturas sociais, econômicas e jurídicas específicas. Estes vazios contrastam com o tecido urbano consolidado pelas condições de uso e ocupação (sem ocupação, sem uso ou subutilizados) e por não beneficiarem a coletividade, isto é, por não cumprirem sua função social (BORDE, 2006: 05).

Os vazios urbanos impuseram-se, no século XX, como importantes elementos da morfologia das grandes cidades. O desenvolvimento e dinâmica das cidades produziram, e ainda produzem, situações de vazios dentro do próprio tecido. Relacionados com a deterioração, a degradação urbana e a retenção especulativa, passam, no fim do século, a serem articulados para oferecerem oportunidades de inserção das cidades no novo sistema urbano. Nesse novo sistema urbano, os vazios passam a se configurar como oportunidades para adequação das cidades aos desígnios do fluxo de capitais internacionais

⁹ Dada a escala do equipamento, objeto deste estudo, e a função urbana prestada, os territórios que permitem produzir estas grandes estruturas são os de ligações em rede urbana em escala metropolitana.

¹⁰ Expressão extraída da tese *Vazios Urbanos: Perspectivas Contemporâneas* (BORDE, 2006), em que a autora analisa o papel dos vazios no desenvolvimento urbano. Utiliza a expressão *esvaziado* para definir a perda de função urbana dos terrenos em situação de vacância.

globalizados, que fazem das cidades contemporâneas seus pólos de atração (BORDE, 2006: 56).

Mais do que entender o processo de formação das diferentes situações de vazios urbanos nas cidades interessa nesta investigação compreender o processo de reativação desses vazios. O contexto territorial edificado faz do planejamento urbano um mecanismo imprescindível para realização do projeto do equipamento, que deverá ser acompanhado por estratégias urbanas para este se integrar ao território circundante. O planejamento urbano torna-se um instrumento para fazer emergir cidades atraentes, embora seja o simbolismo do novo equipamento que, na maioria dos casos, atenderá a essa construção identitária.

Atuar sobre os vazios urbanos a partir do novo equipamento (simbólico e de função urbana especializada) não basta pelo seu próprio projeto arquitetônico, o qual sozinho não tem poder de transformação do território. O projeto arquitetônico pode vir a ser a figura indutora da reativação do vazio urbano, mas a estratégia urbana adotada, através de operações de reconversão, é que trará à cidade condições de reativação do lugar (em escala local), tanto quanto de reativação dos fluxos (em escala global)¹¹.

. Os projetos de reconversão urbana .

Nas últimas décadas, como estratégia de contrariar as desvitalizações do tecido urbano, são lançadas operações urbanas, orientadas por conceitos de renovação, requalificação, regeneração, reabilitação e revitalização urbanas. Neste ponto, interessa observar, sob a luz do conhecimento atual, as diferenças de critério e forma de atuação no território segundo as operações de reconversão orientadas por conceitos de *renovação*, *reabilitação* e *revitalização*. Não é objetivo restituir a evolução desses conceitos, mas sim de salientar as principais características que as diferenciam e/ou as sobrepõem.

¹¹ Segundo Castells (2002: 526) a nova economia global e a sociedade informacional determinam novas formas e processos espaciais. Nesse contexto, as grandes cidades são estruturadas dentro de um sistema urbano mundial, onde as sociedades se organizam, predominantemente, em rede de *espaços de fluxos* (de capital, de informação, de tecnologia, de interação organizacional) e *espaço de lugares* (onde ocorrem as transformações do espaço).

A escolha pelo aprofundamento destes três conceitos deriva de dois fatores: (1) o conceito de *renovação* indica estratégias antagônicas em relação aos outros citados e (2) a aparente semelhança suscitada entre os conceitos de *reabilitação* e de *revitalização*.

A estratégia de *renovação urbana*, sob o ponto de vista teórico, teve grande fundamentação nos princípios expressos pela Carta de Atenas de 1933. Os urbanistas desta escola, formados na década de 1950 e 60, opuseram-se à cidade pré-existente, preterindo-a em prol de novas áreas de expansão, as quais desenharam segundo um novo modelo morfológico. Nas intervenções no interior das cidades, a substituição de antigas formas urbanas por um novo modelo exigiu a demolição das estruturas originais. Esta alteração morfológica foi defendida, em sua época, sob o argumento de progresso e modernidade¹².

Nos dias de hoje, esta estratégia de intervenção é defendida para tecidos considerados degradados argumentando outros valores e condicionantes. Conforme o Vocabulário Urbanístico da DGOTDU (2005: 325), o conceito de renovação:

Implica a demolição das estruturas tipológicas e morfológicas existentes numa área urbana degradada e a sua conseqüente substituição por um novo padrão urbano, com as novas edificações (construídas seguindo tipologias arquitetônicas contemporâneas), atribuindo uma nova estrutura funcional a essa área. Estratégia de intervenção que, há até alguns anos atrás, se encontrava profundamente ligada a (ou que procurava potenciar) uma determinada concepção de progresso e desenvolvimento na qual o “antigo” era sempre desconsiderado e preterido por um “novo”, de duvidosa modernidade. Hoje estas estratégias desenvolvem-se sobre tecidos urbanos degradados nos quais não se reconhece ou não se pode atribuir valor como patrimônio arquitetônico ou conjunto urbano a preservar.

As conseqüências nefastas a nível social das ações de renovação sobre o tecido construído, que visavam exclusivamente o lucro e o desenvolvimento econômico, levaram a uma nova conscientização da necessidade de integrar as

¹² A prática de renovação, em áreas de expansão ou intervenção, foi adotada em diversos territórios de cidades do mundo ocidental. O bairro da Cidade Nova, onde localiza o equipamento Sambódromo, passou por um processo de renovação urbana que demoliu parte do tecido urbano original para receber infra-estrutura viária, tipologia edilícia e função urbana novas.

várias políticas urbanas nas ações de intervenção em tecidos urbanos (PINHO, 2005: 21).

O conceito de *reabilitação urbana* emergiu das preocupações relativas ao patrimônio e, até os dias de hoje, apesar do alargamento do conceito, tem estado relacionado fundamentalmente com a problemática da cidade histórica. Em 1975, o Conselho da Europa define pela primeira vez o conceito de reabilitação urbana em que diz ser “a forma pela qual se procede a integração de monumentos e edifícios antigos no ambiente físico da sociedade contemporânea”¹³ e indica o princípio da “conservação integrada” como um dos aspectos básicos do planejamento regional e urbano. Neste âmbito, sublinha-se a importância da passagem de uma política de conservação de edifícios notáveis para uma política sistemática de conservação integrada dos tecidos antigos, através da sua adaptação judiciosa (reabilitação) e da atribuição de funções enquadradas no contexto das atividades e requisitos contemporâneos (revitalização) (PINHO, 2005: 07).

De forma progressiva, a reabilitação urbana afirmou-se como uma política de requalificação da cidade existente segundo a qual se desenvolve um conjunto de ações integradas destinadas a potenciar os valores sócio-económicos, ambientais e funcionais das áreas urbanas. As vastas ações programadas são hoje conceituadas por “reabilitação integrada” (AGUIAR, 2001). O Conselho da Europa¹⁴ (apud PINHO, 2005: 44) encara atualmente a reabilitação como

um processo de revitalização ou regeneração urbana a longo prazo. É acima de tudo um ato político com o objetivo de melhorar componentes do espaço urbano e o bem-estar e qualidade de vida da população em geral. Os seus desafios espaciais e humanos requerem a implementação de políticas locais (por exemplo política de conservação integrada do patrimônio, política de coesão e ordenamento territorial, política ambiental e de desenvolvimento sustentável). A reabilitação forma assim parte de um projeto/plano de desenvolvimento urbano, exigindo uma abordagem integrada que envolva todas as políticas urbanas.

¹³ Conclusões do Congresso sobre o patrimônio arquitetónico europeu. Conselho da Europa, Amsterdã, 21 a 25 de Outubro de 1975. (apud PINHO, 2005: 06-07)

¹⁴ CONSELHO DA EUROPA. **Guidance on Urban Rehabilitation**. Estrasburgo: Council of Europe Publishing, 2005 (apud PINHO, 2005).

O objetivo principal dos programas de reabilitação é melhorar a qualidade do território urbano, satisfazendo as necessidades básicas da população, operando em especial em áreas antigas degradadas ou em declínio. A participação da população é considerada fundamental para o processo de reabilitação, uma vez que para a manutenção do tecido edificado depende-se da preservação dos valores culturais e sociais das comunidades locais.

No contexto internacional de desigualdade social crescente, as políticas de coesão social e de qualificação das áreas urbanas assumem hoje uma importância redobrada. A procura pela coesão social torna-se um dos objetivos das políticas de reabilitação e também das políticas de revitalização. A participação da população é considerada fundamental, sem discriminação de qualquer tipo, nas tomadas de decisão que afetam os seus quadros de vida.

As operações dos projetos de revitalização apresentam em geral maior abrangência que as de reabilitação e suas ações devem responder à pluralidade e à diversidade das necessidades e escolhas da população. Segundo Aguiar (2001: AI- 2) o termo revitalização tem sido aplicado, sobretudo

como significante de operações desenvolvidas em áreas urbanas degradadas ou em conjuntos arquitetônicos de valor histórico, de modo a relacionar as intervenções pontuais de recuperação dos seus edifícios com intervenções mais gerais de apoio à "reabilitação" das estruturas sociais, econômicas e culturais locais, procurando a conseqüente melhoria da qualidade geral dessas áreas ou conjuntos urbanos.

Para a UNESCO (2007), a revitalização supõe um

balanço satisfatório entre as leis de desenvolvimento econômico, as necessidades e direitos dos habitantes e o valor atribuído a cidade como bem público. Os aspectos patrimoniais, econômicos, ambientais e sócio-culturais não devem se conflitar. Eles não são apenas complementares, mas o sucesso em longo prazo depende que todos esses aspectos estejam inter-relacionados. A revitalização faz as qualidades de um lugar ou uma área (re)aparecerem através da integração de demandas de desenvolvimento sustentável dentro do seu ambiente de dimensões social, cultural e educacional. A revitalização envolve o comprometimento dos governantes e o diálogo com os variados atores de diversos níveis para comunicação efetiva. Tem de se aprovar projetos tecnicamente executáveis e viáveis, os quais incorporem as gerações seguintes (UNESCO, 2007, tradução da autora).

Segundo o mesmo autor, é introduzido o conceito de *revitalização sustentável*, entendido como a

conciliação entre a conservação e o desenvolvimento do território materializado através de estratégias que atendam as demandas da população e que visem à proteção e melhoria do ambiente natural e cultural de uma cidade” (UNESCO, 2007, tradução da autora).

Ao comparar as definições mais atuais dos conceitos de reabilitação e de revitalização, identificam-se nessas políticas semelhanças nas características e formas de atuação sobre o território. Ambas estabelecem políticas em longo prazo, defendem uma abordagem integrada e participada das políticas urbanas e concentram-se na dimensão local envolvendo aspectos ao mesmo tempo patrimoniais, econômicos, ambientais e sócio-culturais.

Neste texto, optou-se por adotar o conceito de revitalização nas situações em que a proximidade conceitual entre revitalização/ reabilitação seja demonstrada uma vez que as operações de reconversão ilustradoras da temática não intervêm obrigatoriamente em tecidos de valor histórico. Essas operações, na verdade, intervêm em territórios onde existiram ou subsistem parte de tecidos e formas urbanas, ou seja, onde existe memória urbana.

A operação de reconversão, independente do conceito que a oriente, escreverá novamente sobre o território de conteúdo semi-apagado, uma linguagem de nova estrutura urbana. Como refere Bernardo Secchi, a cidade, vista como um palimpsesto, é acrescida de um novo “layer” que lhe permite uma nova interpretação (RETTO JUNIOR, 2004).

. A integração espacial e social do equipamento .

Como refere Siino (2004: 15), a maioria das grandes cidades não defende mais em seu discurso a realização isolada de equipamentos urbanos uma vez que hoje se defende a realização de “projetos urbanos”, de “programas de revitalização/ reabilitação urbana”, a “revalorização dos territórios” e o equipamento participa das ações dessas operações. As operações urbanas em curso, assim como no passado, visam o ordenamento do território em intervenção. A nova organização

é realizada através de diretrizes de ordenamento do sistema viário, definição do uso do solo, construção de novas edificações, atribuição de parâmetros edilícios, em que junto é realizada a implantação dos equipamentos estruturantes do espaço.

Nas práticas atuais de preenchimento de vazios urbanos através da inserção de equipamentos estruturantes é acrescentado um novo incremento aos projetos urbanos: a construção de uma nova identidade ao espaço. Os equipamentos tornam-se fundamentais para a inserção desta nova marca, pois passam a ser a senha para os processos de reorganização espacial dos vazios urbanos.

No entanto, quando a função coletiva toma a forma de um determinado objeto arquitetônico, como centro comercial, pólo de atividade, estação de transportes, complexo esportivo e/ou cultural, a imagem forte do novo objeto arquitetônico, ao ser destacado de maneira isolada, pode apagar o objetivo de reorganização do território em que o equipamento se inscreve. Sob esta ótica, esquece-se que, na verdade, o equipamento participa de um programa de revalorização fundiária do ambiente em intervenção.

Sob o aspecto da integração espacial e social do equipamento, interessa avaliar qual o impacto que as operações urbanas exercem sobre o entorno imediato e arredores, em especial o impacto do equipamento sobre o território. Existem escalas de intervenção diferentes a observar. O desenho urbano atende a escala local, mas em contrapartida os grandes equipamentos respondem a uma demanda de escala superior à população envolvente.

O território e a população local são aqueles que lidam cotidianamente com o objeto dentro e fora de funcionamento, com a convergência de usuários e de tráfego viário; e com a grande superfície arquitetônica. Em decorrência da sobreposição de escalas de relacionamento e do seu impacto sobre a envolvente, o equipamento torna-se o elemento mais complexo para a absorção do território.

A alteração da organização do espaço interno, a partir da atuação do projeto urbano e do projeto do equipamento, requer princípios a observar com a intenção de limitar os inconvenientes proporcionados tanto pela nova dinâmica

urbana quanto pela própria atividade específica exercida pelos equipamentos urbanos. Nesse sentido:

(1) os equipamentos devem ser planejados em função de dois grupos de população: os ativos, que desenvolvem suas atividades no edifício, como os trabalhadores e os usuários; e os passivos, que sofrem os impactos de funcionamento, como a população local.

(2) para o sucesso do projeto urbano, o equipamento deve estar bem integrado na malha existente e ser freqüentemente apropriado pelos diversos grupos de população que o fazem funcionar, o utilizam ou residem na proximidade.

(3) o projeto do novo equipamento deve sempre estar relacionado com o desenvolvimento e vocação da cidade (ROGER, 2004: 32). A função urbana específica determina influências e impactos sobre o meio urbano.

(4) a nova construção imposta no território deve estar em simbiose com o ambiente circundante e apresentar uma estrutura de conjunto, em continuidade ao tecido existente.

(5) para que os novos espaços se articulem com o tecido urbano, os projetos dos equipamentos devem sempre respeitar o plano urbano que vigora na cidade. A inscrição dentro da continuidade urbana demonstra a capacidade da administração pública em gerir o desenvolvimento da produção urbana, antecipando as demandas futuras (ROGER, 2004: 32).

(6) os grupos de população constituem peça chave para o sucesso do equipamento. São eles que escolhem o espaço a usar, apropriam-se, dão vida à atividade desenvolvida e irradiam-na por todos os outros habitantes e usuários da cidade. A forma arquitetônica deve trazer conforto aos usuários ativos mas também ao grupo de usuários passivos. A perenidade dos lugares investidos dificilmente se fará sem o comprometimento dos atores locais (GRAVARI-BARBAS, 2004: 283).

O equipamento urbano para a revitalização das cidades

Como anteriormente sublinhado, os equipamentos urbanos são hoje considerados elementos decisivos para o desenvolvimento das grandes cidades (SIINO, 2004: 21). Os fatores de concentração de população e de riqueza nas áreas metropolitanas geram um cenário atraente para os investimentos de empresas do capital privado. O crescimento, a estruturação e a rede de comunicação da região metropolitana criam novas demandas urbanas multiplicando o número de equipamentos. De acordo com a função desempenhada, os equipamentos estruturam o território intra-metropolitano e integram-no à sua rede urbana de trocas.

A prática contemporânea de preenchimento de vazios urbanos através da inserção de equipamentos emblemáticos no território tem como objetivo:

- (1) inserir os territórios vazios dentro da dinâmica da cidade, e
- (2) dinamizar a economia, modificar o ambiente envolvente e criar uma identidade ao território.

Baseado nesses princípios, os equipamentos são trabalhados como propulsores da revitalização do ambiente desvitalizado. Ao setor da construção civil não interessa investir em bairros decadentes, sem contrapartidas. Para isso, a administração pública busca, na figura do novo equipamento, lançar uma dinâmica de construção e atrair os investimentos potenciais, através de políticas de marketing do equipamento, da estratégia do planejamento de reconversão e da parceria público-privada.

. A prática urbana contemporânea .

A transformação econômica, espacial e imagética cria uma competição¹⁵ entre as cidades ou entre territórios da mesma cidade para acolherem um grande equipamento no seu espaço. Esta competitividade marca a atual produção urbanística de desenvolvimento territorial. Sob o paradigma de estudo, os grandes equipamentos apresentam uma faceta essencial nas mutações urbanas contemporâneas, uma vez que ajudam a definir que estratégias de atração a cidade pode assumir, além de auxiliarem na estruturação espacial do ambiente urbano.

Do ponto de vista da reativação de vazios urbanos, os equipamentos podem constituir uma resposta a uma demanda econômica e social e dar aos terrenos vazios o valor fundiário que necessitam. Os atores públicos procuram estabelecer parcerias público-privada, em que a iniciativa das operações e a responsabilidade da planificação são geralmente de ordem pública enquanto que o setor privado entra num segundo momento, após a definição da estratégia urbana.

Nesse sentido, a administração pública procura atrair empresas de grande envergadura oferecendo vantagens tributárias e contrapartidas edilícias. Dentro da ótica do setor económico, os vazios urbanos são comercializados tornando-se um mercado fundiário de grande interesse empresarial. Mas a iniciativa privada nem sempre se interessa pelo preenchimento do vazio ocorrendo às vezes somente o investimento público, tal como se observa no caso do bairro da Cidade Nova, em que está inserido o Sambódromo.

As empresas e promotores imobiliários preferem investir em zonas de atividades já ordenadas do que investir sobre espaços vazios pouco atraentes do ponto de vista paisagístico, social, de serviços e infra-estruturas. A estratégia política das cidades consiste em direcionar o ordenamento do espaço desvitalizado para a melhoria do espaço público e dos serviços de infra-estrutura. O sistema de transportes, por exemplo, tem o papel de cooperar para

¹⁵ Dentro do contexto europeu, Vogel (1997: 72) afirma que a competição entre cidades é fruto de dois fatores: a autonomia financeira dada às administrações locais e a abertura entre os Estados Europeus após a criação da UE. A competição estabelecida permitiu uma nova estratégia de promoção comercial.

o funcionamento da nova dinâmica local, a qual ao ser estabelecida, poderá atrair investidores, novos habitantes além de impulsionar um movimento de investimento econômico.

É freqüente hoje enquanto estratégia de reativação dos vazios urbanos a concepção de equipamentos indutores, ou seja a concepção de planos de revitalização, em que a operação urbana está organizada em torno de um equipamento central ou de um conjunto de equipamentos. Eles irão nortear a trama do projeto, em torno da qual virão se integrar novas atividades e residências. A revitalização urbana implica geralmente numa alteração, mesmo que parcial, das funções pré-existentes. Atrair novas atividades, geralmente terciárias, em setores decadentes não é tarefa fácil para os projetos de reconversão. Os equipamentos constituem, então, um meio útil e eficaz de reconverter econômica e fisicamente um território.

Os equipamentos permitem impulsionar as dinâmicas de lançamento, de revalorização e de revitalização. Constituem uma verdadeira alavanca para atrair investimentos privados. Por isso, a programação de equipamentos é parte integrante das políticas públicas, compostas por políticas setoriais e territoriais que procuram revitalizar os tecidos degradados e os setores vazios.

O contributo de um equipamento, do ponto de vista social, parece pequeno mas pode agir indiretamente de forma positiva, caso ações específicas sejam executadas. A melhoria da qualidade urbana através das ações de revitalização pode vir a desencadear o processo de gentrificação da comunidade local. A valorização imobiliária do setor pode promover a renovação do ambiente original e a substituição dos moradores por outros de estrato sócio-econômico mais elevado. Para a manutenção dos habitantes e do tecido consolidado, as ações de reabilitação têm o papel de preservação dos valores culturais e sociais das comunidades locais, e devem estar englobadas nas estratégias das operações urbanas.

Outro aspecto social relevante é o mercado de trabalho proporcionado pela atividade do equipamento. Os empregos gerados não são forçosamente adaptáveis à população residente. Aparentemente são mais úteis ao resto da cidade do que aos habitantes do próprio bairro, pois as atividades desenvolvidas

são geralmente sofisticadas, específicas e até mesmo esporádicas¹⁶. Em contrapartida, se a função urbana do equipamento for articulada ao meio envolvente, as atividades podem propulsar as dinâmicas locais, as políticas sociais, os programas de habitação e as ações em favor da população local (CHASSERIAU, 2004: 260).

O êxito da implantação de um equipamento depende tanto do êxito da estratégia de operação urbana quanto da apropriação social. Os equipamentos são apenas o suporte, o motor ou o instrumento da reconversão do território. Estão sempre associados a uma trama de espaços públicos porém são trabalhados dentro dos planos arquiteturais como verdadeiros monumentos. Retoma-se assim, a questão simbólica já desenvolvida neste capítulo. Os projetos emblemáticos, manifestados por uma *arquitetura e urbanismo de grife*¹⁷, atendem exatamente a construção identitária do espaço a ser reconvertido. A forma arquitetônica, apesar de elaborada dentro de um tempo presente e de uma situação específica geográfica e cultural tende na verdade em responder aos padrões urbanos internacionais.

Mas a questão raiz da dissertação não reside apenas na demanda simbólica, mas sim no atendimento das demais demandas do ambiente urbano, principalmente as demandas sociais, que os projetos de revitalização podem abranger. A localização do equipamento produz efeitos inegáveis no território circundante. Dentre as variadas dimensões de integração, a social nem sempre é apreendida. Cabe iniciar uma reflexão sobre outra faceta dos equipamentos, os quais, como afirma Siino (2004: 303), podem se tornar vetores de fragmentação espacial e social.

Neste ponto, retorna-se ao questionamento sobre a eficiência do preenchimento de vazios urbanos. O equipamento, como figura isolada, não tem forças para a melhoria do ambiente desvitalizado. Faz parte de um conjunto estratégico, o qual deve ser planejado sob etapas de atuação para atender a todas as demandas

¹⁶ Tomemos como exemplo, os estádios de futebol. O equipamento, caso desenvolva somente a atividade esportiva do futebol, funciona apenas nos meses do calendário esportivo, nos dias de jogos ou eventos.

¹⁷ Expressão utilizada pela crítica contemporânea para nomear o privilégio conferido a alguns arquitetos e urbanistas de renome cujos projetos teriam a capacidade de atrair investimentos para a cidade (BORDE, 2006: 35).

urbanas, entre as quais a social. Existem diversos exemplos no mundo ocidental de equipamentos integrados a planos que permitiram a revitalização do espaço intervencionado. Coloca-se pois a questão a que se pretende responder nos capítulos seguintes: Em que situações um equipamento pode repelir uma estratégia de revitalização?

. A oportunidade de criação de uma nova cidade .

A prática contemporânea de elaboração de grandes equipamentos para revitalização de vazios urbanos é uma prática internacionalizada e pode ser observada em diversas cidades do mundo ocidental. Interessa aqui coletar elementos de reflexão em alguns dos exemplos do mundo europeu para reativação de seus vazios.

Busca-se contextualizar as experiências de intervenção urbana em áreas desvitalizadas de zonas centrais ou periféricas dentro dos temas que orientem os debates sobre reativação de vazios. Estes debates estruturam-se, basicamente, em torno da forma de intervenção e dos critérios que marcam mudanças de uso (uso original/ uso atual/ uso futuro) dos terrenos e edifícios em situação de vazio urbano. Algumas questões se colocam em debate: As operações urbanas intervieram através de projetos arquitetônicos dos equipamentos ou de forma planejada? Promoveram a mistura de usos? Densificaram o território? Quais foram as ações visando a coesão social e a integração da população inicial ao novo território?

Os exemplos apresentados a seguir apenas ilustram a diversidade do tema. Não se pretende responder, em relação a cada um dos exemplos, as questões suscitadas anteriormente. Essas questões auxiliarão na observação da temática e guiarão a análise do caso de estudo brasileiro.

A temática de construção de grandes equipamentos para revitalizar as cidades tem início a partir da década de 1980 nas grandes metrópoles européias. Esses equipamentos, na maioria dos casos, tomaram a forma de centros de convenções, extensas superfícies comerciais, aeroportos internacionais, parques

tecnológicos ou foram resultado de eventos mediáticos, que dotaram às cidades uma vida cultural, social ou desportiva rica e importante.

Na cidade de Paris, por exemplo, durante o governo de François Mitterand construíram-se diversas obras arquitetônicas de cunho imagético, como o Arco de la Defense, o Museu d'Orsay e a Opera da Bastilha, obras que deram à cidade o título de Paris Monumental.

O fenômeno temático expande-se para as cidades de tamanho médio no final da mesma década. Essas cidades também começam a promover a divulgação de seu território e a ação municipal é determinante para o direcionamento da transformação urbana. Como demonstra Roger (2004) os parques temáticos são exemplos desse fenômeno. A fim de propulsar a imagem de cidade inovadora, esses equipamentos têm um papel ambicioso: atrair os visitantes exteriores da cidade, em seguida do resto do país e, quem sabe, futuramente do restante do mundo.

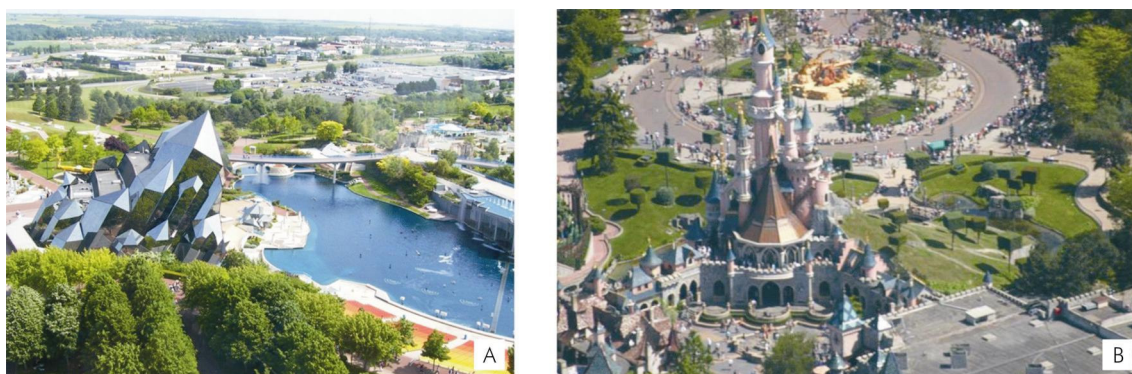


FIG 01. O fenômeno dos parques temáticos. (A) Parque Futuroscope, Poitiers. (B) Eurodisney, Paris. Ambas localidades, depois do surgimento do equipamento, viram desenvolvidas as suas estruturas viárias e interligadas à rede ferroviária de toda a França, através do trem de alta velocidade, TGV.

Nos dias de hoje, o fenômeno atua na recomposição dos espaços que expressam centralidades, ou possível convergência, através de operações urbanas que preconizam a mistura funcional e a integração do novo território ao restante do tecido. O fenômeno atua em cidades, independente da sua dimensão, em que o valor simbólico da modernidade advém da nova forma urbana e principalmente com a construção dos novos equipamentos. Podemos perceber que as cidades utilizam a prática de reconversão dos territórios como demonstração de reaproveitamento dos vazios infra-estruturados.



FIG 02. Reativação de vazios em três cidades do sul da França. (A) Quartier Sextius, Aix en Provence. Desenho urbano de Oriol Bohigas, fruto de um concurso público para reconversão de vazio ferroviário para um novo bairro residencial. (B) Odysseum, Montpellier. Complexo de Lazer que objetiva criar nova centralidade. (C) Projeto Euroméditerranée, Marseille. Grande operação urbana ao nível nacional e da União Europeia que envolve a adequação das áreas portuárias e ferroviárias às novas demandas urbanas.

O reaproveitamento dos espaços infra-estruturados mostra a capacidade que a cidade tem para atuar na dinamização de seus territórios e se fazer incluir e ressaltar dentro do cenário da metropolização¹⁸. Os territórios vazios pontuados no tecido consolidado, alicerces desse fenômeno urbano, são categorizados por tipologias provenientes da natureza da atividade que desapareceu, como vazios portuários, ferroviários, industriais, militares, penitenciários, entre outros.

A reutilização dos vazios, marcada por grandes operações de urbanismo, vem destinar novos usos às zonas abandonadas. A construção de um grande equipamento necessita de grandes reservas fundiárias, assim as operações urbanas oferecem ocasião de remodelar e marcar perenemente o espaço. A atuação do projeto urbano ao ser organizada por etapas visa atender as demandas urbanas e preparar a envolvente para a absorção dos impactos gerados.

¹⁸ Para a geografia urbana, o conceito de *metropolização*, tal como é abordado hoje, trata da reorganização do espaço mundial, onde o crescimento, a potência e a riqueza estão cada vez mais concentrados em número limitado de pólos privilegiados, que tendem a organizar-se em redes e ignorar as zonas intermediárias (BENKO, 2002).

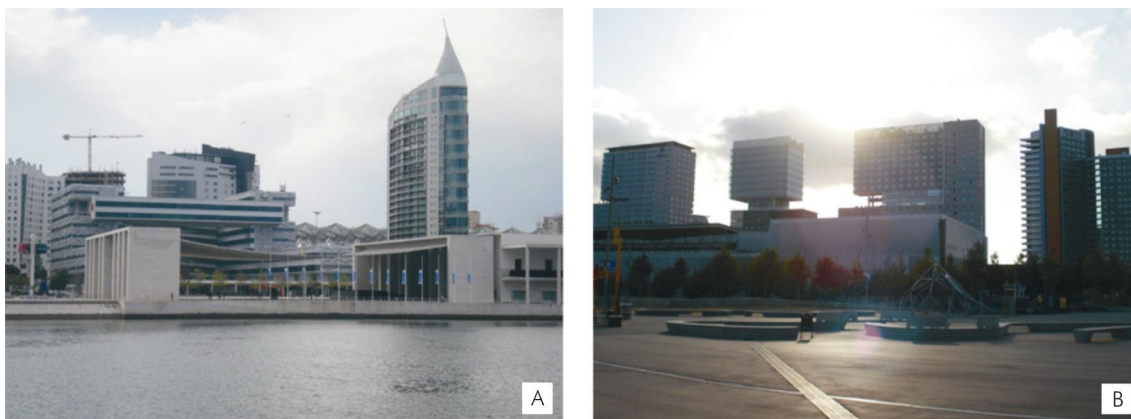


FIG 03. Grandes Projetos Urbanos para eventos internacionais. (A) Parque de Exposições 1998, Lisboa. (B) Fórum das Culturas 2000, Barcelona. Ambas cidades sediaram um evento internacional e reconverteram a frente aquática para um novo bairro residencial de mistura funcional. Encontram-se diversos equipamentos, alguns deles símbolos da operação urbana e projetos de arquitetos renomados.

Os vazios a que se pretende dar o uso cultural são designados em francês por *friches culturelles*¹⁹. Dentro do setor cultural observa-se uma dicotomia clara entre grandes equipamentos e sociedade. Os equipamentos são construídos com grande pompa, imagem performática e original, alheios a identidade cultural da cidade. Nas últimas duas décadas, os grandes projetos culturais deram exuberância ao envelope arquitetural. Esta tendência tem seu apogeu com o Museu Guggenheim de Bilbao.

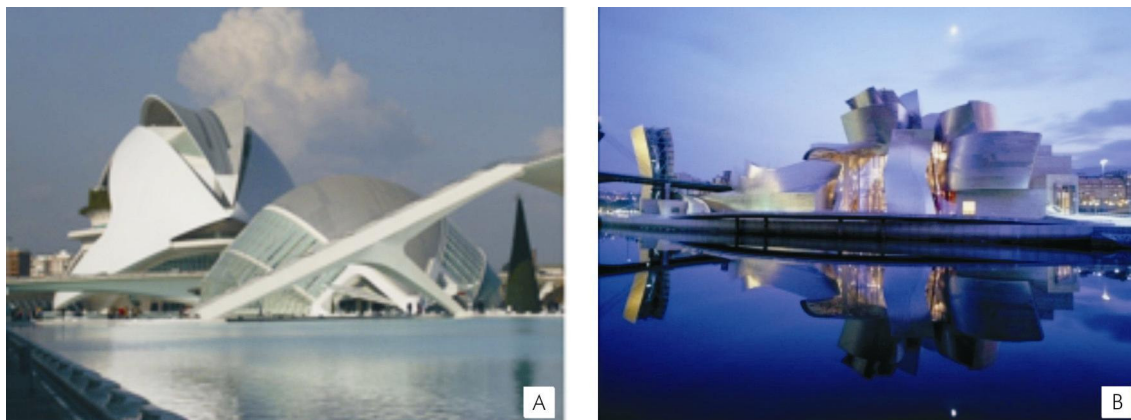


FIG 04. Grandes Projetos Urbanos para uso cultural. (A) Cidade das Artes, Valencia. (B) Museu Guggenheim, Bilbao. Exemplo de cidades espanholas que tiveram sua identidade ressaltada a partir da construção de equipamentos culturais projetados por arquitetos de renome, Santiago Calatrava e Frank Gehri respectivamente.

¹⁹ Em francês, o termo *friche* designa um terreno envolvido no processo de esvaziamento. Borde (2006) faz uma crítica quanto ao significado do termo. “O adjetivo cultural faz referência ao novo uso, mas é paradoxal ao manter a memória da situação de vacância”, e questiona: “Reativada e articuladas ao tecido urbano, as antigas *friches* ainda seriam *friches culturelles*?” (BORDE, 2006: 43).

O planejamento dos grandes equipamentos obedece a lógicas que não são só funcionais. O marketing urbano intenciona inscrever a cidade em uma competição em escala internacional compelindo as cidades a produzir novos espaços que respondam as “normas” de intervenção contemporâneas. Os territórios são articulados com a rede metropolitana e os equipamentos participam plenamente da nova identidade da cidade. Os territórios intervencionados passam a ter novas identidades, as quais decorrem da internacionalização da prática urbana podendo se referir a qualquer espaço urbano, não havendo referência à identidade cultural da cidade, muitas vezes patrimônio europeu.

Apresenta-se nos próximos capítulos o caso de estudo brasileiro. O Rio de Janeiro é a segunda maior metrópole brasileira e o equipamento de estudo, ícone internacional inegavelmente consolidado, participa plenamente da identidade da cidade carioca e contribui para a exposição da cidade dentro de um cenário mundial.

Sambódromo, o equipamento urbano do carnaval carioca

O tema dos grandes equipamentos é ilustrado e reflexionado através do caso de estudo: o Sambódromo, o equipamento urbano onde se realiza o desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro. Nesta investigação apresenta-se e analisa-se este que é um dos maiores ícones brasileiros, não por ele próprio, mas como um ícone contextualizado na malha urbana envolvente.

O equipamento urbano do caso de estudo atende a todas as características do conceito de *equipamento urbano, objeto de investigação*, pois apresenta uma função coletiva, única e específica para a dinâmica do território (a atividade do carnaval) e porque se relaciona com o meio urbano em escala regional e superior (atrai cidadãos de toda a cidade e turistas do Brasil e exterior).

Esta especificidade funcional destinou ao Sambódromo valor de relevância, tornando-se símbolos tanto a função desempenhada quanto a forma arquitetônica que a alberga. O território envolvente sente os efeitos produzidos pela imagem do equipamento e hoje prende-se à existência do seu maior símbolo.

Devido a grande abrangência do programa arquitetônico e devido à complexidade na estruturação do território de acolhimento, o caso de estudo é apresentado em duas partes. A primeira parte (capítulo 02) concentra-se no próprio objeto arquitetônico enquanto que a segunda parte (capítulo 03) apresenta as relações estabelecidas entre o equipamento e a envolvente.

Neste capítulo são apresentados os antecedentes, o projeto, a consolidação e a irradiação do equipamento urbano desenhado exclusivamente para abrigar a função urbana cultural do carnaval. O programa arquitetônico inovador, além de produzir o neologismo “sambódromo”, proporcionou a consagração do desfile das escolas de samba, espetáculo vital atualmente para a dinâmica econômica turística da cidade do Rio de Janeiro.

Para a compreensão e análise do objeto arquitetônico, procurou-se inicialmente compreender o funcionamento desta função urbana eminentemente brasileira,

que tem suas origens nas ruas do território central carioca. Contextualizado ao engrandecimento da festa carnavalesca e à nova forma na governabilidade do estado brasileiro do Rio de Janeiro, nasce o projeto arquitetônico do Sambódromo, que extrapolando a função carnavalesca, visava se tornar uma referência multifuncional para a cidade.

A solução espacial edificada é primeiramente analisada através do seu projeto arquitetônico, que foi elaborado para desempenhar atividades multifuncionais. Em seqüência, é analisada a consolidação do equipamento, que é avaliada em paralelo à crítica projetual. As análises foram realizadas de acordo com os dois períodos antagônicos de funcionamento do equipamento: o período do carnaval e os demais dias do ano. Verifica-se que a função urbana do carnaval não se consolidou apenas mas se propagou tanto no programa arquitetônico quanto na estruturação de funções complementares à atividade dos desfiles de carnaval.

2.1

Os espaços públicos do carnaval

A história do carnaval carioca é rica nos seus personagens, fatos, canções, adereços, manifestações carnavalescas etc. Desde o século XIX, as ruas da cidade do Rio de Janeiro têm sido palco das manifestações populares que entretêm os foliões no período do carnaval. Ao longo da história, o carnaval carioca passou por um processo de organização e de refinamento, que culminou no final do século XX com a produção de um mega-espetáculo, de notoriedade internacional: o desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro. A cidade produziu o Sambódromo, um novo equipamento, uma nova função urbana e um novo conceito.



FIG 05. Os dias de carnaval no Sambódromo. (A) Imagem geral do espaço arquitetônico plenamente ocupado pela evolução de uma escola de samba. (BC) Imagens detalhadas da evolução de uma escola na avenida: os componentes das alas, os carros alegóricos, a comissão de frente.

. Para que foi criado o Sambódromo? .

O Sambódromo é o espaço arquitetônico desenhado exclusivamente para abrigar o desfile das escolas de samba que participam das competições do carnaval da cidade do Rio de Janeiro. As escolas de samba são agremiações carnavalescas provenientes de bairros ou comunidades, geralmente advindas das camadas mais marginalizadas da cidade. A principal função da agremiação carnavalesca é produzir sua própria estrutura para competir nos desfiles anuais do Sambódromo. As escolas de samba podem ser chamadas também por organismos sociais¹, pois nos demais dias do ano desenvolvem trabalhos com a sua respectiva comunidade nas instalações pertencentes às agremiações.

O desfile das escolas de samba é atualmente a manifestação mais importante do carnaval do Rio de Janeiro. Para participarem da competição, cada escola de

¹ Não cabe a esta investigação tecer comentários sobre o papel social das agremiações carnavalescas para as comunidades carentes cariocas. Interessa compreender as funções urbanas desempenhadas na Passarela de Desfiles, sua história e os impactos na envolvente.

samba elabora anualmente um *enredo*, que consiste no tema a ser evoluído artisticamente na Passarela do Desfile. Uma canção é composta especialmente para o enredo em competição, o *samba-enredo*, que consonante aos instrumentos da *bateria*, cadencia a apresentação da escola. No ritmo do samba, a escola evolui na avenida através dos seus componentes - passistas, ritmistas, baianas – e através das suas alegorias – os *carros alegóricos*.

Existe uma organização sequencial na espacialização dos desfiles das escolas. As apresentações são iniciadas por um grupo coreografado, a *comissão de frente*, que tem o papel de saudar o público e apresentar a escola. Em seguida é introduzido o carro *abre-alas*, que geralmente expõe o enredo a apresentar. A seqüência é realizada pela evolução dos componentes, ornamentados com *fantasias* e *adereços* e agrupados nas diversas *alas* representativas do enredo. As alas da escola são intermediadas pelas alegorias, pela ala da *bateria* e pelos casais de *mestre-sala* e *porta-bandeira*, que conduzem a bandeira da escola.

Apesar de os desfiles serem um evento festivo, as escolas enquadram-se nas regras estabelecidas pelo órgão organizador do desfile. Dentre inúmeras puníveis regras, são estabelecidos os números de integrantes participantes, o tempo de desfile, a organização na concentração e dispersão de cada escola. As escolas são julgadas por um corpo de julgadores nomeados pelo órgão organizador e avaliadas sob a forma de diversos quesitos, como bateria, comissão de frente, harmonia, evolução, alegorias etc.

O campeonato das escolas de samba do Rio de Janeiro pode ser alusivamente comparado a um campeonato de futebol. As escolas de samba apresentam torcida própria, são hierarquizadas em grupos (como as divisões do futebol) e promovem o seu próprio espetáculo. No Sambódromo acontece a competição de três grupos de escolas de samba: o Grupo Especial, no domingo e segunda-feira de carnaval; o Grupo A, no sábado e o Grupo B, na terça-feira de carnaval. Na sexta-feira desfilam as escolas de samba mirins, que não participam na competição e no sábado desfilam as escolas campeãs do Grupo Especial, o desfile mais rentável do carnaval carioca. Esse mega-espetáculo é a sintetização de todas as manifestações carnavalescas que ocuparam, e ainda ocupam, as ruas e avenidas da cidade.

. “Os outros carnavais”: os antecedentes das escolas de samba .

Os eventos do carnaval carioca têm suas origens nas ruas estreitas da cidade, ainda capital da colônia portuguesa. As manifestações populares expressadas nos dias da festa carnavalesca sempre demonstraram caráter de informalidade e espontaneidade. Apesar do manifesto popular, a intelectualidade brasileira e internacional tem produzido diversas investigações e publicações que comprovam a importância do carnaval para a cultura carioca e brasileira (COSTA, 2001; ARAÚJO, 2000).

Os espaços públicos do Rio de Janeiro - ruas, avenidas, praças, largos - foram e ainda são os grandes receptores dos eventos carnavalescos. A história social das festas processa-se em paralelo à história urbana da cidade. Figueiredo (2003:04) constata que as alterações morfológicas do Rio de Janeiro – em razão de seus vários planos urbanísticos e da evolução da urbe – determinam mudanças formais na festa e que a necessidade da população se manifestar no carnaval forçará os governos a prepararem o espaço público urbano para abrigar as manifestações.

No século XIX, a Rua do Ouvidor, localizada no centro da cidade, importante artéria do Rio Imperial, prestou-se tanto às bagunças do *entrudo*² e do *zé-pereira*³, quanto aos sofisticados desfiles das *grandes sociedades carnavalescas*⁴. Atrás dos préstitos acompanhados por automóveis ornamentados, seguia a multidão de foliões, acompanhados pelos espectadores posicionados nas janelas das residências da área central.

Com a abertura da Avenida Central em 1904, já no período da República brasileira, as alegorias foram engrandecidas, os carros alegóricos sofisticados, os desfiles tornaram-se mais luxuosos e o carnaval converteu-se numa grande festa européia em pleno verão carioca. O desfile na Avenida Central passa a ser

² Introduzido no Brasil pelos portugueses, o *entrudo* no Rio de Janeiro consistia num folguedo alegre, porém abusava da violência, em decorrência de batalhas de líquidos e comidas.

³ Introdução do som de bumbos no carnaval carioca.

⁴ As *grandes sociedades* foram criadas para a participação da elite carioca no carnaval. Produziam-se desfiles como cópia do carnaval de Paris e procurava-se afastar a elite das brincadeiras do *entrudo*.

controlado pela polícia, que para proporcionar a bela evolução dos *corsos*⁵, excluía todos os usuários incômodos. Cria-se o primeiro espaço exclusivo para a elite se divertir na festa popular do carnaval. Como refere Figueiredo (2003: 148), a elegância da avenida de arquitetura eclética determinava o comportamento do usuário.

Em paralelo ao carnaval elegante da elite carioca que ocorria na Avenida Central, surge no bairro de imigrantes e negros da Praça Onze, adjacente à área central, uma nova manifestação carnavalesca: o desfile das *escolas de samba*. Esta praça presenciou o nascimento de um novo ritmo musical: o samba⁶. E nestas imediações, no final da década de 1920, surgiram as primeiras escolas de samba. A origem do termo refere-se aos compositores “bambas do samba” que ali estavam pra dar aulas do novo ritmo musical.

A Praça Onze, que se localizava no bairro da Cidade Nova, é ainda hoje referenciada como o berço do samba brasileiro. Esta praça foi demolida para permitir a abertura da Avenida Presidente Vargas em 1942, obra de cirurgia urbana bastante polêmica na época. O espaço simbólico ainda é muito significativo no imaginário carioca, como o comprovam as inúmeras canções exaltando os tempos de glória da Praça.

Extravasando toda minha emoção
Oh, Praça Onze, tu és imortal
Teus braços embalaram o samba
A tua Apoteose é triunfal
(*Bum-Bum Paticumbum Prugurundum*
Aluísio Machado; 1982)

O evento cresce, a cidade se transforma e depois da Praça Onze, os desfiles das escolas de samba ocupam trechos da Avenida Presidente Vargas (1946-1957; 1963-1973 e 1977), a Avenida Rio Branco (1957-1962), a Avenida Presidente Antonio Carlos (1974-1975), a Rua Machado Coelho (1976) e finalmente a Avenida Marques de Sapucaí (1978-1983), que foi convertida no Sambódromo em 1984 (FIG 06).

⁵ *Corso Carnavalesco* era o nome dado ao desfile das grandes sociedades na Avenida Central.

⁶ É considerado como o primeiro samba a canção *Pelo telefone*, composta por Donga em 1916, na casa da baiana Tia Ciata. Residência localizada nas imediações da Praça Onze, famosa por ter sido ponto de encontro dos sambistas cariocas.



FIG 06. As ruas dos desfiles das escolas de samba. Espacialização esquemática das ruas do centro da cidade que receberam os desfiles de carnaval antes da construção do Sambódromo. Informações baseadas nos mapas de Figueiredo (2003).

Os espaços públicos de manifestação das escolas de samba, antecedentes ao Sambódromo, caracterizavam-se por serem provisórios. Eram elementos da morfologia urbana, intrinsicamente ligados ao cotidiano da cidade, que durante os quatro dias de festas carnavalescas, se metamorfoseavam em palcos para a festa (FIGUEIREDO, 2003: 129).

Para acomodarem os espectadores todos os anos eram construídas arquibancadas em estrutura tubulares desmontáveis e as avenidas do desfile, ou melhor, as avenidas da cidade eram ornamentadas, dando um caráter de efemeridade ao espetáculo, tal como são as festas do carnaval. A função urbana era oferecida, sem a necessidade de um equipamento específico para a atividade.

No final dos anos 1970, o desfile das escolas de samba já se havia tornado um evento de imenso sucesso com repercussão internacional. Era televisionado,

com direito a comentaristas e patrocinadores, o público espectador aumentava e os ingressos custavam cada vez mais. A notoriedade do evento incentivou o governo a presentear a cidade do Rio de Janeiro com um espaço definitivo para a realização da festa. Assim, em 1984 nasceu o Sambódromo, a passarela apoteótica do carnaval carioca.

. O momento de elaboração do projeto .

No ano de 1983, em que se elabora o projeto da Passarela do Samba, o Brasil estava próximo do término do regime militar (1985), que desde um golpe de estado em 1964, governava o país sobre forte ditadura e repressão. No início dos anos 1980, a ditadura enfraquecia, fortaleciam-se os movimentos de esquerda e a sociedade brasileira encontrava-se em luta para a retomada das eleições diretas para presidente da república.

Em 1982, as eleições diretas para governadores dos estados⁷ brasileiros foram reiniciadas. No estado do Rio de Janeiro, elegeu-se o ex-exilado político Leonel de Moura Brizola, tendo sido principal compromisso de sua campanha implementar um amplo programa educacional baseado na construção dos CIEPs (Centro Integrado de Educação Pública), escolas em tempo integral destinadas as camadas populares⁸. O idealizador do programa, o vice-governador Darcy Ribeiro, em 1983 encomendou ao arquiteto Oscar Niemeyer os projetos das unidades escolares. Construídas em concreto armado, a partir de peças modulares especiais, previa-se a implantação de centenas de unidades padronizadas por todo o estado. Desta forma, os CIEPs foram o principal elemento do programa de um governo marcadamente populista.

No mesmo ano de 1983, os meios de comunicação retomam a discussão sobre o problema da montagem e desmontagem das arquibancadas dos desfiles das

⁷ O Brasil é organizado politicamente em 26 estados, 5560 municípios e 1 distrito federal. Os estados e o distrito federal são governados por governadores e os municípios por prefeitos. O estado do Rio de Janeiro tem como capital o município de mesmo nome (IBGE, s.d.).

⁸ O ambicioso programa dos CIEPs foi inovador mas ao mesmo tempo oneroso para os cofres públicos. Os governos que sucederam o governo Brizola (1983-1987) não deram continuidade administrativa ao projeto, desvirtuando-lhe as principais características: o ensino integral e a animação cultural. As unidades construídas tornaram-se escolas tradicionais, com o ensino educacional em turnos.

escolas de samba. A execução anual das estruturas acarretava transtornos ao trânsito da cidade por um período de quatro meses, além de onerar os cofres públicos do município⁹.

O então prefeito da cidade, Jamil Haddad declarou falta de dinheiro para financiar o evento e chegou a propor a privatização do carnaval (JB, 05/09/1983). Inicia-se o debate de propostas de alternativas para realização da festa, como o estádio de futebol do Maracanã, o autódromo de Jacarepaguá e o centro de convenções Riocentro. Todas essas soluções foram criticadas pelos sambistas reticentes que o samba perdesse seu espaço tradicional, o centro da cidade.

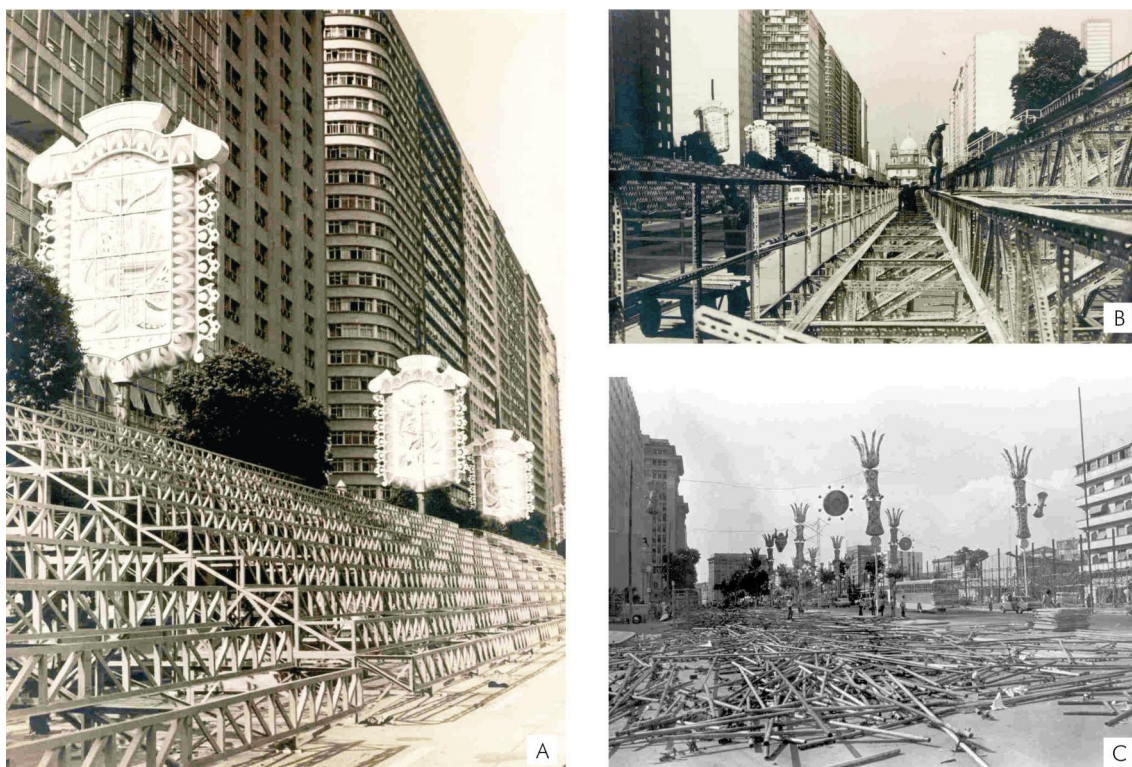


FIG 07. Montagem e desmontagem das arquibancadas nas ruas da cidade. Processo de metamorfose para receber o carnaval no tecido urbano da cidade. O engrandecimento da festa e os transtornos na preparação do ambiente urbano forçaram a criação de um espaço definitivo para o desfile. Hoje, o Sambódromo passa também por processos de metamorfose, assim como em (A-B) Avenida Presidente Vargas e (C) Avenida Presidente Antonio Carlos.

Imbuído no constante discurso de defesa do povo, o governador Leonel Brizola demonstra vontade em deixar um legado para o carnaval e a cidade. O vice-governador Darcy Ribeiro mais uma vez convida o arquiteto Oscar Niemeyer

⁹ Segundo os dados oficiais declarados, os gastos das arquibancadas chegavam a consumir 1/5 da arrecadação mensal do município (CSN, 1983).

para elaboração de outro projeto ambicioso: um espaço definitivo do carnaval que atendesse as expectativas de todos os sambistas. O local escolhido para a realização do projeto foi a rua Marques de Sapucaí, onde desde 1978 estavam sendo realizados os desfiles de carnaval. Desde o ano de 1978, o carnaval passara a ser realizado na rua Marquês de Sapucaí, que teve parte do seu casario demolido para a abertura do Viaduto 31 de Março em 1970. Nos desfiles realizados entre os anos de 1978 e 1983 existiam as “polêmicas” arquibancadas desmontáveis.

Niemeyer supera as expectativas dos governantes e, influenciado pelas idéias de Darcy Ribeiro, propõe um grande complexo cultural e educacional, onde agrupa três funções urbanas: a passarela do desfile do carnaval, um amplo anfiteatro para eventos e um grande complexo educacional (nos moldes dos CIEPs) para funcionar fora do período carnavalesco.

Construiu-se um complexo em tempo recorde (120 dias), materializando-se numa avenida monumental, com arquibancadas em concreto, camarotes reversíveis em salas de aula, museu e o grande arco escultórico, marco da “Praça da Apoteose”.

Desde o ano de 1984 o Sambódromo alberga a festa do carnaval carioca nos dias de fevereiro e as unidades escolares que funcionam no local tentam compartilhar o mesmo espaço arquitetônico no resto do ano. O bairro onde o equipamento está inserido transforma-se anualmente para receber os dias de festa, mas sofre o desconforto do vazio que perdura no resto do ano, devido ao baixo funcionamento do complexo.

Passarela das Dúvidas: O projeto arquitetônico do Sambódromo

O Sambódromo, segundo seus idealizadores, surgiu como mais uma revolução na arquitetura e engenharia brasileiras. Poucos meses foram suficientes para a realização de um projeto que apresentava a conjugação de funções urbanas complexas inseridas em formas arquitetônicas ousadas. Para Niemeyer, orgulhoso da engenharia brasileira:

Respeitá-la [a passarela] enquanto obra é quase um dever. Ao menos por sua parte é uma obra enorme, quase um Maracanã, e feito em três meses e meio, à base de concreto armado e pré-fabricados, materiais que podem ser trabalhados com maior flexibilidade e rapidez (AUGUSTO, 1984).

A extensa avenida, delimitada por colossais módulos de edificações e finalizada por um grandioso monumento escultórico pretendeu deixar à posteridade o feito de um governo, escrito com as formas concebidas pelo maior arquiteto brasileiro.

Enquanto os idealizadores exaltavam a obra, não como um projeto exclusivo para o samba, mas como um benefício para a cidade toda; os sambistas e os meios de comunicação levantavam dúvidas sobre o projeto, que se tornara polêmica nacional. A “Passarela das Dúvidas¹⁰” foi imposta aos sambistas, à população carioca e a um bairro tradicional da cidade, já esquartejado por projetos de renovação urbana, como será apresentado no capítulo 03.

. O território de inserção do complexo arquitetônico .

O Sambódromo localiza-se no bairro da Cidade Nova, adjacente à área central da cidade carioca. O equipamento foi organizado em três quarteirões e ficou delimitado entre o Viaduto 31 de Março, via elevada de ligação das zonas Norte e Sul da cidade, e a trama urbana dos quarteirões tradicionais¹¹ do bairro da

¹⁰ Expressão extraída das reportagens de diversos jornais da época referentes à construção do empreendimento.

¹¹ O conjunto de quarteirões tradicionais é hoje preservado pelo município e pertence ao projeto das APACs (ver capítulo 03).

Cidade Nova. A implantação do complexo arquitetônico é linear e utiliza a mesma estrutura urbana da rua Marquês de Sapucaí, uma das ruas precursoras da trama do bairro.

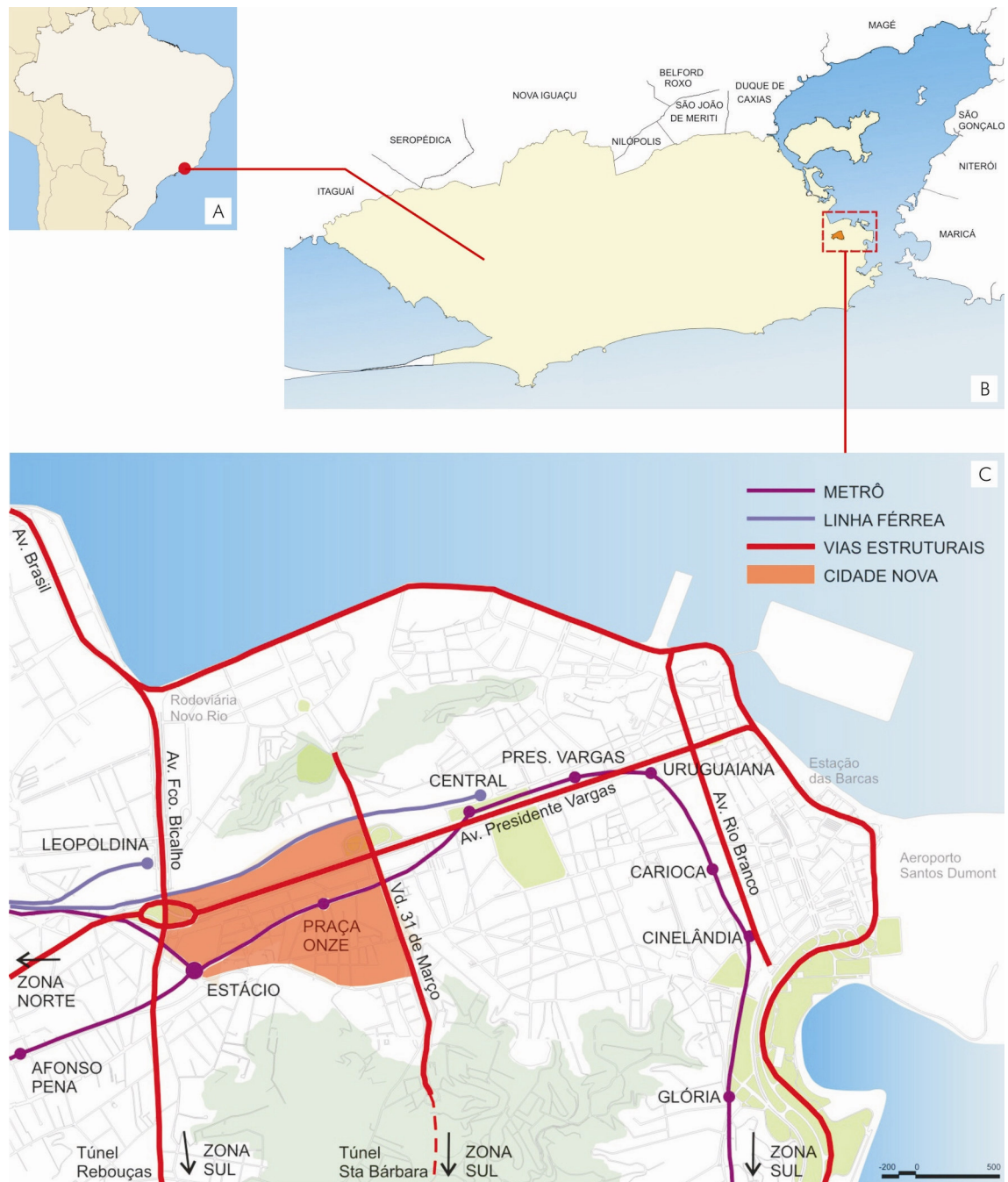


FIG 08. Mapas de localização. (A) O mapa do Brasil e a indicação geográfica do estado do Rio de Janeiro. (B) A cidade do Rio de Janeiro e a indicação do território central e do bairro da Cidade Nova. (C) O bairro da Cidade Nova, de área grifada em vermelho, e a configuração da trama urbana do território central da cidade.

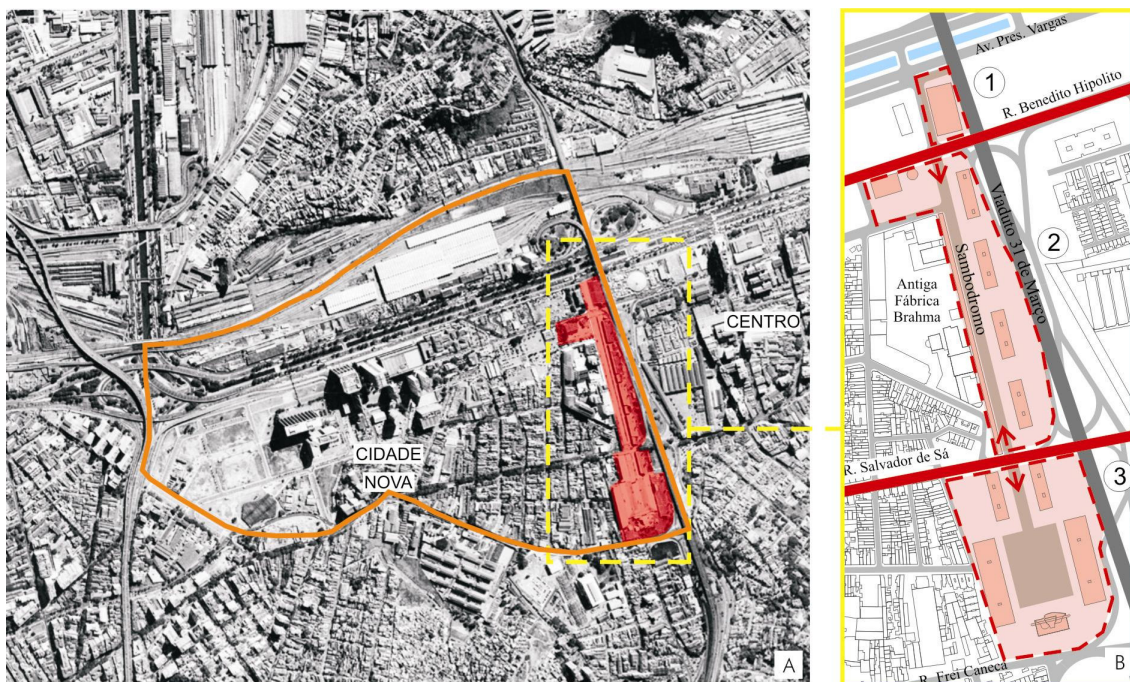


FIG 09. Mapas de situação. (A) A escala do equipamento sobre o tecido urbano consolidado do bairro da Cidade Nova, contorno na cor laranja, e dos bairros adjacentes. (B) A implantação linear do equipamento, sobre a rua Marques de Sapucaí, organizada em três quarteirões. O equipamento localizado entre o Viaduto 31 de Março, a direita do mapa, e o bairro de quarteirões tradicionais do bairro, à esquerda do mapa.

As edificações do Sambódromo foram implantadas em terrenos livres, resultantes de demolições realizadas durante a década de 1960 para a construção do viaduto 31 de Março (1970). Este viaduto pertencia ao conjunto de vias expressas elevadas propostas pelo Plano Doxiads, o primeiro plano diretor da cidade do Rio de Janeiro (apresentado no próximo capítulo).

Desde a data da construção do viaduto, o poder público elaborou cinco grandes projetos urbanos de renovação do bairro da Cidade Nova, que foram sistematicamente demolindo parte do bairro e promovendo a descaracterização do ambiente original, época do Império brasileiro. São eles: Plano Diretor de Renovação Urbana da Cidade Nova (1967), Plano de Reformulação da Cidade Nova (1980), Projeto Centro-Cidade Nova (1988), Projeto Rio Teleporto (1993) e Projeto SA's (1998) (apresentados no próximo capítulo). Definiu-se assim um grande “vazio projetual”¹² no bairro, parte do qual foi preenchido pelo Sambódromo.

¹² Categoria definida por BORDE (2006), como vazio resultante de intervenções urbanas.

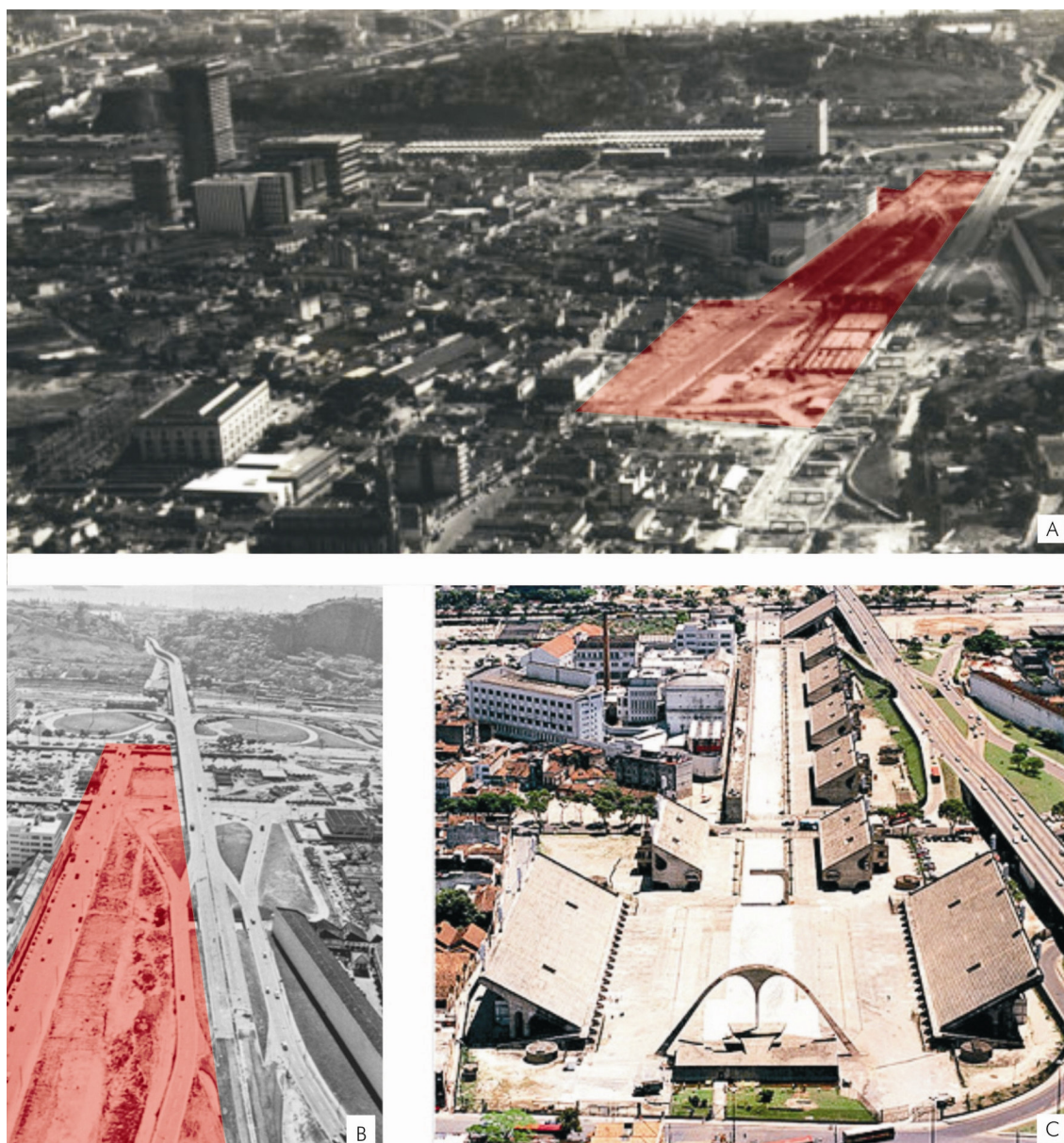


FIG 10. O território anterior e posterior à construção do Sambódromo. (A) A construção do Viaduto 31 de Março e os terrenos livres onde posteriormente foi encaixado o Sambódromo. (B) O Viaduto e o vazio residual de sua construção. (C) O Sambódromo encaixado entre a cidade e o Viaduto 31 de Março. Notar a falta de simetria do conjunto arquitetônico do Sambódromo e dos acessos viários ao Viaduto, que foram redesenhados para permitir o encaixe das arquibancadas (comparar fotos B e C).

A inserção do equipamento Sambódromo não foi esboçada em nenhum dos projetos urbanos anteriores ou posteriores elaborados para a área e também não foi elaborado nenhum estudo que previsse o impacto do equipamento no meio urbano. Para a construção do Sambódromo foi necessário proceder a mais demolições no bairro, e os acessos ao viaduto 31 de Março, adjacentes ao equipamento, foram redesenhados acarretando a perda de simetria do viaduto.

O terreno escolhido para o Sambódromo apresenta área inferior à necessária para o programa da passarela do samba e isso reflete-se na arquitetura do equipamento implementada de forma assimétrica em relação ao seu eixo central. Com a consolidação do complexo, inverteram-se os papéis: o bairro e o viaduto passaram a ser as barreiras para o desenvolvimento completo do Sambódromo.

. A Forma Urbana imposta no território .

O equipamento urbano Sambódromo pode ser descrito como uma grande via, de aproximadamente 700 metros de extensão e 14 metros de largura, onde em uma das extremidades configura-se uma grande praça de aproximadamente 10.000m².

O território total do equipamento, de 85.000m², é ocupado por um conjunto de edificações independentes: nove módulos de arquibancada-camarote, uma extensa edificação exclusiva para camarotes e um arco escultórico na extremidade e no eixo da avenida. O projeto arquitetônico apresenta fortes características modernistas: arquitetura em concreto armado, monumentalidade, edificações sob pilotis etc.

A estrutura urbana do Sambódromo está organizada em três quarteirões divididos por duas avenidas da cidade (Rua Benedito Hipólito e Rua Salvador de Sá). No primeiro quarteirão (FIG 11-trecho 1), compreendido entre a Avenida Presidente Vargas e a Rua Benedito Hipólito, o equipamento apresenta um único módulo de arquibancada simples (setor 01)¹³ no lado esquerdo¹⁴ da rua Marquês de Sapucaí. Este módulo é repetido em outras edificações do equipamento e à sua arquitetura não foram destinadas unidades para camarotes.

No segundo quarteirão (FIG 11-trecho 2), entre as ruas Benedito Hipólito e Salvador de Sá, o lado esquerdo é composto por quatro módulos de

¹³ Foi adotada a nomenclatura oficial das edificações do Sambódromo, atribuída e utilizada pela RIOTUR.

¹⁴ A localização das edificações é atribuída em função do posicionamento do usuário no interior do equipamento, de frente para o arco escultórico.

arquibancada-camarote (setores 03, 05, 07 e 09) intercalados por quatro módulos de cabines de jurados (setores 03AB, 05AB, 07AB e 09AB). Do lado oposto, localiza-se um extenso edifício de três pavimentos (setor 02) para funcionamento exclusivo de camarotes. Esta edificação faz fronteira com as edificações da antiga Fábrica Brahma¹⁵. No mesmo lado, próximo a Rua Benedito Hipólito, localizam duas edificações de apoio¹⁶ (FIG 49D) que não pertencem ao projeto de Niemeyer.

O terceiro e último quarteirão (FIG 11-trecho 3) é composto por dois módulos de arquibancada-camarote (setores 04 e 11), idênticos aos do quarteirão anterior, e dois extensos módulos de arquibancada simples (setores 06 e 13), mais afastados entre si que os anteriores configurando a praça monumental no final da avenida. Este espaço livre chamado de Praça da Apoteose apresenta o símbolo máximo do projeto, o arco escultórico, desenhado para abrigar o museu do carnaval.

Os objetos arquitetônicos foram implantados alheios ao entorno existente e estão voltados exclusivamente para o interior da avenida, de costas para a cidade envolvente. As fachadas traseiras dos módulos de arquibancada apresentam pouco rigor estético embora exerçam forte influência na paisagem do bairro.

¹⁵ A Fábrica Brahma está desativada e parte do seu conjunto arquitetônico encontra-se demolido. É um bem de preservação municipal, mas sofre forte pressão para a sua demolição total para permitir a expansão do Sambódromo.

¹⁶ Não foram obtidos dados referentes à construção destas edificações.

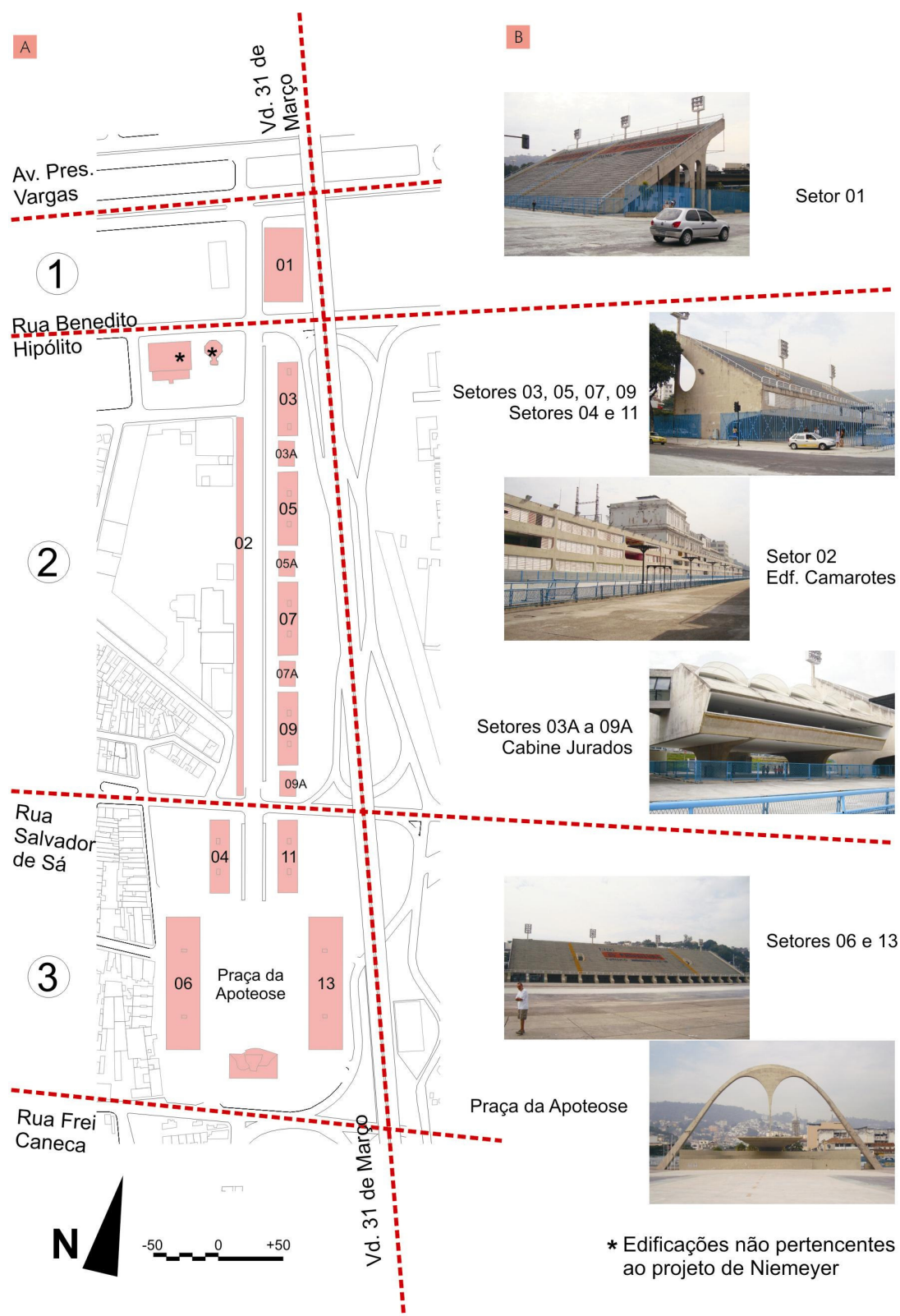


FIG 11. Planta baixa do Sambódromo. (A) Vista geral do conjunto organizado em três quarteirões. (B) Imagens das diversas edificações que compõem o equipamento.

. As funções urbanas: as escolas de samba e as escolas sem samba .

Os objetos arquitetônicos que compõem a passarela foram projetados para abrigar duas funções urbanas distintas: uma relativa ao desfile das escolas de samba e outra relativa à educação básica. Para a primeira função, foram definidas acomodações - em arquibancadas, camarotes, gerais¹⁷ e cadeiras de pista - para um público espectador estimado inicialmente em 88.500 pessoas, distribuídos em:

ACOMODAÇÕES	PÚBLICO
Arquibancadas	50.000
Geral	30.000
Cadeiras de Pista	3.500
Camarotes	5.000
TOTAL	88.500

FIG 12. A estimativa do público carnaval. As acomodações e sua respectiva distribuição de público

Quanto à segunda função urbana, foram definidas unidades escolares que deviam compartilhar as mesmas instalações destinadas aos camarotes, que estão localizados no primeiro nível dos módulos de arquibancada e no edifício de camarotes¹⁸. Os espaços reversíveis (camarote-sala de aula) tiveram as infra-estruturas de apoio (sanitários e cozinhas) programadas para atender às duas atividades.

Em cada módulo de arquibancada foi definida uma unidade de educação, nos moldes dos CIEPs. O projeto previa nove blocos para as seguintes atividades escolares: Creche, Maternal, Pré-escolar, 1º Grau, Escola Supletiva, Administração, Escola Parque, Escola de Dança e Ginástica e Escola de Música. As 200 salas de aula construídas poderiam atender cerca de 15.000 alunos (FIG 13).

¹⁷ A geral foi a acomodação popular proposta por Niemeyer para atender aos espectadores que não podiam pagar os ingressos. Entretanto, essas acomodações foram completamente substituídas por cadeiras de pista.

¹⁸ Constituem exceção os dois últimos módulos de arquibancada (setores 06 e 13) onde as salas de aula não são reversíveis para abrigar a função de camarotes.

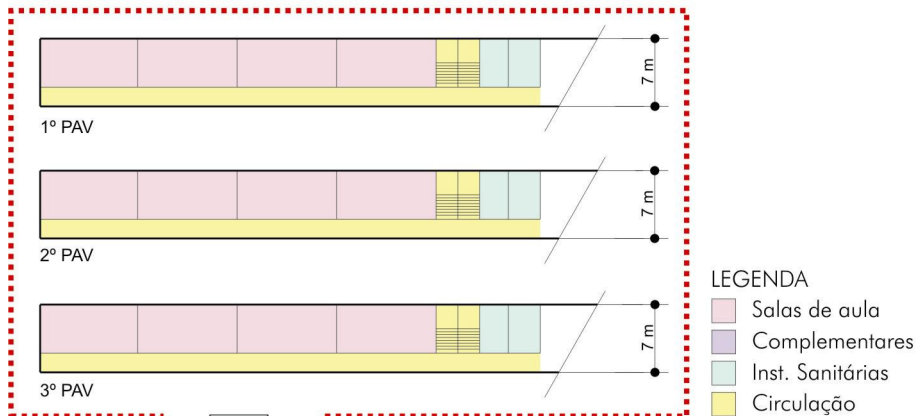
UNIDADE	BLOCO	ATENDIMENTO	QUANTIDADE DE ALUNOS			TOTAL
			MANHÃ	TARDE	NOITE	
Creche	Setor 13	3 meses a 2 anos	140	140	x	280
Maternal	Setor 06	2 a 4 anos	252	252	x	504
Pré-Escolar	Setor 06/13	5 a 6 anos	714	714	x	1428
1º Grau (1º a 4º séries)	Setor 03/05/09	7 a 12 anos	1080	1080	1080	3240
1º Grau (5º a 8º séries)	Setor 07/09	ensino regular	714	714	714	2142
Escola Supletiva	Setor 04	ensino supletivo	520	520	520	1560
Administração	Setor 02	Prefeitura do Conjunto	x	x	x	x
Escola Parque	Setor 02	educação juvenil	900	900	900	2700
Escola de Dança/ Ginástica	Setor 02	educação artística	800	1200	600	2600
Escola Música	Setor 02	educação artística	580	725	435	1740
TOTAL			5700	6245	3949	16194

FIG 13. A estimativa de alunos. A distribuição das unidades escolares de acordo com as edificações e o número de alunos programados.

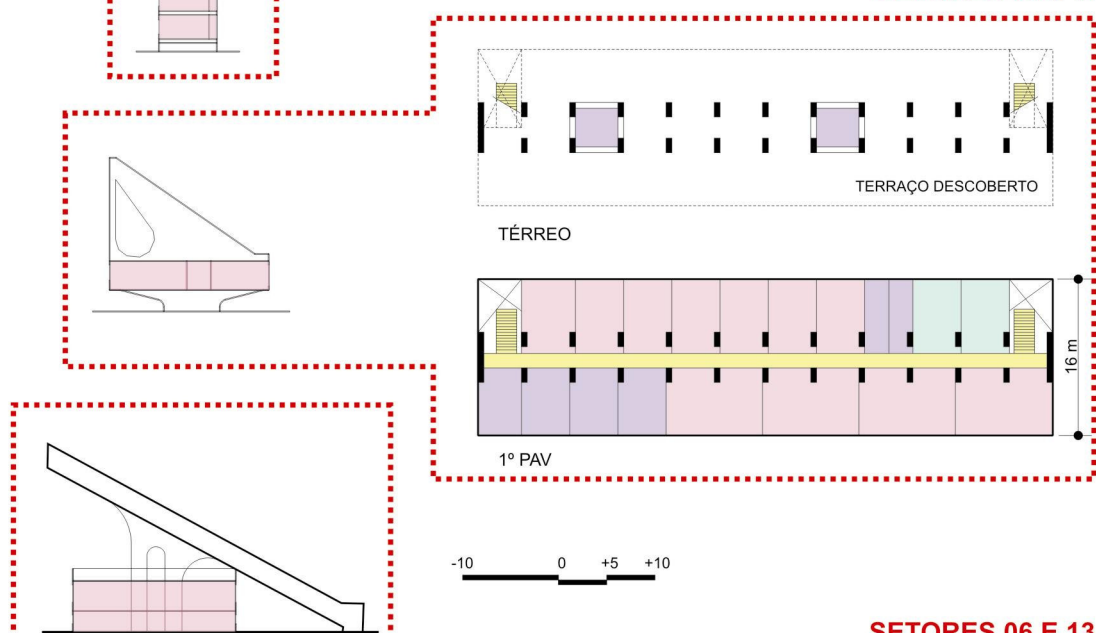
Como justificativa para o brutal investimento do governo e para viabilizar a ocupação permanente do Sambódromo, o conjunto arquitetônico da Passarela do Samba teve como premissa fundamental a utilização do espaço físico para a educação pública. O desafio colocado a Niemeyer era conciliar as duas funções urbanas no mesmo espaço arquitetônico. Segundo depoimento do engenheiro responsável, José Carlos Sussekind, obteve-se uma vitória da imaginação criadora:

(...) graças a correta integração entre arquitetura e técnicas de construção, uma solução que conciliou beleza (evitando as abomináveis arquibancadas tubulares ou em chapa de aço) com economia, conseguindo-se uma obra que se pagará em dois carnavais, e trazendo, ainda, o “troco” nada desprezível de um completo complexo educacional, com 10.000m² de área e 200 salas de aula, que servirá a cerca de 15.000 alunos (PASSARELA DO SAMBA, 1983: 04).

SETOR 02



SETORES 03 a 11



SETORES 06 E 13

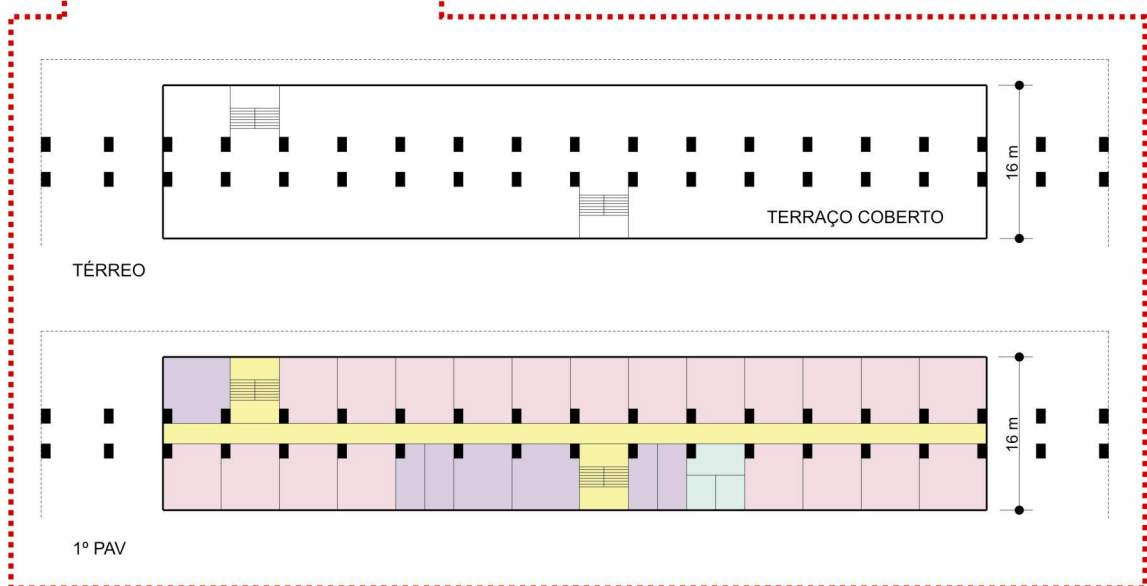


FIG 14. Projetos salas de aula. Os módulos de arquibancada e os camarotes/ sala de aula. O modelo dos setores 06 e 13 não compartilha o espaço arquitetônico com a atividade de camarotes.

O projeto de Niemeyer não trouxe apenas a inovação do conteúdo programático educacional. Uma outra inovação foi a criação da Praça da Apoteose na extremidade da passarela. A idéia era proporcionar um final apoteótico aos desfiles carnavalescos, permitindo uma evolução mais livre dos sambistas na grande praça, sem o rigor técnico que os desfiles exigem. A idéia de proporcionar um desfile mais criativo foi exacerbada com a avaliação de um quesito especial relacionado ao grande final. O quesito “apoteose” foi avaliado em apenas dois carnavais. Desde a elaboração do projeto, a implantação da Praça da Apoteose suscitou polêmicas, como está evidenciado neste fragmento do jornal O Globo:

Para muitos, o capítulo da apoteose foi exemplo mais que suficiente de que o arquiteto teria desenhado a Passarela sem sequer saber como é um desfile de carnaval – já que como ele confessara, nunca havia assistido às escolas de samba na avenida (OGLOBO, 02/03/1984).

De acordo com os idealizadores, tal como os blocos de concreto do Sambódromo continuariam cheios de vida para além do período do carnaval, também a Praça da Apoteose foi também concebida para receber outras atividades: o pátio de recreação para as escolas públicas e a realização de concertos e solenidades nos fins-de-semana. Sob o arco escultórico destinava-se a abrigar o museu do carnaval, com muita elegância, como refere o engenheiro responsável pelo projeto:

O Museu do Carnaval é, evidentemente, uma jóia arquitetônica – um marco eterno para o Rio de Janeiro – e como tal foi tratado. O calculo estrutural buscou a máxima elegância e arrojo para o arco em que se suspende a carga da marquise de cobertura do palco. A secção do arco é triangular, visando obter uma forma que em vista lateral, dá a ela a configuração de um obelisco. A marquise tem expressiva leveza, lembrando a asa de um passaro voando, tal como concebido pela arquitetura (PASSARELA DO SAMBA, 1983: 04).

Em resumo, o Sambódromo foi idealizado para ser um espaço multifuncional: (1) a *função educacional* dos CIEPS, (2) as *atividades de lazer* dos eventos culturais, (3) a *função turística* do museu do carnaval; e finalmente (4) a *função específica* do desfile das escolas de samba. Duas questões se colocam. Será que o projeto arquitetônico implementado tinha capacidade para desempenhar

concomitantemente as atividades previstas? Ou será que a multifuncionalidade foi sobretudo o argumento para viabilizar o investimento do governo num templo definitivo para o carnaval carioca?

2.3

Passarela Consolidada: O Sambódromo hoje

No próximo fevereiro de 2009 serão comemorados 25 anos do templo definitivo do carnaval carioca. Atualmente batizado por Passarela Darcy Ribeiro, o Sambódromo é um bem preservado pelo governo fluminense¹⁹ e o desfile das escolas de samba tornou-se um dos maiores eventos da cidade do Rio de Janeiro.

A rígida arquitetura em concreto armado do Sambódromo pouco sofreu alterações arquitetônicas. Entretanto, para serem desempenhadas, as funções urbanas previstas foram se ajustando à forma arquitetônica e adaptando efemeramente o espaço físico. Em cada novo carnaval, o espaço arquitetônico do Sambódromo consolidava a função urbana dos desfiles de carnaval, à medida que se reduzia a importância das outras funções urbanas previstas mas parcialmente desempenhadas. Observam-se dois Sambódromos em funcionamento. O Sambódromo sem samba e o Sambódromo com samba.

. O Sambódromo sem samba, fora do período do carnaval .

Apesar da política de marketing urbano do empreendimento, o Sambódromo não se consolidou como previam os seus promotores. Logo à partida, as escolas de educação básica, que serviriam de justificativa a construção do equipamento, não chegaram nunca a receber os 15.000 alunos estimados. Previstas para iniciarem as atividades escolares um mês após o carnaval de 1984, foram

¹⁹ Fluminense é o nome relativo ao estado do Rio de Janeiro ou ao habitante natural do estado do Rio de Janeiro.

necessários seis meses para as salas de aula ficarem prontas e de forma incompleta (SALA, 1984).

Para viabilizar a mudança de uso, todos os anos, após os dias de festa do samba, foi previsto que o Sambódromo passasse por obras de adaptação, manutenção e reparo. Além da limpeza e pintura da avenida, cada camarote precisaria de obras de reparação. Eram retirados os elementos decorativos, executadas pinturas nas paredes e tetos, consertos nas partes deterioradas e o mobiliário escolar era re-posicionado nas salas de aulas, pois ficavam guardados em depósitos durante o período de carnaval. Essa conturbada logística anual, aliada às despesas seqüenciais a festa, desencorajaram a insistência para o funcionamento das salas de aula na grande avenida.

Ainda hoje resistem unidades escolares no espaço físico do Sambódromo. Apenas quatro dos nove blocos (os setores 07, 04, 13 e 06) desempenham essas atividades, totalizando 831 alunos matriculados no ano letivo de 2008²⁰. Existem algumas especificidades nas atividades desempenhadas nestas unidades escolares. As escolas só atendem crianças de baixa idade, pois as grandes dimensões do Sambódromo dificultam o controle dos alunos, optando-se assim pela educação de crianças com pouca mobilidade. Outra questão é o ano letivo²¹ que funciona em calendário reduzido. As aulas só podem iniciar depois de concluída a festa carnavalesca e as obras de adaptação.

Os espaços arquitetônicos das salas de aula foram desenhados para desempenhar a atividade festiva dos camarotes e sofrem, por conseqüência, adaptações para funcionar como sala de aula. No módulo padrão de arquibancadas, as esquadrias em venezianas foram cuidadosamente desenhadas para promoverem a abertura completa do vão, resultando na altura de peitoril de apenas 50 centímetros (FIG 15C). Para receber os alunos nestes espaços, as salas de aula têm as esquadrias constantemente fechadas, o que resulta uma iluminação natural ineficaz.

²⁰ Segundo a Secretaria Municipal de Educação, os setores 07, 13 e 06 desenvolvem atividades pré-escolares e o setor 04 é uma creche. Fonte: <http://www.rio.rj.gov.br/sme>

²¹ No Brasil, as férias de verão são nos meses de dezembro e janeiro e o ano letivo inicia-se em fevereiro durando até o mês de dezembro.

As salas de aula dos setores 06 e 13, ainda hoje em funcionamento, não foram projetadas para partilharem o espaço com camarotes. Como as salas de aula estão localizadas sob as arquibancadas, além de não existir iluminação natural, a ventilação é deficiente (FIG 15D). Outro exemplo da prioridade aos dias de folia são os banheiros que servem os módulos de arquibancada. Para atender as crianças são necessárias adaptações grosseiras, como bancos e escadas, que permitam vencer a altura (FIG 15E).

Quanto ao conteúdo programático dos CIEPs, tornou-se difícil a manutenção dos espaços complementares: refeitórios, bibliotecas, laboratórios, oficinas etc. Esses espaços exigem tratamento arquitetônico especial, que eram desprezados com a alteração de uso anual. A deslocação anual do mobiliário escolar para os depósitos também causava inúmeros danos às peças. Como não foram previstos depósitos próprios em cada módulo de arquibancada, o transtorno da deslocação para depósitos exteriores ainda era agravado.



FIG 15. A precariedade arquitetônica das salas de aula. (A) Resquícios da luminotécnica personalizada para os camarotes. (B) Mobiliário deslocável. (C) Esquadrias inapropriadas para as salas de aulas e para as crianças. (D) Salas de aula sob arquibancadas, sem iluminação natural e ventilação deficiente. (E) Adaptações grosseiras para os banheiros infantis.

A segunda função urbana a ser desempenhada no espaço polivalente do Sambódromo, as atividades culturais da Praça da Apoteose, não se concretizaram como previsto. “A realização semanal de grandes bailes aos sábados e de diversos eventos culturais aos domingos”, como apregoava o prospecto de inauguração (RIOTUR, 1984), não se cumpriu. A Praça da Apoteose, enquanto “templo da cultura e do esporte”, foi inaugurada com um concerto do cantor brasileiro Milton Nascimento, em 28 de abril de 1984 (MILTON, 1984).

Esta praça não chegou a se consolidar como um “templo da cultura do Rio de Janeiro” (RIOTUR, 1984), porém ainda recebe esporadicamente eventos, que em sua maioria são concertos musicais. Segundo a Diretoria de Operações e Eventos da RIOTUR²², responsável pela locação do espaço, não existe um calendário de eventos fixos anuais para se observar a frequência de utilização da Praça da Apoteose.

Para a realização de eventos na Praça da Apoteose são necessárias mais adaptações e alterações ao corpo do Sambódromo. São instalados novos sistemas de iluminação e som, áreas de serviço (restauração, sanitários), etc. Também é imprescindível a construção de estrutura provisória como palco do evento, pois o palco projetado por Niemeyer, escalonado em três níveis, apresenta dimensões insuficientes.



FIG 16. A metamorfose da Praça da Apoteose. (A) A montagem de estruturas temporárias. As obras de adaptação conflitam com a atividade escolar. (B) Evento Red Bull XFighters realizado maio/ 2008.

²² A RIOTUR (Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro) é responsável pela administração do espaço arquitetônico do Sambódromo.

Sob o palco do arco escultórico da Praça da Apoteose, o arquiteto projetara o Museu do Carnaval, na incumbência de o espaço promover um fluxo constante de turistas. Todavia o projeto do museu, num compartimento de pequenas dimensões, foi abandonado e abriga hoje a função de depósito e de camarins dos concertos realizados na Praça da Apoteose.

Para promover a atração de turistas não foi necessário construir um espaço exclusivo para este fim. Atualmente, é a própria obra arquitetônica que desperta o interesse de visitação. Mesmo fora do período do carnaval, os turistas visitam a passarela, que se concretizou como o palco do grande evento mediático: o desfile das escolas de samba da cidade do Rio de Janeiro. A passarela não está todavia preparada para garantir qualidade no serviço de acolhimento aos turistas, havendo apenas uma pequena edificação para venda de objetos de recordação.

A análise da estruturação das três funções urbanas desempenhadas fora do período do carnaval, mostra que a atividade escolar é a única que ainda mantém um desempenho constante, mesmo que o oferecimento da atividade seja insatisfatório. As atividades de lazer realizadas na Praça da Apoteose são apenas uma alternativa para a realização de eventos na cidade. Já a função turística do museu não vingou embora a passarela tenha se tornado atração turística. Em primeira conclusão, observa-se que a maior parte das instalações do Sambódromo não têm uso fora do período do carnaval, configurando-se assim um espaço vazio no bairro da Cidade Nova.

. O Sambódromo com samba, o período do carnaval .

O desfile das escolas de samba, a função urbana que configurou o equipamento Sambódromo, é hoje considerado o maior evento da cidade do Rio de Janeiro. O monumento de Niemeyer exibe-se na paisagem como um conjunto que simboliza a vitória do samba no meio urbano e apesar de seu caráter desolado durante 359 dias do ano, nos dias de carnaval o espaço se enche de cores, de brilho, de alegria e toda a cidade se volta para as arquibancadas iluminadas. O desfile do carnaval carioca é repercutido em meios de comunicação brasileiros e

internacionais e o evento é fonte de lucros exorbitantes para vários setores da indústria cultural e para o setor turístico da cidade.

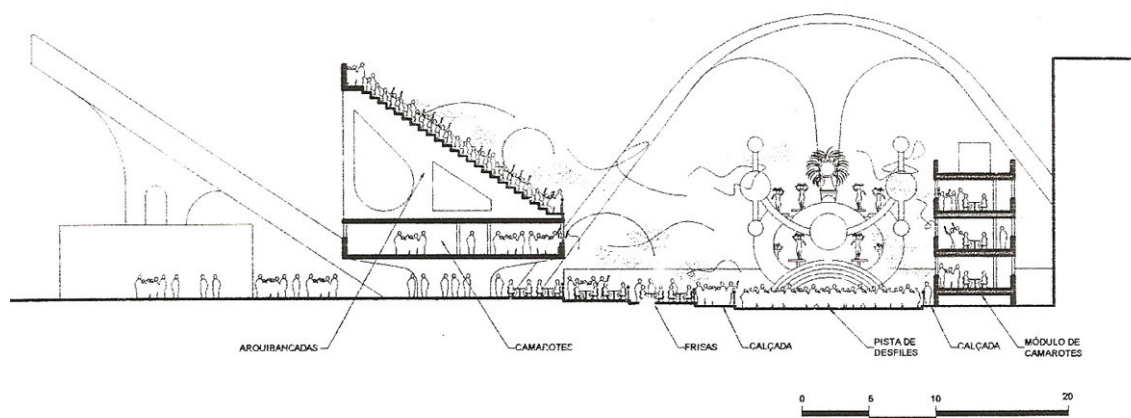


FIG 17. A passarela dos desfiles. A distribuição das acomodações do público: arquibancadas, camarotes e frisas, estas últimas construídas para os dias de desfile em substituição à acomodação da geral, programada pelo projeto de Niemeyer.

A forma urbana do Sambódromo contribuiu para a interiorização e privatização do espetáculo, que hoje volta-se prioritariamente ao turismo, à transmissão televisiva e ao divertimento da elite, que pode adquirir ingressos caríssimos e ocupar os melhores lugares da passarela.

As acomodações do espetáculo estão atualmente divididas em arquibancadas (setores 03, 04, 05, 07, 09 e 11), arquibancadas populares²³ (setores 01, 06 e 13), camarotes (setores 02, 03, 04, 05, 07, 09 e 11), frisas e cadeiras individuais. A obra arquitetônica privilegiou o público espectador mais do que o sambista como o principal usuário do espaço apresentando hoje espaços e serviços exclusivos para receber com conforto aqueles que rentabilizam a festa²⁴. As acomodações apresentam lotação máxima de 60.000 espectadores por noite, e

²³ São consideradas arquibancadas populares por localizarem em partes menos privilegiadas do desfile. O setor 01 está em frente a área de concentração das escolas de samba enquanto que os setores 06 e 13 estão na área da evolução final da escola, zona de dispersão.

²⁴ O setor 09, por exemplo, é destinado exclusivamente aos turistas e apresenta serviços especiais, como distribuição de almofadas, atendimento em posto médico exclusivo e sistema de orientação personalizada (fonte: <http://www.rio.rj.gov.br/riotur>). As acomodações deste setor são as mais caras de toda a avenida.

durante o desfile de uma escola, o Sambódromo atrai um público estimado em 82.500 pessoas²⁵.

Apesar da construção de um espaço definitivo para a atividade do carnaval, para o Sambódromo desempenhar sua principal função urbana, requer que o equipamento também passe por obras de adaptação. O processo de metamorfose inicia-se nos dois meses antecedentes ao espetáculo e atinge diferentes escalas e níveis de intervenção.

A passarela, em forma de corredor, adequou-se perfeitamente à linearidade da festa em desfile mas a praça projetada no final da avenida, com a função de proporcionar uma evolução diferente ao desfile, não foi absorvida pelos sambistas. Após dois anos de fracasso, o espaço foi ocupado com duas faixas de cadeiras de pista desmontáveis, prolongando a linha do desfile em forma de passarela.

Além da instalação de cadeiras de pista, são instalados também módulos de frisa provisórios, ao longo de todo o lado esquerdo da avenida. As unidades dos camarotes recebem projetos de interiores personalizados, são criadas áreas de descanso para os foliões privilegiados, painéis publicitários ocupam as fachadas traseiras das arquibancadas e diversos quiosques de alimentação são instalados pelas marcas patrocinadoras. A “mediatização” do espetáculo traz a sofisticação dos serviços oferecidos e o interesse de marcas patrocinadoras se associarem ao evento.

²⁵ A RIOTUR até hoje não produziu um levantamento com o número de pessoas que convergem ao Sambódromo nas noites principais. O cálculo aqui apresentado foi baseado no número de componentes mínimo das escolas de samba (2.500). Enquanto uma escola ocupa a avenida, duas já estão posicionadas na área de concentração, apresentando um total de 7.500 foliões. O Terreirão do Samba, espaço adjacente ao Sambódromo para concertos populares, recebe aproximadamente 15.000 pessoas/ noite, totalizando assim 82.500 (Cálculo indicado pela RIOTUR). Sabe-se que este número está sub-estimado, pois cada escola pode se apresentar com um máximo de até 4.500 integrantes, além de não terem sido incluídas os diversos funcionários de apoio, os ambulantes, os visitantes da área de concentração etc.

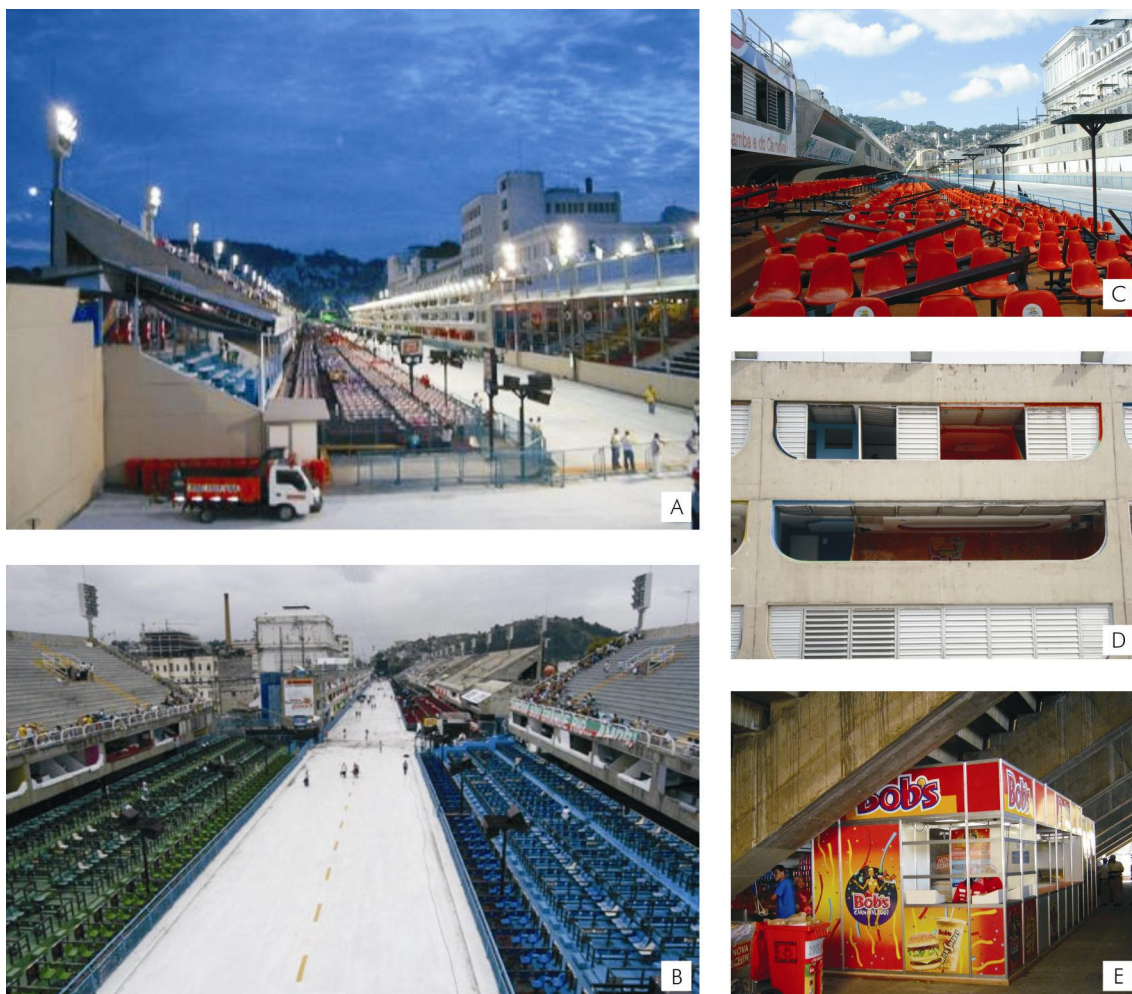


FIG 18. As adaptações ao corpo do Sambódromo. Para a realização do desfile do carnaval, o Sambódromo precisa de adaptações temporárias, assim como aconteciam nos desfiles realizados nas ruas da cidade. (A-B) A avenida e as acomodações de público acrescidas (C) Cadeiras de pista ao longo de toda a avenida. (D) Camarotes personalizados com arquitetura de interiores. (E) Arquitetura desmontável dos quiosques de restauração.

Não só o corpo do Sambódromo sofre adaptações. O entorno imediato vê a sua dinâmica cotidiana alterada e principalmente os moradores sofrem os inconvenientes da festa. Para garantir a realização da festa, o deslocamento dos foliões e o deslocamento das alegorias carnavalescas, são necessárias diversas alterações ao sistema viário e aos sistemas de transportes da cidade. O impedimento ao tráfego viário acontece tanto nas ruas do entorno imediato como nos eixos estruturais da cidade. A Avenida Presidente Vargas, por exemplo, acomoda na faixa adjacente ao Sambódromo, a zona de *concentração* das escolas de samba. Já a Rua Frei Caneca desempenha a função de *dispersão* das escolas de samba. Diversas linhas de ônibus da cidade têm seus trajetos alterados e o serviço de metrô é ininterrupto durante os principais dias da festa. Em suma, a cidade se molda para receber o espetáculo das escolas de samba.

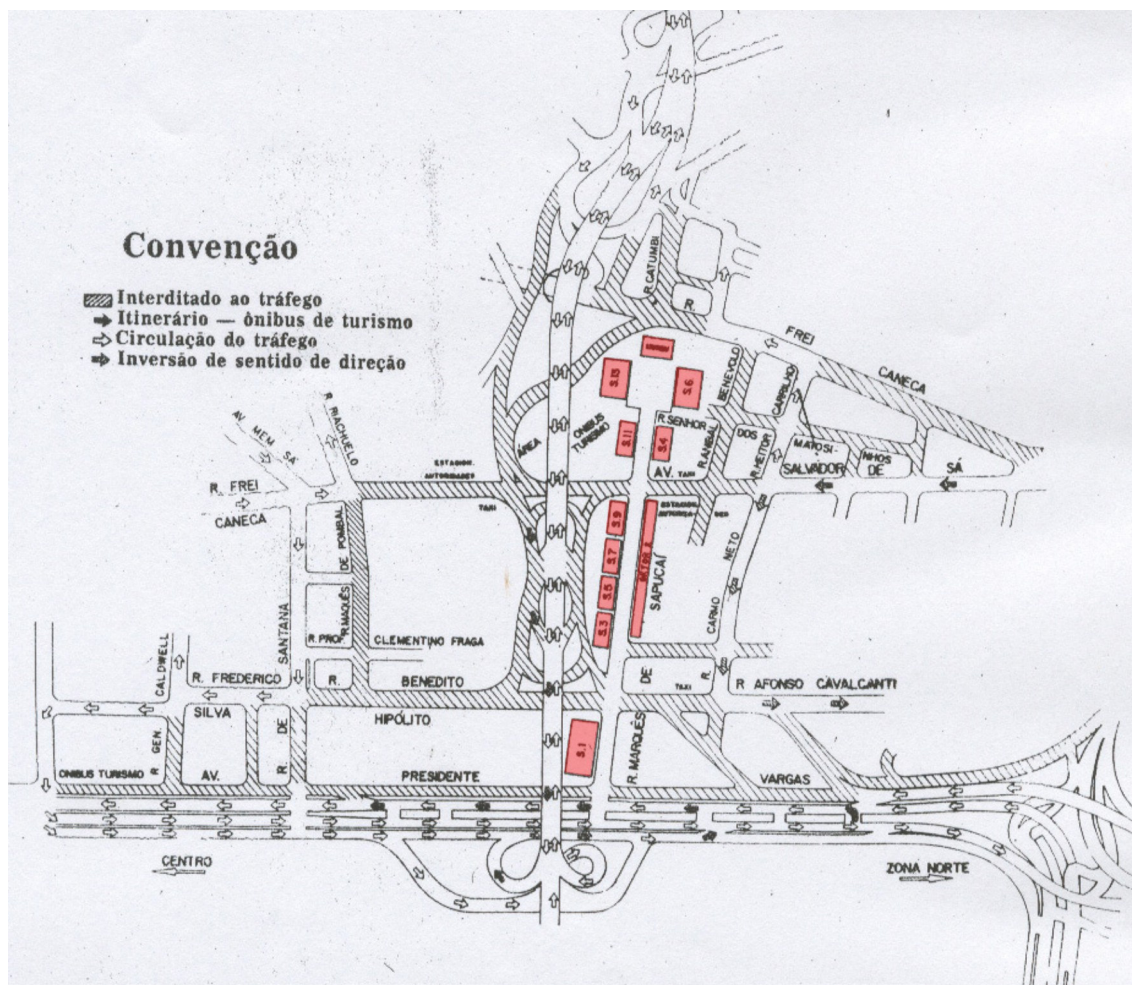


FIG 19. O impacto na região circundante. Como se observa, a realização do desfile das escolas de samba extrapola os limites físicos do Sambódromo. Apesar de o desfile restringir-se ao interior do Sambódromo, a exteriorização é imprescindível para permitir o desempenho do espetáculo.

. O patrimônio arquitetônico do samba .

Apesar de todas as alterações à estrutura da cidade e as adaptações provisórias ao corpo do Sambódromo, o espaço arquitetônico da Passarela Darcy Ribeiro é considerado patrimônio estadual desde 1994, dez anos após a sua construção. Classificado pelo INEPAC (Instituto Estadual do Patrimônio Cultural), com o documento número E-18/000.098/94, as justificativas de preservação são o valor arquitetônico da obra e a importância para a celebração do evento. Segundo o texto do processo de tombamento²⁶ do INEPAC:

²⁶ “Tombar significa inscrever em um dos quatro livros do tomo um bem móvel ou imóvel existente no país [Brasil], cuja preservação seja de interesse público; o bem fica sob a guarda do Estado para que, em parceria com o proprietário e/ou usuário, seja conservado e protegido (IPHAN, s.d.). Em Portugal designa-se *classificar*.”

(...) o Sambódromo foi concebido para substituir as arquibancadas de estrutura tubular provisórias que eram anualmente montadas durante o Carnaval para o desfile das escolas de samba. As primeiras escolas de samba da cidade surgiram antes de 1930. Constituem a versão maior, mais complexa e mais formalizada dos diversos tipo de grêmios recreativos que desde o final do século XIX desfilam pelas ruas. O Sambódromo, inaugurado em 1984, é um complexo de arquibancadas e camarotes dispostos ao longo de 650m que acomodam um público de cerca de 60 mil pessoas. A arquitetura conjuga o arrojo característico das criações de Oscar Niemeyer com a simplicidade formal e austeridade de acabamentos, necessárias para a valorização do espetáculo multicolorido e dinâmico dos desfiles. A nota monumental do complexo arquitetônico concentra-se no grande arco da praça da apoteose, ao final da avenida, cuja perna central sustenta a laje de cobertura do museu do Carnaval. Durante o ano os camarotes funcionam como salas de aula para cerca de 4.000 alunos. Na praça da Apoteose promovem-se eventos musicais (INEPAC, s.d.)

O Sambódromo, como um bem tombado, só pode sofrer obras de acréscimo ou alterações definitivas através de aprovação prévia do órgão público responsável. A única alteração definitiva ao corpo do Sambódromo foi a construção dos últimos módulos de camarotes (os setores 3A a 9A), projeto de autoria de Oscar Niemeyer, alguns anos após a inauguração da passarela.

Mas o que prevalece na obra de Niemeyer que justifica preservação pública? O valor simbólico ou o valor arquitetônico-urbano? Como pode ser verificado, todas as funções urbanas são desempenhadas insatisfatoriamente, até mesmo a atividade do carnaval. E, para o funcionamento de cada uma das atividades, a forma arquitetônica rígida precisa de ser adaptada. Será que a forma arquitetônica do Sambódromo justifica por si só a sua preservação? Ou, será que houve, desde a sua concepção, imposição da passarela como símbolo da cidade?

Passarela Irrradiada: a estruturação da função urbana do carnaval

As escolas de samba, os verdadeiros produtores do espetáculo evoluído no Sambódromo, configuraram-se à morfologia do espaço disponível. As escolas se agigantaram em número de componentes, em luxo e em alegorias. E os espetáculos tornaram-se produções de grande complexidade profissional. Para a produção de mega-espetáculos, exigiu-se a especialização de técnicas, a melhoria das infra-estruturas de apoio e uma logística eficiente.

O Sambódromo, o verdadeiro impulsionador do fenômeno cultural e econômico das escolas de samba, também teve o seu conteúdo programático disseminado por outras localidades do Brasil, interessadas em produzir o mesmo fenômeno da indústria do carnaval.

. A indústria do carnaval carioca .

O Sambódromo é o equipamento que permite a celebração do trabalho artístico/profissional elaborado anualmente por cada escola de samba. Essa celebração só existe graças a um trabalho intenso de produção, que contribui na geração de renda de centenas de trabalhadores cariocas. As origens da produção do carnaval carioca também estão relacionadas com o meio originário das escolas de samba. Os locais para desempenhar o conjunto de atividades de produção de fantasias, adereços e alegorias, popularmente chamados por *barracões*²⁷, sempre estiveram dispersos, geralmente em galpões, pelos espaços das favelas e da cidade formal do Rio de Janeiro. Com a espetacularização do carnaval e a conseqüente profissionalização exigida na produção do carnaval, a indústria do carnaval carioca vem-se expandindo.

Deste modo, em 2005, a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro apostou na criação de um outro equipamento cultural do samba. O empreendimento Cidade do Samba, tal como o Sambódromo, ocupou um vazio urbano da cidade e surgiu como alternativa para a revitalização da Zona Portuária carioca.

²⁷ Oficina de arte de uma escola de samba (MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA, s.d.)

O projeto visou concentrar a produção do carnaval das mais destacadas escolas de samba em um mesmo local, através da construção de 14 barracões desenhados exclusivamente para atender ao programa de produção carnavalesca. O grande empreendimento inclui lojas, restaurantes, estacionamento e a realização de pequenos espetáculos e exposições. A Cidade do Samba pretende concentrar a produção do carnaval e permitir que a visita dos turistas “ao mundo do samba” seja facilitada durante todo o ano. Será que este grande equipamento de função específica e de uso descontínuo pode desempenhar atividades o ano todo? Ou poderá se transformar em mais um equipamento subutilizado como o Sambódromo?



FIG 20. Cidade do Samba. O equipamento criado recentemente em complementariedade à atividade do carnaval.

. A difusão do programa “sambódromo” .

O Sambódromo consolidou-se como o espaço exclusivo para os desfiles de carnaval. E tanto o neologismo “sambódromo”, quanto o seu conteúdo programático foram disseminados. Hoje, encontramos outros sambódromos²⁸ espalhados pelos estados brasileiros: Centro de Convenções de Manaus, Manaus (1986); Passarela Nego Quirido, Florianópolis (1989); Sambódromo do Anhembi, São Paulo (1991); Complexo Cultural Pista de Eventos Porto Seco, Porto Alegre (2003); entre outros. O neologismo foi estendido dando criação, por exemplo, ao “bumbódromo” de Parintins, Amazônia (1988), uma espécie de sambódromo para a realização da Festa do Boi-bumbá, típica da região amazonense.

²⁸ Utiliza-se a palavra sambódromo com letra minúscula quando se refere à função urbana do carnaval. Com letra maiúscula, refere-se exclusivamente ao equipamento do Rio de Janeiro.

O sambódromo de São Paulo também foi projeto de Oscar Niemeyer, porém, menos ambicioso que o modelo carioca, abriga apenas a função cultural do carnaval paulistano e a realização de alguns eventos culturais e esportivos. A exportação do modelo carioca só atendeu à função carnavalesca. Em todos os exemplares brasileiros foram desprezadas a inovação da Praça da Apoteose e a concomitância a outras funções urbanas para os restantes meses do ano.

Apesar de existirem diversos sambódromos brasileiros, o Sambódromo do Rio de Janeiro é a referência cultural do evento originário da cidade do Rio de Janeiro, e é também referência brasileira.

Cabe agora conhecer a outra faceta desta referência cultural. Como o Sambódromo está inserido no seu território e quais são as suas relações com o espaço urbano envolvente.

O Sambódromo inserido em um “pedaço da cidade”¹

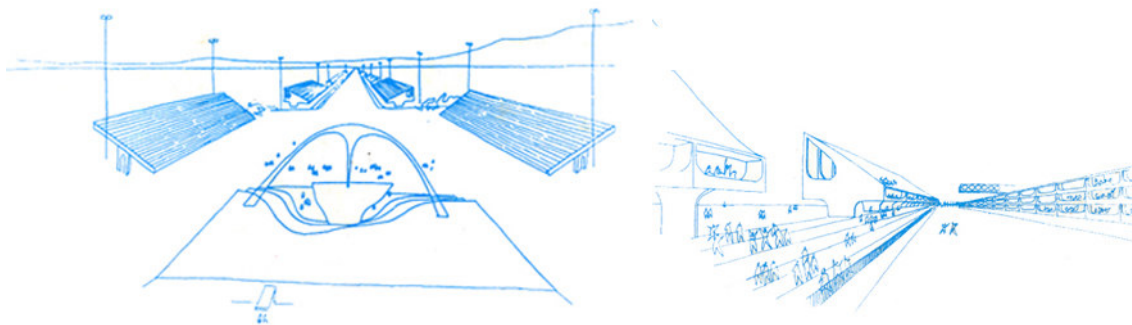


FIG 21. Croquis de Niemeyer para o Sambódromo. Para onde será que o arquiteto idealizou o projeto? O urbanismo modernista e a despreocupação com a envolvente existente.

Ao observar os croquis concebidos por Niemeyer para ilustrar a forma urbana do Sambódromo percebe-se que a despreocupação com a cidade foi evidenciada desde o início do projeto. O arquiteto concebeu o símbolo instalado num campo vazio mas este foi imposto num contexto construído, o qual foi notoriamente ignorado.

Esse contexto, o bairro da Cidade Nova, é um território rico em história urbana. A complexidade espacial do território é resultado do somatório das políticas públicas de renovação urbana que incidiram sobre o espaço, no desejo de modificar a imagem de um bairro decadente. Contudo, esta não foi alcançada mas a forma urbana do território alterou-se substancialmente, principalmente em consequência da intromissão de grandes obras viárias para a escala da cidade.

O Sambódromo, fruto de uma grande intervenção pública, trouxe não apenas alterações à forma do bairro, mas principalmente grandes impactos ao território envolvente, que atingem os bairros adjacentes. Os dias de festa e de organização do carnaval proporcionam alterações à dinâmica dos moradores deste espaço urbano e inúmeras adaptações e alterações, de caráter provisório, à envolvente.

¹ Expressão extraída do artigo *Por uma cidade contemporânea* (KOOLHAAS, 2006).

O território ignorado no projeto de Niemeyer, será aqui apresentado e analisado, a partir das suas inter-relações com o Sambódromo, hoje o maior símbolo do bairro. A análise é iniciada pela história urbana do bairro e pela história dos planos de renovação incidentes sobre o espaço urbano, em que o vazio resultante de grandes demolições permitiu o nascimento do equipamento. Em seqüência, serão expostas as principais características formais da envolvente que rodeia o equipamento. O objetivo deste ponto é conhecer os conflitos existentes entre o bairro residencial e o equipamento de forte impacto sobre o meio urbano. Depois dessa análise serão apresentados alguns dos impactos que o Sambódromo gera à envolvente.

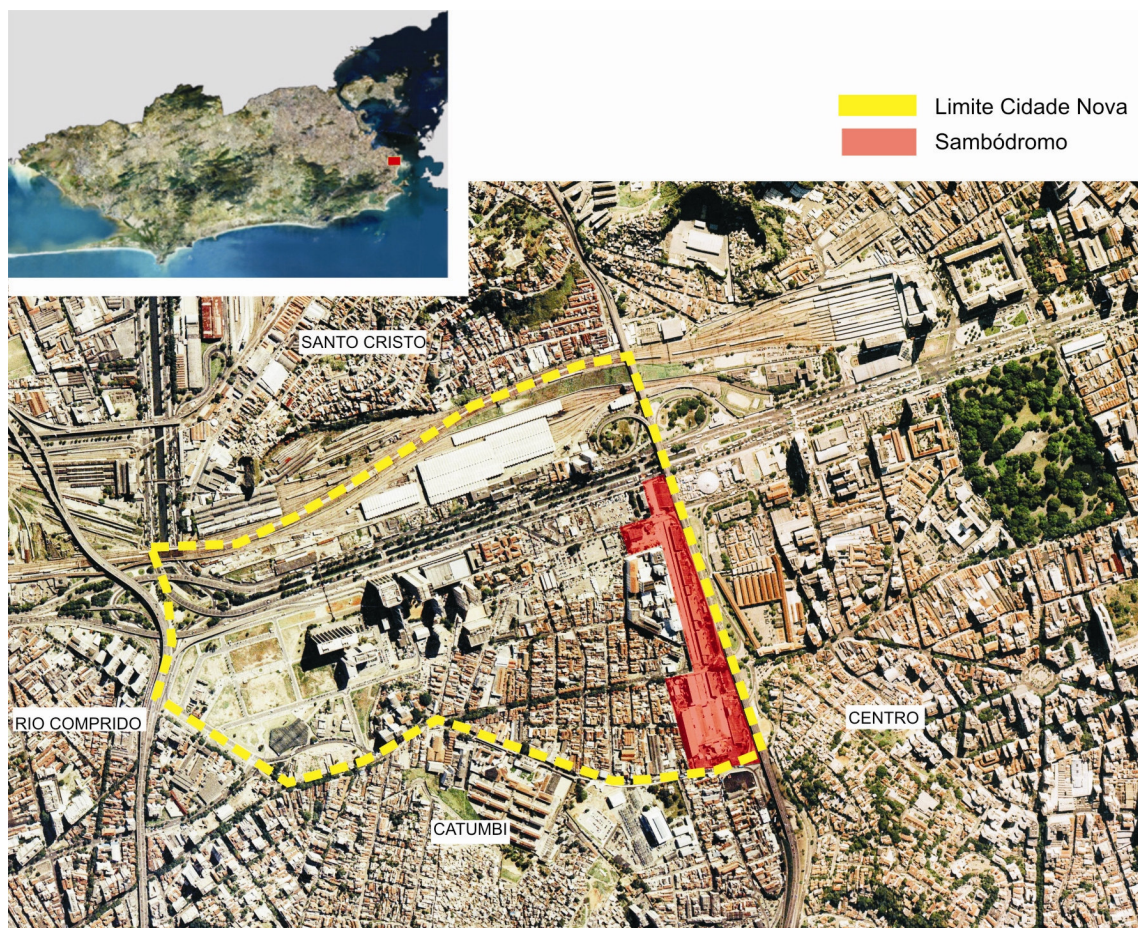


FIG 22. O pedaço da cidade onde foi inserido o Sambódromo. O bairro da Cidade Nova e seus bairros adjacentes: Catumbi, Centro, Rio Comprido e Santo Cristo. Variados tipos de tramas urbanas e vazios urbanos.

3.1

De periferia a lugar de passagem

O bairro da Cidade Nova, onde se localiza o Sambódromo, apresenta um território de grande complexidade espacial e de forte riqueza cultural. Este território, fruto da aterragem do Mangal de São Diogo (FIG 23A), tem sua ocupação iniciada a partir da chegada da Família Real portuguesa ao Brasil em 1808. Diversas ações da Corte² motivaram a ocupação desta região periférica relativamente ao centro, que rapidamente se expandiu, resultando no bairro da Cidade Nova.

Considerada a parte mais moderna da cidade para a época, o nome Cidade Nova foi atribuído em contraposição à parte existente e mais antiga do Rio: a Cidade Velha. A paisagem inicial da região era predominantemente constituída pela tipologia de casario assobradado, típico da arquitetura colonial, destinado à elite do Império.

A rua que deu lugar ao Sambódromo, a Rua Marquês de Sapucaí, é uma das primeiras ruas do bairro (FIG 24B). Aberta em 1840, conectou o bairro da Cidade Nova ao bairro do Catumbi³, na época prioritariamente residencial, ocupado pela elite local. Ao longo desta rua instalou-se em 1888 a primeira Fábrica da Cervejaria Brahma (FIG 24C), e ao seu lado uma vila operária para seus funcionários, que hoje são fronteiras do Sambódromo.

Os aterros avançavam e em 1858 inaugura-se a EFCB (Estrada de Ferro Central do Brasil) sobre os aterros realizados ao norte do Canal do Mangue⁴ (FIG 24B). Somente próximo ao fim do segundo reinado brasileiro (1840-1889) é que acontece a ocupação completa da Cidade Nova (FIG 24C).

² Com a chegada da Corte Portuguesa aumentou significativamente a população residente na cidade. Como o Rio de Janeiro era uma cidade limitada pela sua própria geografia, o aumento de população forçou a expansão da cidade, que se deu através de aterros sobre o Mangal de São Diogo. Em 1811, o rei D. João VI promulgou diversos decretos que estimulavam a construção de casas sobre os aterros realizados (GERSON, 2000).

³ O bairro do Catumbi é adjacente a Cidade Nova e faz fronteira com a sua parte sul.

⁴ Após sucessivas obras de drenagem, a vala que corria entre duas ruas do aterrado foi transformada em Canal do Mangue e as obras findaram no ano de 1860 (GERSON, 2000).

Com a chegada da República em 1889 e a expansão da cidade em direção aos novos bairros residenciais das zonas Norte e Sul, ocorre uma mudança no perfil dos habitantes do bairro nos finais do século XIX. A Cidade Nova deixa de ser local para as elites, e sua população passa a ser composta predominantemente por imigrantes e escravos recém-libertos. Esta diversidade cultural favoreceu o nascimento de um novo ritmo musical, o samba, e da realização dos primeiros desfiles do carnaval na Praça Onze, maior marco arquitetônico-cultural do bairro, posteriormente extinta. A Cidade Nova que se orgulha de ser o berço do samba também teve o pior meretrício da cidade, como resultado da degradação e decadência do local (FIG 24D).

Nos anos 1940 foram iniciadas as primeiras intervenções públicas, as quais vieram alterar substancialmente a paisagem e a vida daquele local. A primeira grande intervenção, a abertura da Avenida Presidente Vargas (FIG 24E), resultou em uma drástica cirurgia ao tecido central, através da demolição de quarteirões densamente edificadas. No trecho compreendido pela Cidade Nova, a demolição mais sentida foi a da Praça Onze, que entrou para a memória coletiva através de inúmeras canções.

As intervenções posteriores (abertura de túneis, elevados e o metrô) inseridas em concepções viárias em escala metropolitana conformaram o bairro à condição de passagem. O Plano Doxiadis, elaborado em 1965 sob consultoria internacional, foi o plano pioneiro na proposição de diretrizes viárias globais à cidade. Entre as décadas de 1960 e 1970, foram abertos dois túneis na cidade: Santa Bárbara e Rebouças, com as suas respectivas vias elevadas: o Viaduto 31 de Março e o Viaduto Engenheiro Freyssinet (FIG 24F). Iniciou-se também a construção do metrô no Rio de Janeiro, que apresenta duas estações no bairro, uma delas ponto de interseção de linhas (FIG 24F).

O Plano Doxiadis dedicou um capítulo⁵ específico ao bairro da Cidade Nova, para a qual sugeriu a renovação da região através da verticalização das edificações e da inserção de novas funções urbanas (administrativas, financeiras e públicas). Como resultado da alteração funcional, foi construído o Edifício

⁵ O estudo em “microescala”, como denominou o plano, foi realizado apenas para os bairros de Copacabana e do Mangue, nome dado ao bairro da Cidade Nova na época. (GOVERNO DO ESTADO DA GUANABARA, 1965)

Sede da PCRJ (Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro)⁶, outro ícone importante do bairro.

A partir da década de 1960, surgiram paralelamente à construção das obras viárias (túneis, viadutos e metrô) os planos de renovação para a Cidade Nova, sempre da iniciativa do poder público local. Com perda da identidade original, o casario semi-demolido e a memória apagada após as grandes cirurgias urbanas, o bairro continuava decadente e desvalorizado, e novos planos eram propostos. Cada plano criado ia sistematicamente sugerindo a demolição de uma parte do bairro, no argumento de “requalificação” do ambiente. Como decorrência, surgem diversos vazios urbanos que cooperavam para a degradação do casario remanescente.

Um desses vazios urbanos possibilitou a construção do Sambódromo (FIG 24G) em 1984. Acomodado sobre terrenos remanescentes da implantação do Viaduto 31 de Março, configurou-se como mais uma barreira na integração do bairro à envolvente. O equipamento, que não estivera esboçado em nenhum dos planos urbanos idealizados para a região, é uma obra incompleta e desarticulada da malha urbana, embora seja o maior símbolo do bairro e ícone da cidade do Rio de Janeiro.

Além de a obra arquitetônica do Sambódromo ser patrimônio público, o conjunto de casas adjacente ao equipamento, sobreviventes do tecido original, é preservado. Na década de 1990, foi instituída a APAC (Área de Proteção ao Ambiente Cultural) Cidade Nova (FIG 24G), preservando as estruturas físicas do tecido tradicional, que é uma das fronteiras de maior contraste ao Sambódromo.

Apesar de o poder público ter ensaiado diversas tentativas de intervenção, o bairro encontra-se decadente e apresenta em seu território variadas tipologias que não dialogam entre si, tramas justapostas não costuradas, população com baixo poder de compra, carência de diversas atividades, barreiras espaciais, vazios por preencher e um equipamento urbano de grande impacto funcional e formal: o Sambódromo.

⁶ Outros elementos estiveram relacionados com a construção do Edifício da Prefeitura, entretanto não cabe à dissertação aprofundar estes detalhes.



FIG 23. O Rio de Janeiro até 1808. A cidade velha e a geografia natural da Cidade Nova. (A) O Mangal de São Diogo, sobre o qual surgiu a Cidade Nova.

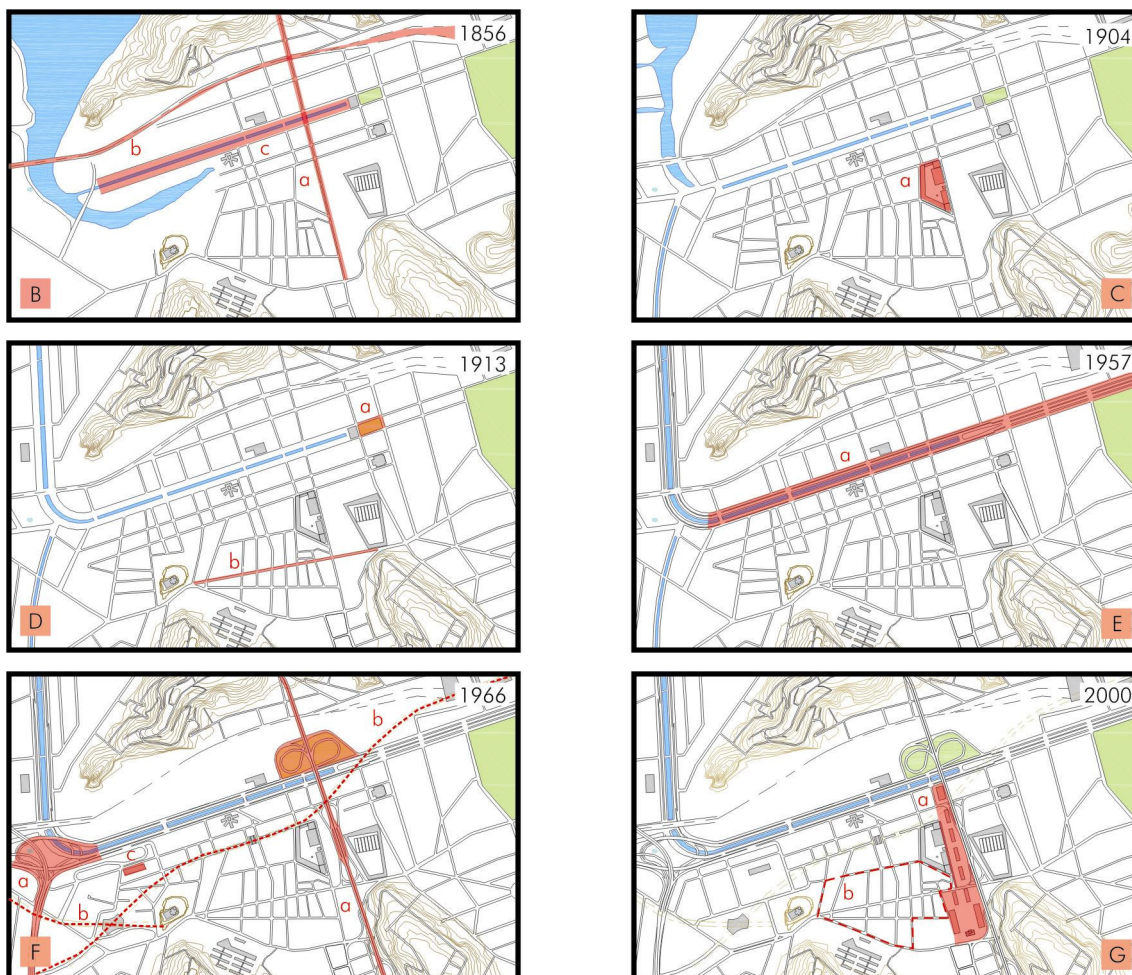


FIG 24. Representações esquemáticas da evolução urbana. (B). a- Rua Marquês de Sapucaí, b- EFCB, c- Canal do Mangue. (C) a- Fábrica Brahma. (D) a- Praça Onze, b- Salvador de Sá. (E) a- Av. Presidente Vargas. (F) a- Viadutos, b- metrô, c- PCRJ. (G) a- Sambódromo, b- APAC

. Os planos urbanos .

A história urbana recente da Cidade Nova é, em grande parte, marcada pelos paradigmas urbanos incidentes sobre o ambiente construído, como já referido. Desde a década de 1960, o poder público local elaborou cinco grandes planos que resultaram em grandes modificações na estrutura espacial do bairro.

São apresentados sucintamente estes planos urbanísticos para abordar com mais detalhe a inserção dos novos usos e da nova volumetria que foram desconfigurando o território inicial. Interessa também buscar em cada plano as diretrizes dedicadas ao território onde assenta o novo equipamento, o Sambódromo, desde os planos anteriores à sua construção, até aos mecanismos de incorporação do equipamento à envolvente, pelos planos posteriores a 1984.

O primeiro plano elaborado exclusivamente para a região foi o Plano Diretor de Renovação Urbana (1966), que se materializou na espacialização de muitas diretrizes lançadas pelo Plano Doxiadis. O plano foi elaborado pela CEPE (Comissão Executiva de Projetos Específicos), órgão ligado à Secretaria de Governo do então Estado da Guanabara⁷. Imbuído no pensamento modernista, propôs a total remoção do casario existente (FIG 25A), numa clara manifestação de limpeza social do ambiente urbano, na justificativa de progresso a uma região excelentemente localizada (SALGADO, 2001: 186).

O cenário de forte demolição foi justificado graças às implantações do sistema viário de vias elevadas e de linhas de metrô⁸, onde os sacrifícios ao espaço urbano local seriam minorados perante os benefícios proporcionados à cidade inteira. O desenho urbano apresentado demonstra a despreocupação com o ambiente existente, em que só os principais eixos viários foram respeitados.

A trajetória do Viaduto 31 de Março foi cuidadosamente detalhada neste plano e, as muitas desapropriações⁹ realizadas causaram polêmica e resistência dos

⁷ Após a construção da capital Brasília, o Rio de Janeiro deixou de ser capital federal e passou a ser denominado Estado da Guanabara, entre os anos de 1960 e 1975.

⁸ O projeto do metrô prevê três estações nesta região. Acreditava-se que o cenário, de excepcionais condições de acessibilidade, transformaria a região num prolongamento da área central.

⁹ Em Portugal, utiliza-se a palavra “expropriação”.

moradores locais¹⁰. Poucos dos vazios resultantes foram preenchidos pelos edifícios propostos pelo plano, que indicavam-lhes grande altura sob a função mista (habitação e comércio). Esta tipologia também foi destinada para os terrenos onde viria a ser instalado o Sambódromo, 18 anos depois.

O Plano de 1966 teve um importante papel para a alteração funcional da região, ao definir a inserção de uma zona exclusiva para um novo complexo administrativo. A instalação do Edifício da PCRJ mostrou-se conflitante com a envolvente de casas degradadas, onde “inconvenientemente” estava instalada uma grande zona de meretrício. A envolvente incompatível com a importante função forçaria a consolidação da monofuncionalidade administrativa neste trecho do território.

Face às dificuldades de implementação do Plano de 1966, por causa das grandes desapropriações exigidas, foi elaborado em 1980 o Plano de Reformulação da Cidade Nova, já em tom menos agressivo ao ambiente. Elaborado pela Superintendência de Planejamento da Secretaria Municipal, este plano subdividiu o bairro em setores homogêneos para intervenção, propondo zonas residenciais para baixa e média rendas e a manutenção das comunidades estruturalmente agregadas (SALGADO, 2001: 135). Desrespeitando as diretrizes deste plano, que incentivava para a Rua Marques de Sapucaí o uso misto (residencial e comercial), foi construído em 1984, nesse mesmo eixo, o Sambódromo.

Deste plano em diante, a cada nova gestão governamental, novos planos eram propostos a Cidade Nova. Na gestão do Prefeito Saturnino Braga (1986-88), foi lançado o Projeto Centro-Cidade Nova: Pólo Central e Serviços (1988) elaborado pela Secretaria de Desenvolvimento Urbano da Cidade do Rio de Janeiro. A intenção deste plano era transformar a área da Cidade Nova num pólo concentrador de serviços e promover a rápida ocupação dos vazios urbanos, resultante dos planos anteriores.

A proposta concentrou-se na envolvente do Centro Administrativo, onde se incentivavam os usos comerciais e de serviços. Não foi mencionado neste

¹⁰ Sobre este assunto, ver os livros “Quando a rua vira casa” (SANTOS, 1985) e “Movimentos urbanos no Rio de Janeiro” (SANTOS, 1981)

projeto qualquer preocupação com a incorporação do equipamento Sambódromo à malha existente. Apenas, nos terrenos livres a envolvente do metrô Praça XI, propunha-se a construção de quarteirões residenciais com interior para praças públicas, os quais fariam fronteira à estrutura do Sambódromo.

Na gestão seguinte, do prefeito César Maia, ainda imbuída no espírito de valorização da cidade do Rio de Janeiro, surge uma proposta de transformar a área do Centro Administrativo em Centro Internacional de Comércio. O Projeto Rio Teleporto (1993), coordenado pela Secretaria Extraordinária de Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia do Município do Rio de Janeiro, também concentrou suas ações no vazio do entorno do edifício da PCRJ, para onde se pretendia instalar um sistema de telecomunicações de última geração. O projeto de forte cunho imagético prezava pela revitalização total do bairro mas não foram ressaltadas diretrizes relativas às questões do Sambódromo.

Dando seqüência às mudanças nas gestões governamentais, em 1998 sob gestão do arquiteto Luiz Paulo Conde foi lançado o Projeto SAs (1998), Projeto de Revitalização do Corredor Viário formado pelas ruas Estácio de Sá, Salvador de Sá e Mém de Sá. Este projeto (FIG 25B), a mais recente proposta da municipalidade, foi coordenado pela Secretaria de Urbanismo com consultoria do arquiteto português Nuno Portas. Introduziu-se a preocupação em integrar o ambiente construído, em fase de deterioração física e social, através de estratégias voltadas para a melhoria dos espaços públicos e por um desenho urbano flexível, que acompanhasse as tendências e as oportunidades do momento (SALGADO, 2001: 178).

Nesta escolha, continuou pesando o sentido de valorização da cidade nas imediações do Edifício Sede da Prefeitura, onde foi definido um plano físico-territorial, que terminou por demolir as últimas estruturas remanescentes do tecido tradicional ainda encontrado nesta área. Para os demais vazios urbanos do bairro, previu-se o uso habitacional e seus complementares.

Pela primeira vez, um plano indicou ações específicas ao Sambódromo. Além da permanência das unidades escolares, o projeto ainda propôs outras formas de utilização do espaço, objetivando a sua maior utilização fora do período

carnavalesco. Indicou-se o aproveitamento das instalações do complexo para fins artísticos, como exemplo de “incubadoras do carnaval”, onde as escolas de samba desenvolveriam atividades artísticas dos desfiles. Em complementaridade, sugeriu-se também o uso recreacional, representado pela criação de um parque público, considerado como elemento articulador entre os diversos aproveitamentos propostos e, ao mesmo tempo, como local de integração da população residente.

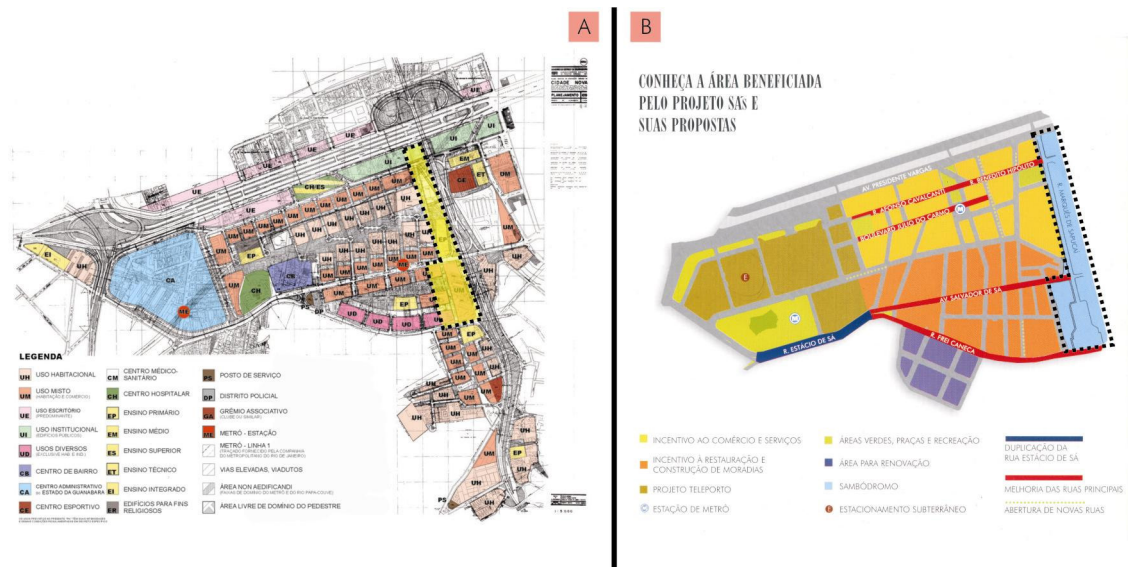


FIG 25. Os planos de Renovação da Cidade Nova. (A) Plano Diretor de Renovação Urbana de 1966. O desenho urbano mostra o descaso com o ambiente construído existente. O lugar onde veio a ser construído o Sambódromo está grifado azul. (B) Projeto SA's de 1998. O único plano a propor ações ao Sambódromo. Ações restringem-se ao interior da edificação.

Desde 1998, o poder público não elaborou novo plano urbano para o bairro da Cidade Nova. São encontradas apenas ações pontuais como os PAA's (Projeto Aprovado de Alinhamento), instrumento urbanístico destinado à formação e desenvolvimento da rede de vias públicas, que além de definir o traçado viário, estabelece uma delimitação para o espaço público e o particular. Nos últimos 10 anos, as ações sobre os vazios urbanos da cidade do Rio migraram para outros territórios e ganharam diretrizes de imagética territorial. Sobre o vazio da antiga zona portuária, por exemplo, incide um extenso programa de revitalização, que engloba o projeto de um museu Guggheim, autoria do arquiteto Jean Nouvel.

Após uma avaliação integral dos planos, Salgado (2001) contata que a região da Cidade Nova tem sofrido experimentos de renovação urbana, em que o próprio poder público, autor e promotor de todos os planos, promoveu a paisagem

desolada e semi-demolida encontrada hoje. Subentende-se que as ações de renovação foram promovidas sob a justificativa de limpeza social de uma área sede do próprio governo, que apresenta paisagem incompatível com a notória função administrativa.

Apesar de os planos tentarem promover estratégias políticas para atrair investimentos do setor imobiliário (SALGADO, 2001: 252), ocorreram no bairro prioritariamente intervenções de ordem pública. A administração pública construiu o seu conjunto de edifícios Sede (1973-82), o Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro (1979), o Parque Estácio (1996), o Centro de Convenções Municipal (2006), o edifício Sede dos Correios e o Sambódromo (1984), cabendo sublinhar que a construção deste último foi exterior aos planos urbanos.

Em resumo, todas as estratégias adotadas acabaram sempre por se concentrar no entorno da Prefeitura, não priorizando ações para os outros vazios urbanos encontrados no bairro, como o caso da envolvente do Sambódromo e do próprio Sambódromo, que na maior parte do ano encontra-se subutilizado. O Sambódromo mereceria especial atenção por parte das estratégias urbanas, pois embora ícone da região, quando em funcionamento no carnaval promove grandes distúrbios à envolvente. Será que é a presença do equipamento que acaba por inibir as tentativas de revitalização na área e afastar o interesse da iniciativa privada?



FIG 26. A demolição do casario. (A) Foto da Cidade Nova ainda com o casario nos quarteirões que margeavam a Av. Presidente Vargas. (B) Foto mostrando o vazio urbano da Prefeitura e os edifícios de alta altura introduzidos pelos planos de renovação.

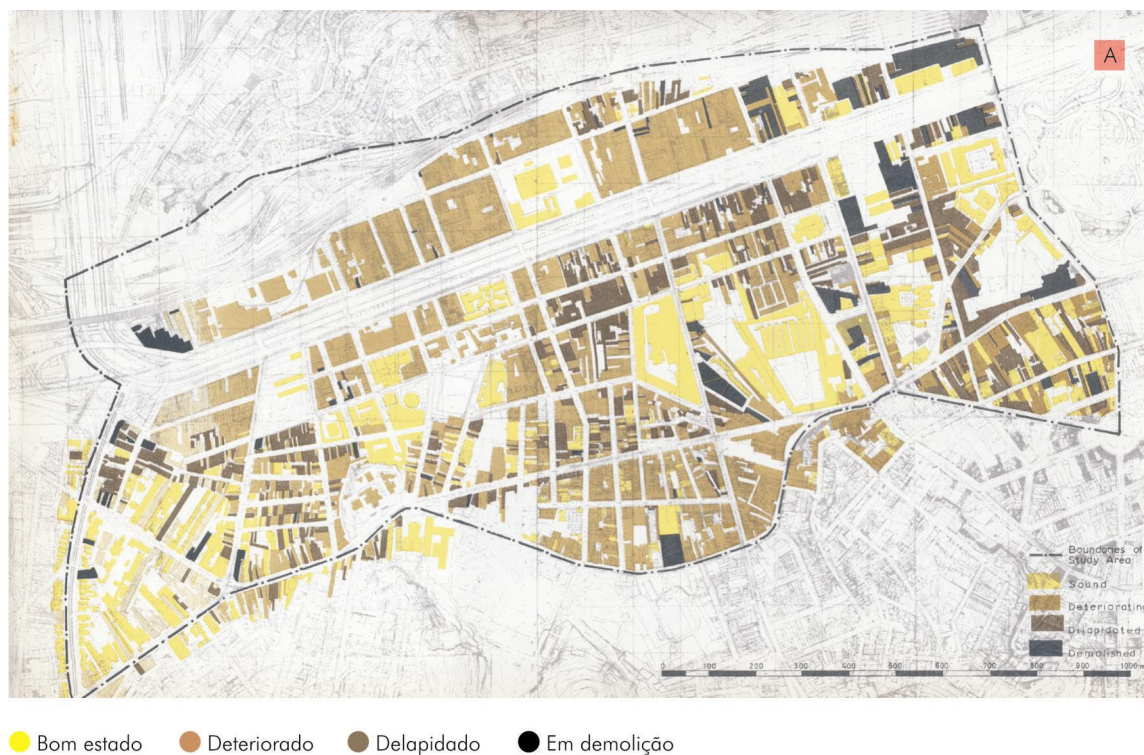


FIG 27. A transformação do território da Cidade Nova. A configuração antes e após os cinco planos urbanos. (A) Mapa da ambiência das edificações produzido pelo plano Doxiadis, 1965. Edificações condenadas à renovação indicando a preservação de poucas unidades. (B) Mapa de figura e fundo do cenário atual do bairro. Dois grandes vazios projetados: A- envoltente da PCRJ e B- envoltente do Sambódromo.

3.2

A ambiência da envolvente do Sambódromo

O Sambódromo está envolto por um território que passou por um forte processo de transformação espacial, o qual se encontra desvalorizado e apresenta ambiência degradada e semi-demolidada. Esta pequena análise morfológica não se propõe a ser um diagnóstico das imediações do Sambódromo, mas ressaltar as evidências físicas e sociais que o território expressa. Apesar de o Sambódromo estar inscrito no bairro da Cidade Nova, essa abordagem refere-se também ao território envolvente, que abrange o bairro do Centro e o bairro do Catumbi.

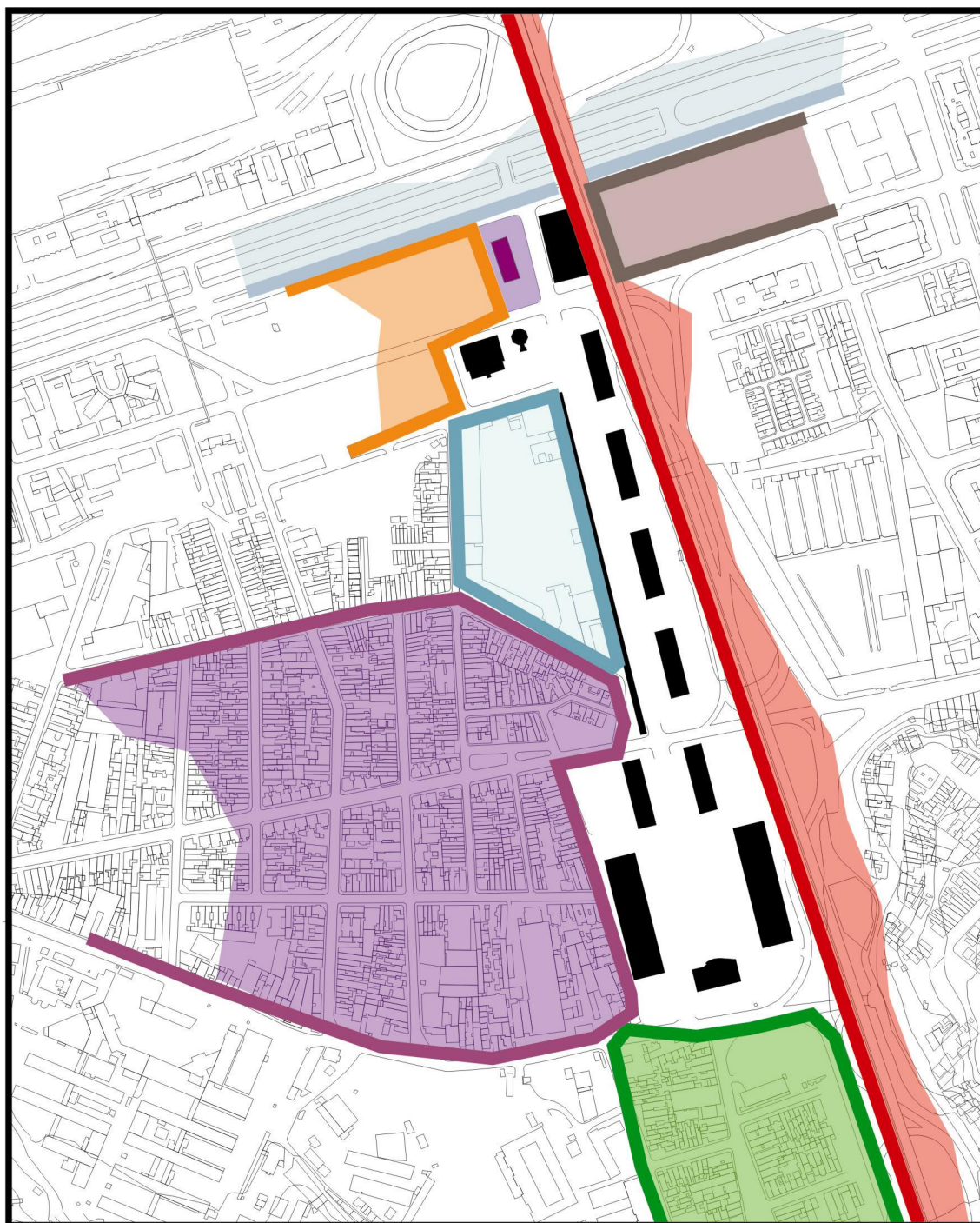
Diferentemente do que concebera Niemeyer, o Sambódromo foi localizado num território que exerce forte influência sobre o equipamento, tal como este exerce forças sobre a envolvente. Interessa a compreensão morfológica do território envolvente, visando identificar quais são os impactos que o Sambódromo proporciona ao espaço consolidado que o rodeia.



FIG 28. O Sambódromo e a cidade. O equipamento evidenciado de vermelho. Parte do equipamento está escondida pelas edificações da Fábrica Brahma. No primeiro plano à esquerda encontram-se os terrenos vazios a envolvente do metrô Praça Onze. À direita, o casario da APAC.

. As fronteiras adjacentes .

A implantação interiorizada do equipamento ignorou a cidade fronteiriça. Devido à heterogeneidade do tecido da Cidade Nova, em consequência da incidência dos planos urbanísticos e projetos urbanos, as fronteiras do Sambódromo apresentam formas urbanas variadas.



FRONTEIRAS SAMBÓDROMO

Viaduto 31 de Março

Terreirão do Samba

Catumbi

APAC Cidade Nova

Fábrica Brahma

Terrenos vazios

Avenida Presidente Vargas

Edifício Juizado de Menores

FIG 29. Mapa das fronteiras do Sambódromo. O equipamento rodeado por tecidos urbanos de tipologias variadas.

O lado esquerdo¹¹ da avenida é linearmente ocupado pelo Viaduto 31 de Março (FIG 29 e 30), ruptura que causou forte impacto à malha urbana. Esta barreira fragmentou o tecido da Cidade Nova e do Catumbi separando-os do território adjacente, o bairro do Centro, e dificultando a travessia de pedestres nas imediações. Em decorrência à falta de alternativas, a travessia de pedestres é realizada de forma insegura sobre o muro separador do viaduto, desenhado exclusivamente para automóveis.



FIG 30. A fronteira do Viaduto 31 de Março. A barreira dupla da Cidade Nova: Sambódromo + Viaduto 31 de Março. Sobre o muro separador das vias do viaduto, grifado em amarelo, os transeuntes se deslocam devido à ruptura no tecido urbano provocada por esta barreira viária.

Neste mesmo lado, no trecho correspondente entre a Avenida Presidente Vargas e a Rua Benedito Hipólito, o viaduto apresenta-se elevado e a fronteira com a arquibancada do setor 01 faz-se por um grande quarteirão livre conhecido por Terreirão do Samba (FIG 31). Sobre este terreno, nos dias de carnaval, são realizados concertos populares e nos restantes dias do ano, o vazio predomina. Esporadicamente é preenchido por atividade circense, que ocupa o espaço com instalações efêmeras.

¹¹ Assim, como no capítulo anterior, a localização das fronteiras é atribuída em função do posicionamento do usuário no interior do equipamento, de frente para o arco escultórico.



FIG 31. O vazio do Terreirão do Samba. O espaço livre, fronteira com as traseiras da arquibancada do Setor 01, dedicado a recepção da festa do carnaval. Mais um dos vazios subutilizados do bairro. Em seqüência: Avenida Presidente Vargas, o vazio do Terreirão do Samba, a Rua Benedito Hipólito.

A fronteira da Praça da Apoteose, junto ao arco escultórico, é evidenciada pelos quarteirões residenciais do bairro do Catumbi (FIG 32B). Em um desses quarteirões, localiza-se a Igreja Nossa Senhora de Salette, que apresenta uma torre, marco na paisagem. Esta torre exerce forte influência ao arco escultórico, quando observado a partir do eixo central da avenida do Sambódromo. Outra forte influência a este arco é o conjunto de edifícios para baixa renda do bairro do Catumbi. Além dessas edificações contrastantes, o arco escultórico tem como pano de fundo o Morro da Coroa, uma das favelas do Catumbi (FIG 32A).

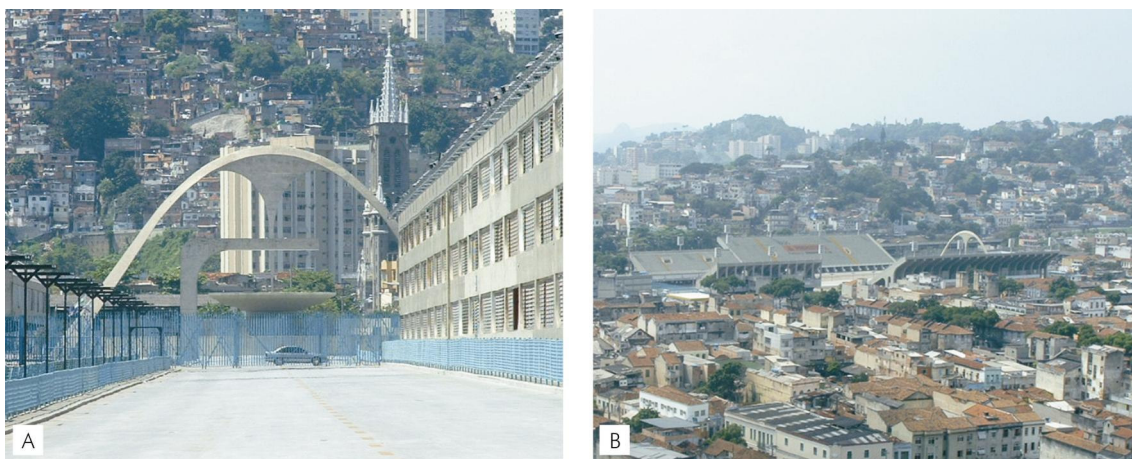


FIG 32. As fronteiras da Praça da Apoteose. (A) As edificações da envolvente que fazem parte do marco visual: a torre da igreja, o conjunto habitacional e a favela de pano de fundo. (B) O casario homogêneo da APAC Cidade Nova, grande contraste morfológico com a forma do Sambódromo.

As fronteiras do lado direito da avenida (FIG 29), em contraposição ao lado oposto, são edificações de diferentes tipologias e usos. O conjunto de quarteirões da APAC, sobrevivente da arquitetura tradicional do bairro, faz limite com as arquibancadas da Praça da Apoteose. Ao longo do segundo trecho

do Sambódromo, a fronteira é feita pela Fábrica da Cervejaria Brahma, que está justaposta ao edifício para camarotes (FIG 33). As edificações fabris sobressaem na paisagem e parecem pertencer ao conjunto, devido a proximidade e a altura superior das edificações. A Fábrica, desativada e de ambiência semi-demolida, é um bem tombado pela municipalidade. Para muitos, a preservação é vista como um entrave para a expansão do Sambódromo. Em uma pequena parte deste trecho, a fronteira é estabelecida com os terrenos vazios do bairro.



FIG 33. A fronteira da Fábrica Brahma. O edifício de camarotes do Sambódromo perde-se na escala das edificações fabris.

No primeiro trecho do Sambódromo, trecho do setor 01, não há arquibancadas no lado direito da avenida e uma edificação institucional, o Juizado da Infância e da Adolescência, parece pertencer ao próprio espaço do Sambódromo (FIG 34). A edificação descontextualizada em relação ao equipamento apresenta pequenas proporções e perde-se ao meio da paisagem da grande avenida do samba.

Este mesmo trecho também apresenta como fronteira a Avenida Presidente Vargas (FIG 34). Esta avenida, uma das mais extensas da cidade, está representada por uma frente urbana incompleta, em consequência dos diversos vazios urbanos que compõem os terrenos lindeiros da avenida. A avenida é o portal de entrada do Sambódromo.



FIG 34. O Juizado e a Avenida. O edifício do Juizado da Infância e Adolescência, posicionado em frente ao Setor 01 e a Avenida Presidente Vargas, portal de acesso ao Sambódromo.

. Os usos e a tipologia das edificações .

Apesar das novas funções urbanas incididas pelos planos urbanísticos, o uso residencial ainda apresenta-se predominante na região imediata ao Sambódromo. A habitação é definida basicamente por duas situações. A primeira refere-se às residências que ocupam as edificações mais antigas da área, como os concentrados na APAC- Cidade Nova, e a outra, aos edifícios multifamiliares introduzidos pelos planos de renovação.

As quadras protegidas pela APAC conformam um conjunto arquitetônico homogêneo, remanescente do tecido tradicional. A legislação da APAC estabeleceu parâmetros de proteção aos imóveis, limitando a altura para novas construções e indicando níveis de preservação para os imóveis. Os usos permitidos para a área da APAC fortalecem a vocação residencial da envolvente do Sambódromo, que se estende às quadras do bairro do Catumbi.

Algumas especificidades qualificam o uso residencial multifamiliar. São encontradas diferentes tipologias em todo o bairro, como as casas de vila, que possibilitaram a ocupação no interior das quadras; as casas em fita, conjunto de casas justapostas ao longo da Rua Salvador de Sá; e os cortiços, fruto das adaptações em sobrados antigos; além de torres de até 15 pavimentos, introduzidas pelos planos de renovação.



FIG 35. As tipologias residenciais da envolvente do Sambódromo. (A) O conjunto homogêneo de casas assobradadas. (B) Sobrado transformado em cortiço. (C) Residências em fita. (D) Tipologia de torre em altura.

Em decorrência da degradação das habitações da APAC, que são ocupadas por moradores de baixo poder aquisitivo, o uso comercial apresenta-se desestruturado e com carência de diversas atividades. O uso comercial predominante são as oficinas mecânicas, geralmente localizadas nas edificações da APAC: apropriam-se do espaço público de ruas e calçadas para o desenvolvimento das atividades.



FIG 36. Edificações referências. Os outros marcos referenciais do bairro do Sambódromo.

Quanto ao uso institucional (FIG 36), há uma concentração de edificações referência, tanto para a escala da cidade, quanto pela tipologia arquitetônica. A variedade funcional é evidenciada pelos Edifícios Sedes da Prefeitura e Correios, o Hospital São Francisco de Assis, a penitenciária Frei Caneca, o 1º Batalhão da Polícia Militar, a Sede do Jornal “O Globo” e claro, o Sambódromo. Todas essas edificações trazem dinâmicas específicas à zona. Recentemente, foi introduzida a atividade universitária, a qual vem contribuindo para a dinamização da região no período noturno.

. Os espaços livres e os espaços de uso coletivo .

A população residente à envoltura do Sambódromo convive ao meio de territórios vazios, subutilizados e espaços de lazer de baixa qualidade. Os territórios vazios, ou melhor, os vazios urbanos da Cidade Nova são caracterizados pelo mau aproveitamento dos seus espaços. O vazio urbano do território envoltura da Prefeitura, alvo dos planos urbanísticos, já tem desenho urbano definido e infraestrutura preparada¹² para receber empreendimentos comerciais, no entanto os terrenos continuam livres.

Outro vazio urbano do bairro são os terrenos envoltivos à estação de metrô da Praça XI sub aproveitados para a atividade de estacionamento. Já os terrenos da frente urbana da Avenida Presidente Vargas estão inutilizados ou desempenham a atividade de depósito de carros. Outro terreno sub aproveitado desta frente urbana é o espaço do Terreirão do Samba, já referido como fronteira do Sambódromo.



FIG 37. Frente Urbana da Avenida Presidente Vargas. O vazio urbano da envoltura do metrô Praça XI e do Sambódromo. À esquerda do Viaduto, o espaço do Terreirão do Samba. Em primeiro plano, os terrenos subutilizados como depósitos de carros. No quarteirão de trás, terrenos livres para estacionamento. Como preencher esses terrenos tão próximos às imediações do Sambódromo?

¹² O desenho urbano refere-se às ações realizadas pelo Projeto SA's.

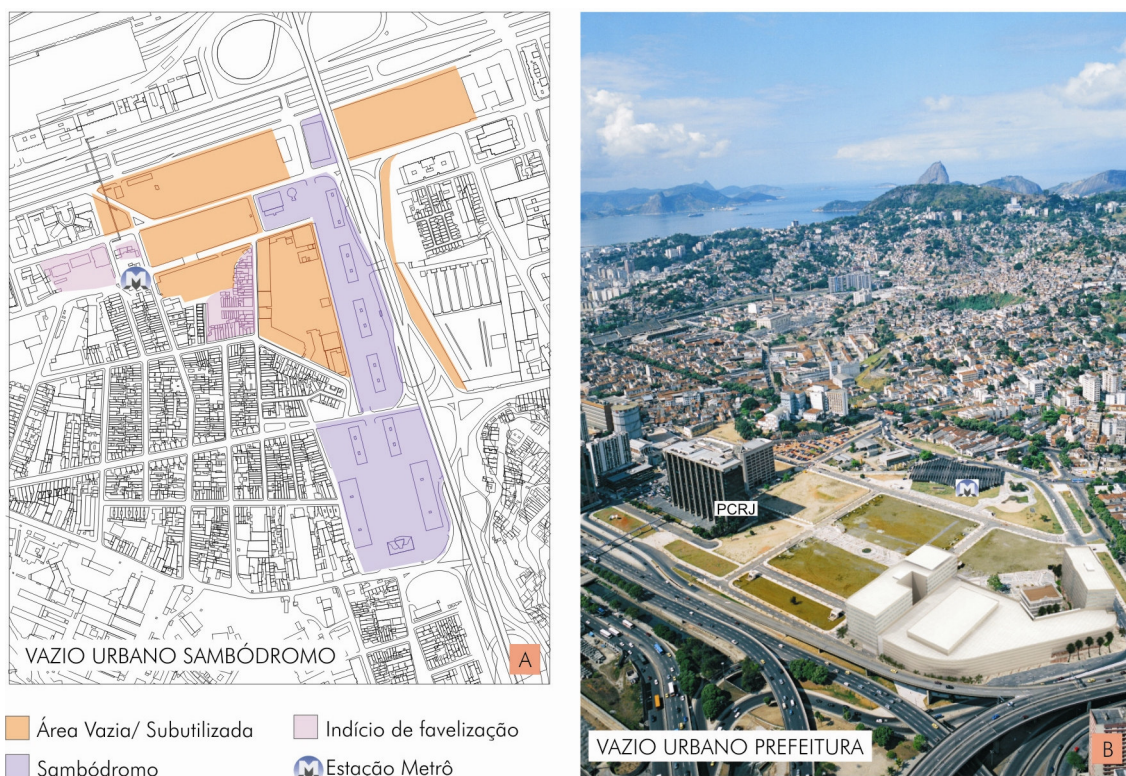


FIG 38. Os dois vazios urbanos da Cidade Nova. (A) O Sambódromo e os terrenos livres e subutilizados da envolvente. (B) A Sede da Prefeitura e a envolvente infraestrutura à espera de preenchimento.

A deficiência nos espaços de lazer é evidenciada pela baixa ou má frequência dos parques e pela pouca presença de praças inseridas nos tecidos residenciais. Nas imediações do metrô do Estácio, após variados planos urbanos, optou-se pela implementação de um parque com atividades de lazer. Envolto pelo vazio urbano da Prefeitura, o parque não apresenta vitalidade urbana.

Outro parque com características recreacionais foi implantado sob o Viaduto 31 de Março. Este parque, localizado nas imediações do Sambódromo, está isolado do tecido urbano e rodeado por tráfego intenso de automóveis, o que proporciona insegurança aos usuários e encontra-se praticamente abandonado.

A ausência de áreas destinadas ao lazer estimula os moradores da APAC a apropriarem-se da rua, como extensão das casas. Santos (1985) produziu um estudo sobre as práticas sociais deste pedaço de cidade, onde constatou a perda de vitalidade urbana após a fragmentação proporcionada ao tecido, em decorrência da implantação do Viaduto 31 de Março. Além da atividade de lazer, as apropriações do espaço público também são realizadas para outros fins, como as atividades de trabalho que são desempenhadas principalmente nos passeios.

São exemplos os bares, as oficinas mecânicas e a atividade econômica da confecção de fantasias, que se estendem sobre o espaço público, nas proximidades do período do carnaval.

Uma atenção especial deve ser dada ao Sambódromo. Concebido como espaço coletivo, apresenta restrições quanto a sua apropriação. O equipamento é um espaço público, porém seu uso é privado e restrito aos dias de carnaval. Os moradores não podem se apropriar desta grande via nem para fins de circulação nem para fins de lazer, pois há grades que cercam cada um dos três quarteirões do Sambódromo.

3.3

Os impactos do Sambódromo à envolvente

O projeto do Sambódromo fora imposto no território, sem qualquer preocupação com a envolvente ou em atender a opinião dos moradores. Os jornais da época da construção do Sambódromo mostram que os moradores reagiram contra a sua implantação e tinham a esperança que “numa daquelas desmontagens [de arquibancadas], a rua Marques de Sapucaí poderia ser devolvida ao bairro, para a construção de conjuntos habitacionais”.¹³

Os moradores, esquecidos no projeto, não apenas relembram, mas convivem diariamente com a existência do equipamento, que proporciona impactos diferentes ao território nos seus dois momentos antagônicos de funcionamento: o período do carnaval e os demais dias do ano.

No capítulo anterior foram descritas as adaptações à envolvente que o Sambódromo exige para o funcionamento da atividade do desfile das escolas de samba. Além das alterações viárias e das adaptações arquitetônicas exigidas no período do carnaval, a população de não residentes aumenta substancialmente, quer pela presença dos milhares de sambistas, quer pelo pessoal de assistência à festa. A apropriação informal do espaço é caracterizada pela presença de ambulantes que montam suas barracas no espaço público das ruas, e as ocupam

¹³ Depoimento do dirigente da Associação de Moradores, Silvio Cataldo (MARIA, 1984).

ininterruptamente nos dias de carnaval. Em decorrência à concentração humana e à apropriação do espaço, as imediações sofrem grande acúmulo de lixo, mau cheiro, aumento de ruído etc.

A deslocação pela região envolvente do Sambódromo não é tarefa fácil. O acesso dos foliões ao Sambódromo é facilitado pelo serviço de metrô mas a circulação desses foliões pela região envoltória está condicionado às áreas permitidas para circulação e à própria forma urbana do território. Para aceder as arquibancadas do setor ímpar é necessário transpor a barreira do Viaduto 31 de Março, que não foi projetado para a circulação de pedestres. Por entre as estreitas ruas da APAC acede-se as arquibancadas do setor par e as áreas de concentração e dispersão são realizadas nas ruas do tecido urbano do bairro. O espaço público exterior ao equipamento torna-se fundamental para a realização do espetáculo no interior do equipamento.

O fenômeno do carnaval é motivo de grandes reclamações por parte da população local, que se sente retida em suas residências, especialmente quando a polícia reserva áreas públicas para a passagem e para o estacionamento dos carros alegóricos, ao fechar ruas e acessos, dificultando assim, o livre trânsito dos moradores (PROJETO SA's apud SALGADO, 2001: 22).

O Sambódromo, que deveria ter um uso público, está destinado exclusivamente àqueles que podem pagar os ingressos. A elite se curva ao bairro apenas uma vez no ano e a arrecadação econômica tem fortalecido a monofuncionalidade do equipamento. Entretanto, os moradores não podem usufruir do espaço público e sofrem tanto os transtornos dos dias de funcionamento da atividade carnavalesca quanto o desconforto do vazio deixado nos restantes meses do ano.

Esse vazio é ainda utilizado de forma precária durante o ano¹⁴. A ambiência de arquitetura hostil define áreas mortas por onde não se circula ou se circula de forma insegura. Para a própria segurança do equipamento, este precisou ser cercado por grades à volta do perímetro de cada um dos três quarteirões que compõem o Sambódromo. A rua Marquês de Sapucaí perdeu sua função de

¹⁴ No capítulo anterior foram descritas as condições das atividades complementares do Sambódromo: as escolas de educação básica e as atividades culturais da Praça da Apoteose.

conexão e contato, pois a existência das grades impede a simples circulação de pedestres.

Mas, o maior impacto para o bairro foi a barreira que ali se instalou. Essa grande barreira dificultou a comunicação da Cidade Nova às áreas limítrofes, contribuindo para a decadência da zona. Como refere Jacobs (2000: 285), usos únicos de grandes proporções, nas cidades, formam fronteiras e zonas de fronteira, nas cidades, geralmente criam bairros decadentes.

A falta de integração física e social do complexo com a envolvente contribui para o fortalecimento desta fronteira, que junto ao viaduto 31 de Março estruturam uma barreira dupla do bairro, que não apresenta vitalidade urbana.

Devido a sua complexidade espacial, o Sambódromo merecia especial atenção no planejamento urbano. Configurado sem estudo de impacto sobre a envolvente, os planos urbanos posteriores a 1984 não se preocuparam com a problemática que o Sambódromo causa ao bairro. Todos os planos concentraram suas ações no entorno da Prefeitura, quando na verdade, o bairro da Cidade Nova apresenta dois equipamentos de grande impacto e grande simbolismo: a Prefeitura e o Sambódromo.

O bairro encontra-se decadente, com vazios a preencher e apesar das diversas tentativas de transformação imagética e espacial, não tem sensibilizado o setor privado para investir no território. Terá a existência do Sambódromo prejudicado a revitalização do bairro? Ou em nada significa para a falta de interesse do mercado imobiliário? Caso uma integração física e social do Sambódromo acontecesse, terá o Sambódromo potencial para favorecer a revitalização do bairro?

Apresenta-se em seguida a análise morfológica do equipamento, como ferramenta para auxílio na resposta das questões.

O Sambódromo transformando o território

Em seqüência à análise descritiva do equipamento Sambódromo e da sua envolvente, pretende-se neste capítulo verificar a hipótese formulada de o Sambódromo constituir um entrave urbanístico para as ações de revitalização programadas para o seu bairro. Para ver se é estabelecido um conflito entre a forma urbana do equipamento e o seu território envoltório, desenvolve-se a análise morfológica do espaço urbano.

O exercício em escala aproximativa visa apreender a configuração atual do Sambódromo. A análise morfológica do equipamento é realizada através da interpretação dos elementos morfológicos que estruturam a linguagem da sua composição urbana. Para efeito de análise, o Sambódromo foi definido como um equipamento monofuncional da cidade do Rio de Janeiro. Embora até os dias de hoje estejam agregadas funções complementares à atividade do carnaval, o fato dessas funções (a função educacional, as atividades de lazer e a função turística) serem desempenhadas insatisfatoriamente, ocasionalmente¹ e não preencherem o espaço urbano em sua plenitude considera-se o Sambódromo como um equipamento urbano monofuncional.

É estabelecido, assim, um equipamento urbano de funcionamento transitório² que procede a condição de vazio urbano intermitente³. Nos dias da atividade do carnaval, o equipamento é utilizado em plenitude enquanto que, nos demais dias do ano, o equipamento está subutilizado, configurando-se um território vazio e isolado em relação ao tecido do bairro.

Para compreender qual o posicionamento do Sambódromo para a transformação do território da Cidade Nova é realizada, na segunda parte deste

¹ Como exceção às demais funções complementares, a função urbana educacional apresenta um desempenho diário, como conferido no capítulo 2. No entanto, seu desempenho é insatisfatório e ocupa apenas uma pequena parte das instalações reversíveis destinadas para este fim.

² “que passa rapidamente, passageiro; efêmero” (TRANSITÓRIO. In: **DICIONÁRIO da Língua Portuguesa**. Porto: Porto Editora, 2002. p. 1646).

³ “interrupção momentânea; descontinuidade” (INTERMITÊNCIA. In: **DICIONÁRIO da Língua Portuguesa**. Porto: Porto Editora, 2002. p. 954).

capítulo, uma reflexão sobre a possibilidade de contribuição do equipamento para a reversão do quadro de estagnação imobiliária e degradação encontrado no seu bairro. Embora o Sambódromo não “dê samba”, será que ao ser intervencionado pode vir a “dar samba”?

4.1

Sambódromo: configuração atual

O Sambódromo possui um caráter sintetizador de forças culturais, econômicas, sociais e políticas. A representação da imagem do equipamento é processada diferentemente de acordo com a escala de observação relacionada e segundo a ótica de percepção.

A esta dissertação, inscrita nos estudos de morfologia urbana, interessa a interpretação do objeto na sua configuração nos dias fora da festa de carnaval e na sua relação com o seu conjunto urbano. Segundo Goitia (2003: 36), a utilização de um critério puramente artístico põe em destaque os edifícios monumentais esquecendo-se a grande massa de edificação de acompanhamento. Como refere o autor, “separar o palácio das casas populares é como retirar uma frase do seu contexto”. Ao nível da escala local, a análise morfológica processa o objeto arquitetônico contextualizado ao seu território envolvente.

A forma de implantação linear, expressa na disposição das edificações do equipamento, determinou o início da abordagem à análise morfológica do conjunto. As categorias de análise selecionadas – a escala urbanística, a gênese do traçado urbano, o elemento morfológico rua e o parcelamento do equipamento – foram determinadas a partir de reflexões suscitadas em cada uma das categorias de análise.

. A escala urbanística do Sambódromo .

Qual é o real tamanho do Sambódromo? Qual a escala observada pelo usuário quando entra neste grande espaço livre e aberto? O fato de o caso de estudo pertencer a um território estrangeiro relativamente a Portugal, onde é realizada a dissertação e, por consequência a experiência urbana⁴ não estar facilmente disponível, pode impedir a percepção sensitiva da escala em estudo mas não impossibilita a sua apreensão.

Para permitir a apreensão da escala do Sambódromo, realizou-se um exercício de análise comparativa. Foram selecionados territórios emblemáticos na cidade de Lisboa e em outras cidades europeias, em relação aos quais um grande número de pessoas tem a percepção da sua escala. A forma linear de implantação do Sambódromo determinou a escolha de tecidos urbanos marcados por grandes eixos estruturantes e que preferencialmente apresentam características de monumentalidade.

Apesar de o Sambódromo pertencer a categoria dos equipamentos, a estrutura da sua linguagem urbana é mais semelhante à estrutura da linguagem de uma grande avenida do que propriamente a de outros equipamentos urbanos, os quais não apresentam um padrão tipológico comum⁵. Para efeito de comparação, sobrepôs-se - em mesma escala - o conjunto de edificações do Sambódromo sobre pedaços de tecido urbano dos grandes eixos selecionados.

A correspondência entre o equipamento e territórios europeus está representado graficamente na sequência de imagens.

⁴ Através da experiência urbana, os usuários identificam qualidades e elementos estruturadores e montam diretrizes para uma organização físico-ambiental. Lynch (2003) define a Percepção Urbana como a ciência que trata da experiência urbana enquanto atividade perceptiva na compreensão das imagens da cidade.

⁵ O primeiro capítulo abordou a questão da inexistência de uma tipologia única para os equipamentos de superestrutura. Cada equipamento apresenta uma tipologia específica de acordo com a função urbana prestada.

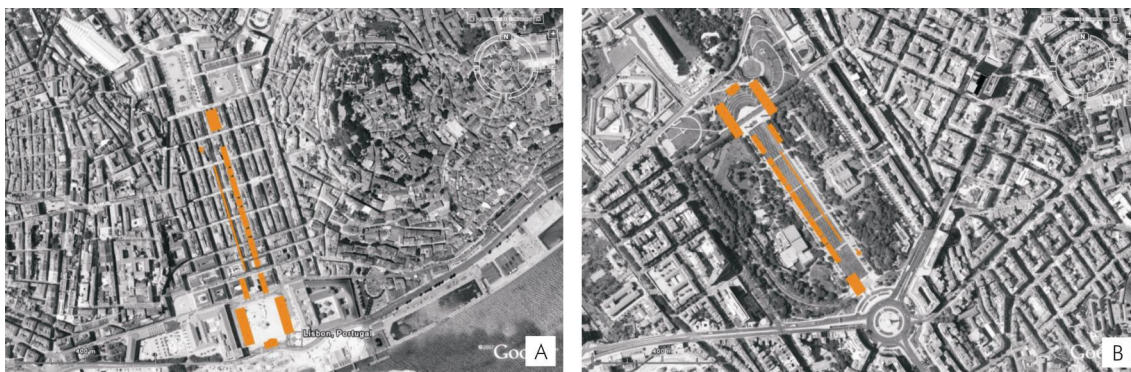


FIG 39. Correspondências lisboetas. O Sambódromo sobre (A) Baixa de Lisboa e (B) Parque Eduardo VII, em Lisboa.



FIG 40. Correspondências espanholas. O Sambódromo sobre (A) Paseo do Padro, em Madrid e (B) La Rambla, em Barcelona.

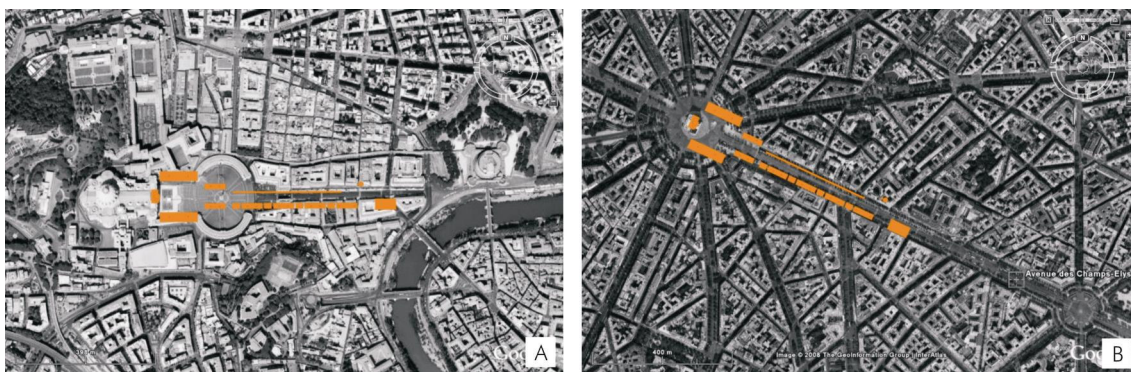


FIG 41. Correspondências italiana e francesa. O Sambódromo sobre (A) Praça de São Pedro e a Via della Conciliazione, Vaticano e (B) Avenida Champs Elisees, em Paris.

Com o resultado das imagens, observa-se que o tamanho da avenida do Sambódromo corresponde a trechos de avenidas, ou avenidas inteiras, que são delimitadas por conjuntos de quarteirões pertencentes à escala de bairro desses territórios. Ao sobrepor a grande avenida monofuncional do Sambódromo nos

grandes eixos europeus pode-se apreender o gigantismo da escala do equipamento.

Em Lisboa (FIG 39A), por exemplo, pode-se verificar que o comprimento da Rua Augusta da Baixa de Lisboa e a área da Praça do Comércio correspondem aproximadamente às mesmas dimensões da avenida e praça do Sambódromo. Apesar de a circulação das duas vias comparadas apresentar a mesma distância, a sensação de deslocação experimentada pelos observadores assume significados diferentes em cada uma das situações. Lynch (2003: 109-112) refere que esta sensação é assumida em função da disposição e forma dos objetos existentes e interpretada pela diferenciação das posições e pela diversidade dos pontos de identificação.

No exemplo italiano (FIG 41A), a área da entrada trapezoidal da Praça de São Pedro no Vaticano corresponde aproximadamente à área da Praça da Apoteose. A grande praça projetada por Lorenzo Bernini, símbolo da monumentalidade e do realce da perspectiva barroca, quando comparado ao Sambódromo, evidencia a grandiosidade da escala que foi destinada ao equipamento carioca.

. “Quando a rua vira *sambódromo*”⁶ .

Para a análise da configuração atual do Sambódromo e do seu tecido heterogêneo envolvente, optou-se, primeiramente, pelo conhecimento dos antecedentes do território do equipamento. Procedeu-se a uma análise iconográfica e cartográfica, de desenhos existentes e produzidos sobre a morfogênese do território.

⁶ Em analogia ao título do livro “Quando a rua vira casa” de Carlos Nelson Ferreira dos Santos (SANTOS, 1985).



FIG 42. Interferências urbanas sobre a Rua Marquês de Sapucaí. Representação da fragmentação da malha urbana indicada sobre mapas existentes. (A) O cenário inicial, mapa de 1769; (B) rua Marques de Sapucaí (1840), mapa de 1856; (C) EFCB (1858) e rua Salvador de Sá (1907), mapa de 1913; (D) Avenida Presidente Vargas (1941), mapa de 1965; (E) Passagem subterrânea metrô (1979) e Viaduto 31 de Março (1970), mapa de 1983; (F) Sambódromo (1984), mapa de 2000.

O Sambódromo da avenida Marquês de Sapucaí⁷, como também é conhecido o equipamento, nasceu sobre uma antiga rua do bairro de mesmo nome. Aberta em 1840 sobre um território fruto de sucessivos aterros, a Rua Marquês de Sapucaí, desde a sua criação, fazia parte do tecido urbano do bairro da Cidade Nova. Configurou-se como uma das ruas de maior vitalidade urbana da zona, pois apresentava diversidade nos usos (FIG 42B-C-D) e era o mais importante eixo de conexão estabelecido entre o bairro da Cidade Nova e os bairros adjacentes do Santo Cristo e Catumbi.

Como se pode constatar nos mapas com a gênese da malha urbana, a rua, ao longo do tempo, foi perdendo a continuidade do seu próprio traçado. Essa perda gradual foi proporcionada pelas inúmeras interferências viárias, as quais foram retirando a função de conexão na escala local à medida que o bairro se condicionava como zona de passagem dentro da escala da cidade.

A primeira destas interferências, a instalação da EFCB (FIG 42C), em 1858, promoveu a primeira fragmentação do traçado da rua e a perda de contato entre os bairros da Cidade Nova e Santo Cristo. Em 1907, com a abertura da rua Salvador de Sá (FIG 42C) estabeleceu-se a primeira ligação linear dos bairros da Zona Norte da cidade em direção ao bairro do Centro. Entretanto, essa ligação tornou-se mais legível quando, em 1941, definiu-se o grande eixo da Avenida Presidente Vargas (FIG 42D). Esta última intervenção proporcionou a divisão do bairro em dois fragmentos, localizando-se ao norte, entre a Presidente Vargas e a EFCB, o segundo trecho da rua (FIG 42D-trecho b), que veio posteriormente a desaparecer.

A partir da década de 1960, as obras viárias concebidas em escala global interferiram drasticamente na estrutura física local e promoveram impactos negativos à ambiência do bairro. Para a passagem subterrânea do metrô (FIG 42E.), em 1979, e para a construção do Viaduto 31 de Março (FIG 42E), em 1970, demoliu-se grande parte do casario limítrofe à rua Marquês de Sapucaí. No mesmo ano, o segundo trecho da rua (FIG 42E-trecho b) desapareceu para dar lugar às alças de acesso ao Viaduto. O traçado da rua, ainda existente em

⁷ O nome da rua encontra-se no imaginário dos brasileiros. Os sambas-enredo e os meios de comunicação referenciam-se ao Sambódromo por Marquês de Sapucaí”.

parte do bairro da Cidade Nova (FIG 42E-trecho c), já não se definia espacialmente como antes.

A rua esquartejada, ou melhor, o grande vazio projetado do bairro acolheu o Sambódromo (FIG 42F). No entanto, para acomodar todas as edificações do equipamento no território, demoliu-se mais um trecho do traçado original da rua (FIG 42E-trecho d). Da antiga rua, sobrevive atualmente um pequeno trecho ao norte da EFCB (FIG 42F – trecho a)⁸. Embora o traçado original não persista mais sobre o terreno do equipamento, o nome *rua Marquês de Sapucaí* é o indicativo da morada do Sambódromo.

Como verificado, a rua Marquês de Sapucaí perdeu por completo a diversidade funcional, o modelo tipológico e a própria delimitação do traçado dos tempos passados. No presente momento, prevalece a monofuncionalidade de um grande equipamento. Será que a implantação do Sambódromo, assim como as interferências apresentadas (as avenidas, os viadutos, o metrô) resultam em mais impactos negativos ao tecido?

. Será o Sambódromo uma rua do tecido urbano? .

No trecho da rua correspondente ao equipamento, as edificações do Sambódromo estão dispostas linear e paralelamente em relação ao eixo da antiga rua Marquês de Sapucaí. Ao observar esta implantação parece que o traçado da rua ainda resiste no território. Pretende-se aqui refletir se o Sambódromo pode ser considerado uma rua pertencente ao tecido urbano do bairro da Cidade Nova.

Segundo uma definição simplista, o elemento morfológico *rua* seria um caminho de circulação cuja bordas são construídas (GOURDON, 2001: 39). Ao observar a diversidade morfológica de tecidos urbanos das cidades, percebe-se que o elemento urbano apresenta variadas dimensões em decorrência das hierarquias viárias que estruturam as cidades: desde pequenas vielas pedestrianizadas até grandes avenidas estruturais.

⁸ A esta investigação não interessa promover uma análise minuciosa deste trecho da rua, uma vez que o trecho está completamente desconectado ao Sambódromo, o elemento condutor da investigação.

Segundo Lamas (1993: 99-100), a rua ou traçado “assenta num suporte geográfico preexistente, regula a disposição dos edifícios e quarteirões e liga os vários espaços e partes da cidade”. As estruturas viárias definem o alinhamento das quadras, determinam as perspectivas, orientam o transeunte e existem nos vários níveis ou escalas da forma urbana.

Cullen (1983: 8), com uma visão menos formalista, diz que somente na escala da rua pode-se perceber a riqueza da paisagem urbana. As relações entre cidade e homem se estabelecem na rua e através da imagem da rua pode-se conhecer o habitante da cidade.

Para Lefebvre (apud LAMAS, 1993: 392), a rua é o espaço da vida social, onde acontecem as trocas, os encontros, a animação, a circulação das pessoas. No espaço público, cada sociedade ‘segrega’ ou produz o espaço que lhe é próprio e de que necessita para as suas práticas sociais.

As definições acima apresentadas estão diretamente relacionadas às ruas da cidade ocidental pré movimento moderno, chamada aqui por cidade tradicional⁹. Neste modelo, preza-se a mesclagem funcional e a definição dos domínios público e privado. As malhas urbanas são estruturadas pelo conjunto de quarteirões, nos quais a divisão fundiária do solo é realizada através de lotes privados¹⁰, ocupados por edificações, as quais dão forma às ruas da cidade tradicional. Ao serem preenchidas multifuncionalmente, as edificações destinam ao espaço características de vitalidade urbana.

Neste modelo urbano enquadra-se a rua Marquês de Sapucaí existente até a implementação das grandes obras viárias transformadoras da estrutura física do bairro. A rua desaparecida (FIG 43A) era uma legítima representante do espaço das práticas sociais, da mesclagem funcional e das edificações contínuas e alinhadas pelo traçado da rua. O panorama vazio, após a destruição de parte do tecido tradicional do bairro, possibilitou a incorporação de uma outra lógica de composição urbana, trazida pelo movimento moderno.

⁹ Entende-se como cidade tradicional um organismo urbano gerado através de um longo processo histórico.

¹⁰ Na cidade ocidental pré movimento moderno, encontram-se exemplos de quarteirões, onde os espaços residuais entre edificações são destinados ao uso público, como no Plano Cerdá (1859) para Barcelona. Apesar do caráter público, a morfologia desses quarteirões é resultado das edificações periféricas dos lotes, assim como nos quarteirões de domínio exclusivo privado.

O movimento moderno idealizou um modelo de cidade racionalizada, que negava todas as estruturas da linguagem da cidade tradicional. Este modelo supôs uma nova estrutura de composição urbana e uma nova organização espacial. Os preceitos da Carta de Atenas de 1933 – o funcionalismo, o zoneamento e a unidade de vizinhança – consubstanciam a nova lógica de composição urbana.

A rua-corredor multifuncional, um dos elementos morfológicos da cidade tradicional, é abolida do novo léxico urbano. Segundo os preceitos do movimento moderno, as ruas tinham apenas a função de conexão viária. Os percursos pedestrianizados¹¹ foram libertados do espaço das calçadas¹², as quais deixam de existir, e são diluídas no interior dos quarteirões. Uma nova lógica fundiária é impressa aos quarteirões, que passam a ser espaços de uso público contrapondo-se aos quarteirões de lotes privados da cidade tradicional.

As ruas dos territórios do movimento moderno ganham outra dimensão na paisagem urbana. As edificações são objetos isolados e a orientação desses edifícios torna-se independente à orientação dos traçados viários. A tipologia arquitetônica dos edifícios sobre pilotis determinou à projeção das edificações no andar térreo o caráter de espaço público, assim como público é todo o espaço circundante (LAMAS, 1993: 86).

Na sua totalidade, a cidade do movimento moderno é setorizada. Segundo os preceitos modernos, as quatro funções urbanas elementares - habitar, trabalhar, recrear e circular – são dispostas separadamente. Como resultado espacial, cada função urbana ganha seu espaço próprio e independente na cidade. E, cada um desses espaços é configurado internamente como um “espaço e-s-p-a-ç-a-d-o” (GOURDON, 2001: 28).

¹¹ Em Portugal, utiliza-se a palavra “pedonal”.

¹² Em Portugal utiliza-se a palavra “passeio”.



FIG 43. Da diversidade à monofuncionalidade. (A) Rua Marquês de Sapucaí em 1929, antes das grandes interferências viárias. Rua-corredor típica da cidade tradicional (B) Rua Marquês de Sapucaí já com o Sambódromo implantado. O modelo do movimento moderno deixando suas marcas no território.

Retomando o caso da Rua Marquês de Sapucaí, percebe-se que com a implantação do Sambódromo esta rua passou por um processo de transformação morfológica radical. De uma rua-corredor da cidade tradicional transformou-se em um “espaço e-s-p-a-ç-a-d-o” da cidade moderna. No espaço urbano atual, a rua das diversas combinações perdeu seu sentido de existência. Perdeu-se a característica de diversidade funcional, ao ser instalado um espaço monofuncional. Perdeu-se a definição dos percursos de circulação de pessoas, ao estarem diluídos no grande espaço livre térreo do equipamento. Perdeu-se a riqueza da paisagem urbana, ao apresentar uma arquitetura fria, padronizada e repetitiva. E, por fim, perdeu-se um espaço de vida social, ao se terem impedido as práticas sociais¹³ cotidianas no grande espaço livre que é o Sambódromo.

Todas essas perdas inscrevem-se na prática da urbanística do movimento moderno, que marca o Sambódromo. Diversas características comprovam a inscrição do equipamento neste movimento intelectual, que sentencia a negação da cidade pré-existente. Para a concepção da nova cidade é idealizada uma arquitetura liberta e oposta a qualquer continuidade histórica. A prática da *tabula-rasa*, condição ideal para receber um projeto moderno, foi firmemente adotada para a implantação do Sambódromo. No terreno vazio pertencente a um envoltório densamente construído nasceu uma forma urbana monumental e ao mesmo tempo contrastante com o ambiente construído.

¹³ Considera-se a ausência de práticas sociais cotidianas no Sambódromo durante todo o ano. Nos dias de carnaval o espaço público é para uso privado e realiza uma festa de participação popular restrita. Nos restantes dias do ano, o espaço de uso público apresenta uso restrito e pouca apropriação social.

A monumentalidade é outra característica do movimento moderno. Os edifícios padronizados e isolados aliados à grande escala de composição urbana, sem relação com a escala da rua, geram espaços monumentais para a escala de percepção do usuário. No projeto do Sambódromo especificamente, a escala do equipamento foi dimensionada para apresentar a magnitude do espetáculo do carnaval. A arquitetura tornou-se ela própria um espetáculo: as arquibancadas de grandes dimensões, a imensa Praça da Apoteose e o seu imponente arco escultórico reforçam a monumentalidade do espaço aberto.

A escala monumental e as formas arquitetônicas imponentes da cidade moderna só puderam ser concretizadas graças à introdução de novos materiais e tecnologias. Cabe ressaltar a importância do uso do concreto armado para a rapidez na execução e para a maleabilidade de formas, o que permitiu aos arquitetos a ruptura das formas arquitetônicas precedentes. Niemeyer delineou o Sambódromo com formas arquitetônicas arrojadas, que só puderam ser realizadas em um exíguo espaço de tempo, devido à opção pelo uso do concreto armado¹⁴.

A forma urbana da cidade moderna resulta do uso de uma tipologia particular: a unidade isolada do edifício de alto gabarito e geralmente sobre pilotis. Essa tipologia foi difundida nos setores habitacionais das cidades, mas o repertório formal modernista foi adotado em todos os setores funcionais. No Sambódromo, um setor para a promoção do lazer, a sua forma urbana é definida por edifícios de arquibancadas de grande altura sobre pilotis, sendo o espaço térreo livre definido para uso público.

De acordo com a lógica do funcionalismo que marca o movimento moderno, a setorização da cidade promove espaços monofuncionais independentes e fechados em si próprios. Poucas foram as cidades integralmente inseridas no pensamento moderno, entre as quais se destaca Brasília. Foi no setor habitacional que a prática do movimento moderno melhor se propagou, como comprovam os grandes conjuntos habitacionais, tipologia disseminada em diversas cidades do mundo.

¹⁴ Em Portugal, usa-se a palavra “betão armado”.

O Sambódromo expressa a lógica funcional do movimento moderno enquanto grande espaço monofuncional, que poderia estar integrado ao sistema de equipamentos de uma cidade moderna, caso o território circundante estivesse inscrito neste modelo. No entanto, o equipamento estabelece adjacência com um tecido da cidade tradicional um embate morfológico.

Esta discussão sobre o que distingue os modelos da cidade tradicional e da cidade moderna e sobre as características modernas que são atribuídas ao Sambódromo foi aqui apresentada visando responder à questão a ser lançada neste ponto: *Será o Sambódromo uma rua do tecido do Rio de Janeiro?* A resposta é contraditória.

A resposta negativa (FIG 46A) surge ao evidenciar que a cidade do movimento moderno negou o elemento morfológico rua. No “espaço e-s-p-a-ç-a-d-o” do Sambódromo a circulação de pedestre configura-se aleatoriamente nos espaços residuais resultantes entre os blocos de arquibancada e no espaço projetado sob os mesmos. No entanto, a possibilidade de circulação aleatória é atualmente controlada. Como apresentado nos capítulos anteriores, cada uma das três parcelas do Sambódromo são fechadas por grades (FIG 44) e apresentam controle de acesso, restringindo os usuários do espaço¹⁵. A rua já tinha sido negada com a opção de desenho urbano moderno do Sambódromo, mas hoje a única característica do elemento rua que persistia – a circulação de usuários no espaço público - está definitivamente encerrada, fora dos dias de carnaval.



FIG 44. Os contornos do Sambódromo. As grades de fechamento e o controle de acesso ao interior do equipamento. **A.** As grades de acesso a parcela da Praça da Apoteose. **B.** As grades de acesso a parcela central do equipamento.

¹⁵ O acesso ao Sambódromo é controlado por serviço de segurança, os quais permitem o acesso apenas aos funcionários, alunos e respectivos responsáveis das escolas municipais do equipamento.

Quanto à resposta positiva (FIG 46B), esta é extremamente específica e transitória. O elemento morfológico da rua só existe no período da festa de carnaval, quando as parcelas do Sambódromo são unidas para promover o desfile das escolas de samba. Mas não é só a adição das parcelas que configura nesse período a rua do Sambódromo. Como refere Figueiredo (2003), o carnaval carioca é uma festa de rua e precisa da estrutura linear para se realizar. O desenho urbano do Sambódromo não poderia ter outra forma que não a implantação linear¹⁶.

Para contornar a dificuldade de delimitação da via, em decorrência da falta de edifícios limítrofes¹⁷, foi construído um fosso de separação e colocadas grades ao longo de todo o espaço linear (FIG 45). O referido fosso e as grades dispostos em linha têm a função de limitar a caixa de rua, que é o espaço definido para a passagem das escolas de samba.

Constata-se então que o bairro da Cidade Nova perdeu uma rua de grande vitalidade urbana para a cidade do Rio de Janeiro ganhar uma avenida exclusiva para a atividade do carnaval, que só funciona nos dias de festa e tem seu uso privado.

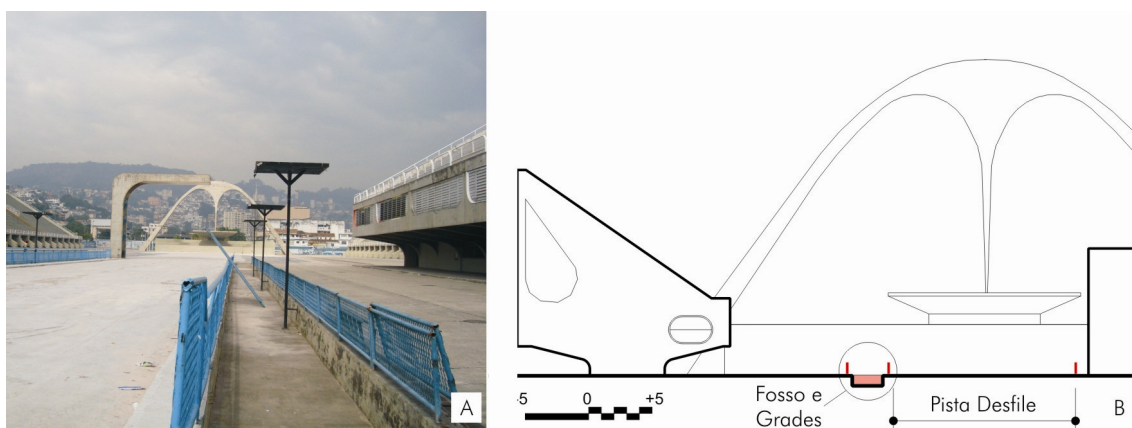


FIG 45. A passagem das escolas de samba. (A) O fosso de separação e as grades delimitando a via do carnaval. (B) Desenho explicativo mostrando a delimitação da pista de desfile.

¹⁶ Para Figueiredo (2003: 134), os desfiles de carnaval são organizados de acordo com quatro categorias espaciais: a *rua*, a *concentração*, a *dispersão* e a *assistência* (local do público). No caso do Sambódromo, a *concentração* e *dispersão* estão nas ruas transversais de início e fim de desfile (Avenida Presidente Vargas e Rua Frei Caneca respectivamente). O equipamento inclui as categorias *assistência* e *rua*. Niemeyer inseriu uma nova categoria, a *praça*, mas esta forma não foi absorvida pelo desfile.

¹⁷ Com exceção do edifício de camarotes linear de embasamento no pavimento térreo, entre a via do Sambódromo e a antiga Fábrica Brahma.

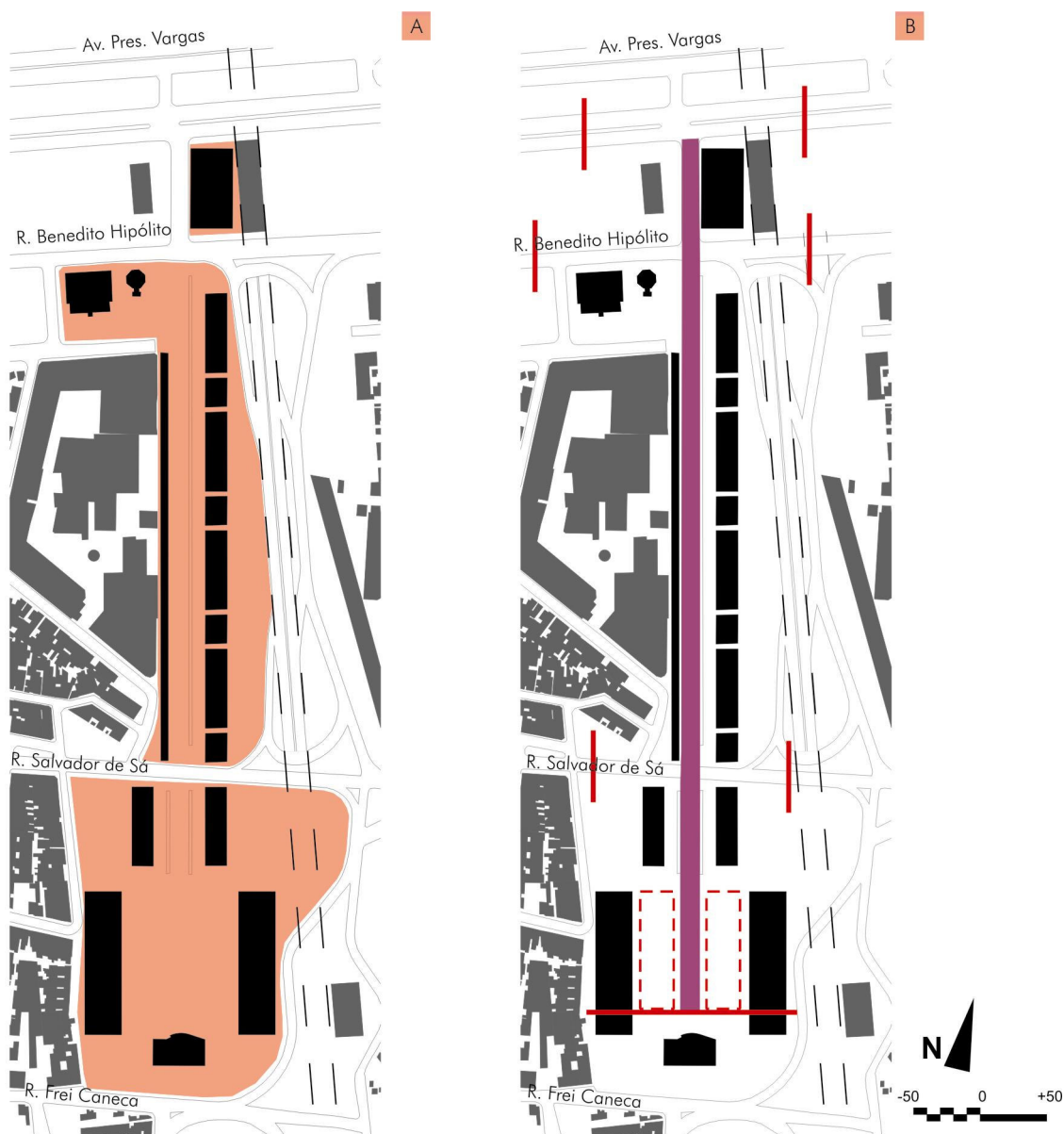


FIG 46. Os dois Sambódromos. (A) Os três espaços controlados do Sambódromo, o equipamento parcelado. A configuração constatada durante o ano todo. (B) A união das partes para a configuração da rua, somente nos dias de carnaval.

. O equipamento linear tripartido .

Após a reflexão sobre a configuração linear do Sambódromo, retomam-se as premissas da investigação, que inclui o Sambódromo no universo dos grandes equipamentos urbanos. Como visto no ponto anterior, o elemento morfológico rua só está configurado para a função urbana do carnaval. Uma vez por ano, o equipamento adquire a forma de uma rua de uso extremamente específico. Todos os restantes dias do ano, o equipamento apresenta-se como um espaço

subutilizado em que a principal atividade desempenhada, o desfile das escolas de samba, não se desdobra em atividades complementares ao carnaval.

Além da subutilização funcional, a forma urbana do Sambódromo está desarticulada da malha urbana envolvente. A própria forma urbana, com implantação interiorizada para o espaço arquitetônico e alheia a contigüidade do tecido envolvente, contribui para o descompasso entre equipamento e envolvente.

O equipamento apresenta-se no espaço urbano dividido em três parcelas¹⁸. Cada parcela do equipamento apresenta uma forma urbana diferenciada (FIG 47). Essa diferenciação é também resultado das limitações impostas pela malha urbana pré-existente. As ruas da Cidade Nova dividem o equipamento e as edificações precedentes do Sambódromo também condicionaram a forma urbana do equipamento.

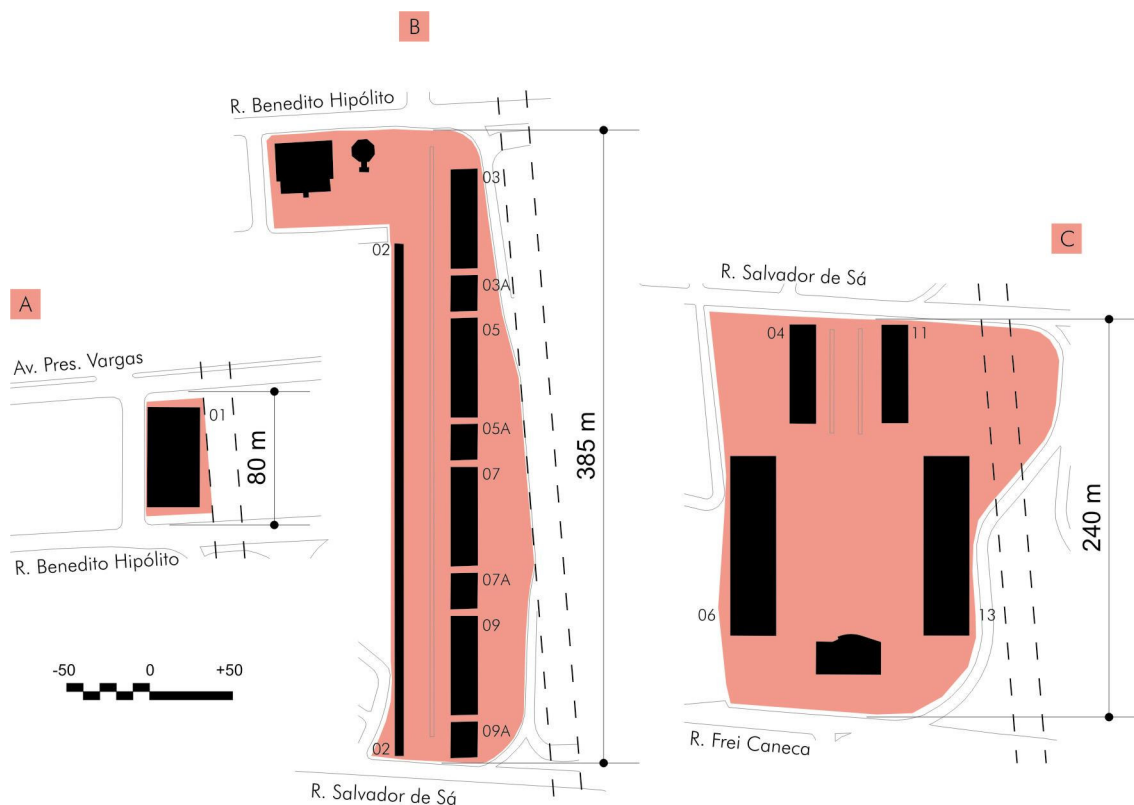


FIG 47. As três parcelas do Sambódromo. (A) O menor dos três trechos, a unidade arquitetônica isolada. (B) O trecho intermediário, a falta de simetria edilícia. (C) O trecho final, a praça não pertencente ao tecido urbano do bairro.

¹⁸ “Pequena parte de um todo; fragmento” (PARCELA. In: **DICIONÁRIO da Língua Portuguesa**. Porto: Porto Editora, 2002. p. 1243.

Na menor das três parcelas do equipamento (FIG 47A), a arquitetura do Sambódromo apresenta-se desequilibrada e ocupa apenas um dos lados do eixo central. Cercada por grades que impedem seu acesso, a imensa edificação de arquibancada (FIG 48) não desempenha função complementar e parece se comportar como um grande monólito perdido entre as ruas que compõem o sistema viário circundante.

Este pequeno trecho do Sambódromo é o único em que existe tanto a circulação de automóveis quanto a circulação dos transeuntes. A falta de delimitação espacial deste trecho e a volumetria diferente às outras arquibancadas do conjunto determinam que esta edificação comporte-se como um elemento destacado do conjunto.



FIG 48. A menor parcela. O edifício de arquibancada (setor 01) isolado entre ruas da cidade e o viaduto elevado. À esquerda, a edificação do Juizado da Infância e Adolescência. O contraste de escala entre a arquibancada e o edifício.

Na parcela intermediária (FIG 47B), a característica de linearidade que o equipamento expressa está fortemente definida. O extenso e estreito edifício de camarotes (setor 02), embasado sobre o pavimento térreo, contribui para essa definição linear. Entretanto, este edifício, também projeto de Niemeyer, está descontextualizado à escala do Sambódromo, devido as suas pequenas dimensões de altura e profundidade (FIG 49A). A forma desta edificação é decorrente do estreito terreno onde foi implantado. Espremido entre a via de passagem das escolas de samba e a edificação da antiga Fábrica Brahma, o edifício apresenta pouca profundidade e se distancia da fachada da fábrica

pouco mais de um metro. Este ínfimo afastamento (FIG 49C) é consequência dos acessos tanto à fábrica pela fachada da Rua Marquês de Sapucaí quanto à própria edificação. O resultado espacial é um longo e desconfortável beco nas traseiras do Sambódromo.

O edifício de camarotes (setor 02) define a linearidade do equipamento mas são os módulos de arquibancada suspensos por pilotis que definem a morfologia da segunda parcela. A implantação ritmada dos módulos edificadas e a tipologia arquitetônica irreverente são a marca deste trecho. O espaço livre definido para todo o pavimento térreo sofre, no entanto, uma contínua ruptura espacial provocada pelo fosso de delimitação que conforma a via do desfile (FIG 49B).

Este trecho não é constante na linearidade. Na extremidade da Rua Benedito Hipólito, há a sobreposição de um quarteirão retangular onde se localizam duas outras edificações do conjunto. Estas edificações, que servem de apoio a estrutura do equipamento (FIG 49D), não pertencem ao projeto do Niemeyer e se encontram fora da escala monumental do Sambódromo.

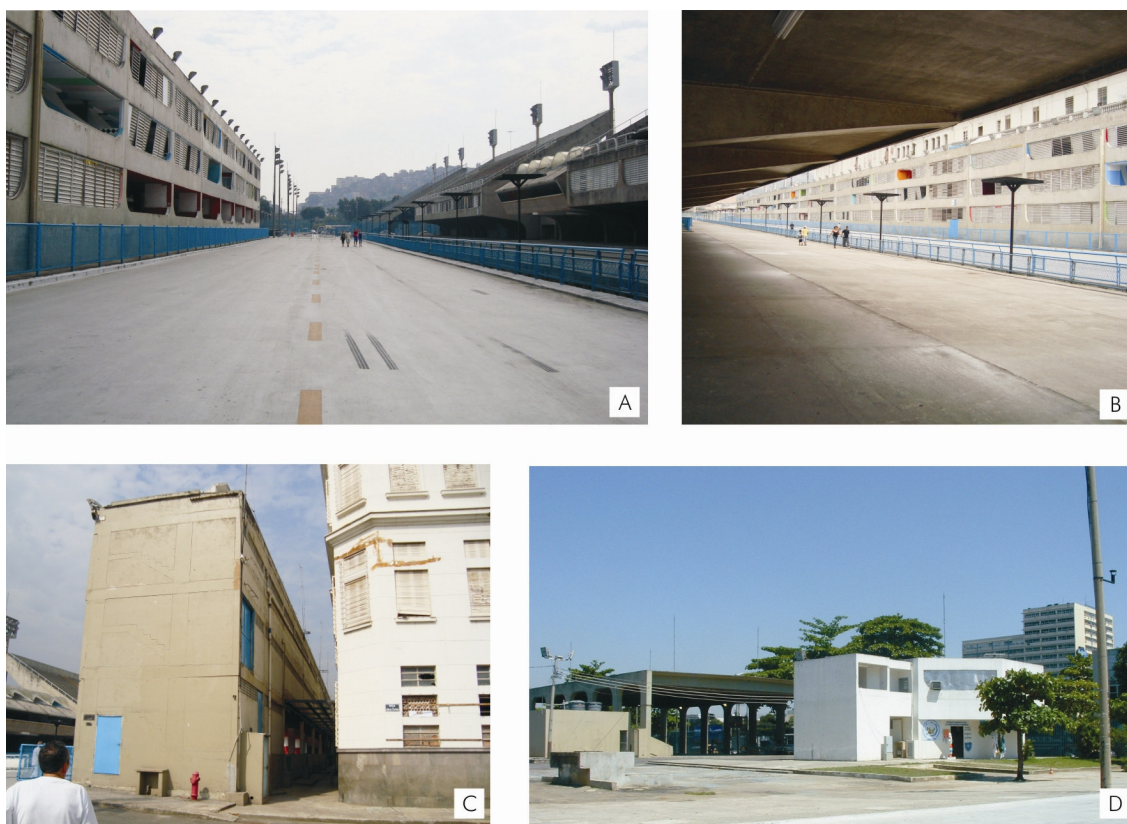


FIG 49. A parcela intermediária. (A) As tipologias contrastantes em cada lado da avenida. (B) O espaço livre sobre os edifícios em pilotis e a ruptura espacial deste espaço gerada pelo fosso de delimitação. (C) O beco gerado entre o edifício de camarotes e a Fábrica Brahma. (D) As edificações de apoio, não pertencentes ao projeto de Niemeyer.

Na parcela final do Sambódromo (FIG 47C), parte da forma linear é substituída por um grande espaço livre, ao qual foi atribuída a denominação de praça. Como refere Lamas (2001: 102), “na urbanística moderna, a praça permanece, embora suscitando as dificuldades de delimitação e definição provocadas pela menor incidência dos edifícios e fachadas na sua definição”.

A Praça da Apoteose, a polêmica inovação programática do projeto de Niemeyer, recebeu críticas desde a incerteza da apropriação do espaço pela atividade do desfile até a falta de visibilidade para os posicionados nos módulos de arquibancada que configuram a praça. Para contornar a questão da amplitude do espaço urbano, nos dias de carnaval, a praça precisa ser adaptada para configurar a forma linear da via na continuidade do segundo trecho (FIG 50A). A Praça da Apoteose não desempenha funções nem para a atividade do carnaval, nem apresenta qualidades próprias de praça urbana, conformando-se assim na parcela de maior área vazia do equipamento (FIG 50B e 51).

O arco escultórico também sofre críticas relacionadas à obstrução da passagem das escolas de samba. As escolas de sambas evoluem na avenida no sentido do marco arquitetônico mas o seu dimensionamento e a sua posição no espaço dificultam a dispersão dos componentes e dos carros alegóricos, já dificultada pelas ruas estreitas do tecido urbano envoltório que não comportam o fluxo de pessoas e alegorias. O marco visual do arco só está estabelecido para a avenida do desfile, estando fora de contexto urbano em relação ao tecido envolvente.

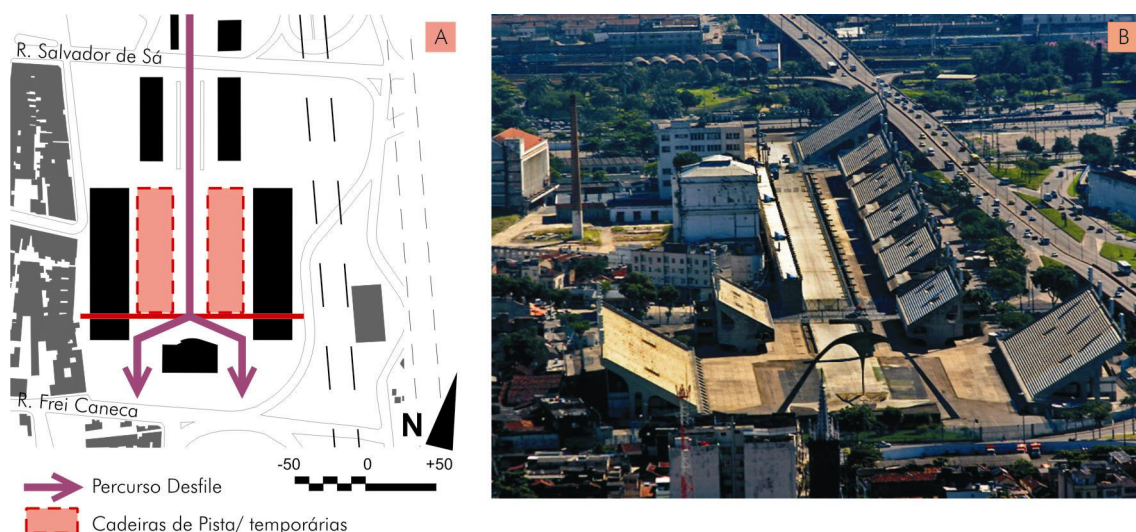


FIG 50. A Praça da Apoteose. (A) O percurso do desfile de carnaval. O obstáculo do marco escultórico e o preenchimento efêmero por cadeiras de pista. (B) A praça não absorvida pela malha urbana.

Este é o único trecho que apresenta a propriedade de simetria em relação às edificações implantadas. A simetria conforma um caráter de unidade espacial e evidencia o monumento escultórico, marco urbano do equipamento. A monumentalidade do espaço arquitetônico é reforçada pela tipologia edilícia adotada e pelas grandes distâncias entre as edificações de arquibancada. O resultado final é um espaço de efeito cênico, que somente pode ser apreendido pelo usuário, quando posicionado no interior do espaço urbano.



FIG 51. A parcela final. (A) A simetria dos edifícios de arquibancada e a grande abertura da praça modernista. (B) O grande distanciamento para evidenciar o marco arquitetônico do projeto. O efeito cênico da obra arquitetônica.

A imagem cênica interna prevalece sobre a imagem exterior do equipamento, a qual foi ignorada. Prova deste desprezo, são as fachadas traseiras dos módulos de arquibancada (FIG 52A), onde não houve preocupação com o rigor estético, e os contrastes morfológicos estabelecidos entre o equipamento e a Fábrica Brahma (FIG 52C), no segundo fragmento e entre o mesmo e as edificações da APAC (FIG 52B), no trecho final.

O resultado aparentemente apreendido no interior de todas as três parcelas do equipamento é a intromissão da cidade pré-existente dentro do cenário estabelecido pelo Sambódromo. No entanto, a lógica deveria funcionar inversamente. As parcelas do Sambódromo, na verdade, são os intrusos ao território que lhes circunscrevem.



FIG 52. O Sambódromo de costas para a cidade. (A) O gradeamento e as fachadas traseiras das arquibancadas, onde transparece a despreocupação com a estética. (B) O conflito morfológico das grandes arquibancadas com o casario da APAC. (C) A antiga Fábrica Brahma sobressaindo na paisagem que parece até pertencer ao cenário do equipamento.

O argumento da intromissão das parcelas do equipamento no território é também comprovado pelos desajustes da forma do equipamento. A composição urbana do Sambódromo é assimétrica, as edificações são descontínuas e o espaço urbano está tripartido, fatores que tendem a interpretar o equipamento como uma obra incompleta. Nota-se que há um recorte no perímetro da fronteira entre o equipamento e a malha urbana do bairro que é resultante da forma do território pré-existente.

O projeto não estabeleceu nem alinhamento nem ritmo às edificações dispostas no lado direito do Sambódromo. Poderia-se dizer que foi uma intenção projetual? Decididamente, não. Nota-se, por exemplo, que o edifício de camarotes (setor 02) foi ajustado para encaixar no terreno disponível, pois além da falta de contexto à escala do Sambódromo, não estabelece alinhamento a terceira parcela do Sambódromo¹⁹.

De fato, o lado direito do equipamento, na primeira e segunda parcelas, foi desenhado em função das edificações implantadas nos terrenos adjacentes (Fábrica da Brahma e Juizado de Menores). Nesses dois trechos não foram realizadas desapropriações aos terrenos adjacentes, fato que limitou a implantação das edificações. Mas e se o Sambódromo estivesse implantado por

¹⁹ Segundo informa o jornal o Globo (02/03/1984) não houve indenizações à Fábrica da Brahma pela construção do setor 02 em frente a sua fachada lateral. Segundo o engenheiro Sussekind “a fábrica da Brahma ‘até gostou’ de ter os camarotes funcionando como brise-soleil refrescando o seu prédio” (PASSARELA, 1984). Como referido no capítulo 03, a fábrica hoje encontra-se desativada, semi-demolida, pertence ao patrimônio do estado e não foi realizado acordo entre a Prefeitura e a empresa de cervejas para a compra do terreno.

completo, como no desenho global e não territorializado de Niemeyer, o equipamento também não estabeleceria conflito com o território envolvente?

Mais do que avaliar o projeto arquitetônico de Niemeyer ou conjecturar alterações na forma arquitetônica, interessa neste ponto apreender a configuração atual do equipamento. Nesse sentido, como já salientado a forma urbana do equipamento revela-se incompatível à malha urbana pré-existente e esta incompatibilidade produz conflitos entre cada um das parcelas do equipamento e o território do bairro.

Ademais, como demonstrado nos capítulos anteriores, também são incididos sobre o território conflitos de ordem funcional. No período do carnaval, a função urbana do equipamento transborda os limites do corpo arquitetônico e durante o período que o equipamento permanece tripartido, o vazio predomina em cada parcela do equipamento, acentuando o panorama de vazio urbano da envolvente do equipamento.

Por outro lado, o equipamento triparticionado, além de estabelecer conflitos de ordem formal e funcional, não desempenha vitalidade urbana para este trecho da Cidade Nova. Santos (1986), em seu estudo sobre as práticas sociais dos moradores residentes na APAC- Cidade Nova²⁰ e a conseqüente perda dessas trocas com os planos de renovação urbana, define o espaço do sambódromo como um “nada urbanístico” e argumenta que “um sambódromo que funciona apenas uma vez por ano, no carnaval, substitui o movimento das lojas, oficinas, fábricas, armazéns, cinemas e igrejas”, promovendo perda de vitalidade urbana do espaço.

O estudo de Santos foi elaborado no ano de 1981, quando a Rua Marquês de Sapucaí recebia a festa sob a forma de um sambódromo em arquitetura efêmera. Após 25 anos da construção do equipamento, a constatação de Santos permanece de toda a atualidade. A construção de um equipamento não alterou a condição de vazio ao terreno adjacente do Viaduto 31 de Março. O Sambódromo só assume a condição de equipamento uma vez ao ano, estabelecendo assim um

²⁰ A APAC- Cidade Nova foi apenas instituída na década de 1990 na intenção de preservar os valores sociais e culturais existentes neste trecho da cidade.

equipamento urbano de funcionamento transitório. Na maior parte do ano, o vazio urbano predomina intermitente no bairro da Cidade Nova.

. O vetor de fragmentação do bairro .

Como já argumentado, a inserção de equipamentos urbanos ou de grandes superfícies arquitetônicas de uso específico causa alterações ao território que lhes rodeia, decorrentes de fatores de diversas naturezas e escalas variadas de relacionamento, específicas para cada tipologia de equipamento. Será que o Sambódromo, na configuração apresentada, pode comprometer os programas de revitalização do bairro?

Jacobs (2000: 285) classifica os grandes equipamentos²¹ como fronteiras da cidade. Segundo a autora, as fronteiras são vistas quase sempre como passivas, ou pura e simplesmente, como limites. No entanto, argumenta que as fronteiras exercem uma influência ativa sobre o espaço envoltório. Cabe aqui, portanto, questionar: Que influência sobre o espaço urbano terá o invólucro que delimita a fronteira entre um grande equipamento e uma comunidade?

Conforme abordado no primeiro capítulo, o equipamento tem a particularidade de apresentar uma faceta dualizada pois tanto pode encaminhar ações para a reativação do território desvitalizado, quanto em contrapartida, pode ser o vetor de fragmentação espacial e social do território que lhe abrange (SIINO, 2004).

Em relação à faceta da fragmentação, Jacobs (2000: 287) ressalta os “hiatos de uso” que se formam nas redondezas das grandes superfícies arquitetônicas monofuncionais. Esses hiatos são decorrentes do uso super-simplificado a que o equipamento se destina. Para a autora, a simplificação funcional tende a simplificar o uso que as pessoas dão às áreas adjacentes. A barreira arquitetônica de uso restrito implica em menos freqüentadores e menos opções de destinos ao alcance dos usuários da malha urbana. Em boa verdade, as fronteiras dos equipamentos fragmentam a contigüidade do tecido urbano e dividem as cidades, separando as vizinhanças da cidade “comum”, adjacentes à fronteira urbana.

²¹ No texto, a autora utiliza a expressão “usos únicos de grandes proporções”.

O grande perímetro da fronteira, ou mesmo o próprio equipamento, pode vir a ser, como sentencia Cullen (1983), um elemento parasitário que a cidade tem dificuldade em digerir. Ao comparar os grandes invólucros das fronteiras urbanas com as cidades medievais fechadas, Jacobs (2000: 50) observa em cada um dos fechamentos relações espaciais diferenciadas. O fechamento da cidade medieval preza pela segurança da população enquanto que os fechamentos monofuncionais são nefastos para a população envolvente.

Como percebe-se no caso do Sambódromo, os hiatos de uso decorrentes dos terrenos livres da envolvente acentuam a condição de vazio urbano do equipamento e, por consequência, do bairro (FIG 38A). A simplificação do uso, referenciada por Jacobs (2000: 287), procede-se na malha da APAC devido à fragmentação da contigüidade do tecido urbano pré-existente resultante da implantação da barreira dupla (Sambódromo + Viaduto 31 de Março).

Desde a construção do equipamento, o cenário de estagnação imobiliária é demonstrado pela falta de interesse da iniciativa privada no preenchimento dos terrenos livres e pela desvalorização das unidades edilícias do bairro. Jacobs (2000: 287) defende que “quanto mais estéril essa área simplificada se tornar para empreendimentos econômicos, tanto menor será a quantidade de usuários e mais improdutivo será o próprio lugar”, iniciando um processo de deterioração do espaço envolvente.

Como demonstrado na análise morfológica, o Sambódromo é uma peça, ou melhor, é o conjunto de três peças não integradas física e socialmente a sua envolvente. O Sambódromo pode ser encarado como vetor de fragmentação espacial e social, pois dado que o equipamento:

- (1) sob a configuração da forma urbana do equipamento acentua a descontinuidade tecido urbano do bairro e impede a apropriação dos grupos de população,
- (2) sob a condição de vazio urbano intermitente do equipamento acentua a própria desvitalização e a da envolvente, contribuindo para a decadência ambiental e para a desvalorização imobiliária da zona; e

(3) sob a função consolidada do equipamento, obrigatoriamente exerce alterações efêmeras na forma e na dinâmica da envolvente e beneficia a economia e o prestígio da cidade em detrimento do próprio bairro.

Esta dissertação não tem meios de avaliar as causas da estagnação imobiliária manifestada no bairro da Cidade Nova. Há uma série de condicionantes envolvidos nesta questão e para proceder uma total avaliação exigiria que a investigação debruçasse sobre fatores relacionados ao mercado imobiliário e avaliasse a situação fundiária dos dois grandes vazios urbanos da Cidade Nova: a envolvente do Sambódromo e a envolvente da PCRJ, alvo principal dos projetos urbanísticos programados para o bairro.

O fato da permanência da condição de vazio urbano nas imediações do Sambódromo nos últimos 25 anos²² leva a conjecturar que o equipamento tem sido um entrave para a dinamização imobiliária dos terrenos livres. Sobre esses vazios, nem o corpo arquitetônico do Sambódromo se expandiu nem foram incorporadas as ações programadas pelos projetos urbanos, permanecendo a situação de estagnação.

No que tange a envolvente imediata do equipamento, verifica-se a hipótese formulada de que o Sambódromo, na configuração apresentada, tem-se comportado como entrave das ações de revitalização programadas para o bairro. O equipamento enquanto vetor de fragmentação repele o interesse do investimento privado e não colabora para o avanço dos programas de revitalização. As ações até hoje programadas não prezaram pela integração do equipamento, elemento de forte executor de impactos sobre o bairro e conflitante com a malha urbana exposta no território.

Quanto a outro vazio urbano do bairro, a envolvente da PCRJ, considera-se que o fato de o equipamento manifestar-se como vetor de fragmentação também contribui para a ineficácia das ações de revitalização incidentes sobre este trecho. Embora não se disponha de subsídios para proceder esta avaliação, as ações programadas para o bairro sempre se concentraram na envolvente da PCRJ e nunca estiveram correlacionadas ao vazio urbano do Sambódromo. Esta

²² Em fevereiro de 2009, o Sambódromo terá 25 anos de existência.

dissertação acredita que ações de integração espacial e social do equipamento ao tecido urbano do bairro possam contribuir para a melhoria da região degradada como um todo e não somente a da sua envolvente imediata.

Os equipamentos são espaços urbanos especiais, vitais para o funcionamento e dinâmicas da cidade e devem ser cuidadosamente planejados e articulados ao tecido urbano de modo a minimizar as suas interferências sobre o espaço. Cabe à cidade estabelecer estratégias que integrem os grandes equipamentos ao seu corpo urbano para que estes desempenhem satisfatoriamente o serviço prestado e estejam bem integrados na contigüidade do tecido urbano.

4.2

Transformando o território do Sambódromo

Poderá o equipamento Sambódromo desempenhar o papel da figura indutora da reativação do vazio urbano da Cidade Nova? No primeiro capítulo desta pesquisa demonstrou-se que os equipamentos apresentam uma faceta essencial nas mutações urbanas dos espaços desvitalizados. De acordo com a prática urbana contemporânea, os equipamentos são encarados como o elemento chave para atrair investimentos imobiliários do setor privado e para posicionar as cidades no sistema de competição entre cidades, tornando-se um elemento fulcral na recomposição dos espaços.

Esta dissertação não pode, nem pretende, afirmar que o equipamento Sambódromo possa reverter o quadro de degradação ambiental e estagnação imobiliária que perdura na Cidade Nova. Esta reversão requer a retomada do planejamento urbanístico sobre o bairro da Cidade Nova e a elaboração de estratégias incidentes sobre o equipamento Sambódromo. Como defendido, a integração espacial e social do equipamento pode se traduzir como peça chave para a melhoria da região degradada.

Conforme demonstrado, o Sambódromo por estar sendo um vetor da fragmentação espacial e social do bairro tem dificultado as ações de revitalização programadas para a envolvente imediata. Na avaliação sobre os

planos urbanísticos, apenas o plano mais recente, o Projeto SA's, explicitou ações para o equipamento. Embora agissem diretamente sobre o equipamento, essas ações restringiam-se ao interior do espaço arquitetônico e não propuseram a articulação entre o equipamento e o meio envolvente.

Tendo em conta que a presença do equipamento influencia na qualidade de vida do seu bairro, pode concluir-se que a dinamização do território terá de assentar na integração espacial e social do equipamento à sua malha urbana e ao seu meio envolvente.

. A articulação ao meio urbano envolvente .

O fato de o equipamento estar inscrito na descontinuidade urbana dá conta da incapacidade da administração pública em gerir sua própria produção urbana. A ausência do planeamento em escala superior, como o caso do Sambódromo, dificulta a absorção da estrutura urbana no ambiente edificado, mas não significa que o quadro seja irreversível.

A implantação de um equipamento sob um terreno livre requer o estudo inicial dos impactos que a forma e função urbanas do empreendimento possam exercer sobre o território. Desta forma, o planejador pode prever e contornar alguns dos impactos executados sobre o espaço urbano embora não seja possível conjecturar todos os impactos decorrentes. Ascher (2001) estabelece como um dos princípios do novo urbanismo a elaboração e a gestão dos projetos num contexto incerto. Para o autor, o urbanismo moderno definia um programa e fixava os princípios de organização espacial, enquanto que o novo urbanismo apóia-se em abordagens mais reflexivas, adaptadas a uma sociedade complexa e a um futuro incerto.

O projeto, para o novo urbanismo, já não é mais um desígnio ao qual se junta um desenho. É um instrumento cuja elaboração, expressão, desenvolvimento e implementação revelam as potencialidades e as condicionantes impostas pela sociedade, pelos atores em presença, pelos sítios, pelas circunstâncias e pelos acontecimentos (ASCHER, 2001).

No caso do Sambódromo, o projeto inflexível de Niemeyer não permitiu que as condicionantes sociais, espaciais e temporais fossem absorvidas pelo equipamento. Na verdade, essas condicionantes foram desprezadas desde a concepção do objeto arquitetônico. A forma urbana rígida e imposta sobre o território conflita com a realidade que lhe envolve e contribui para a degradação ambiental e para a estagnação imobiliária do bairro.

Como solução para contornar aos “hiatos de uso” ao redor das grandes superfícies monofuncionais, Jacobs (2000: 298) propõe o emprego de uma força contrária às fronteiras urbanas. Essa força se configuraria através de elementos urbanos, que permitissem a constituição de um território multifuncional na envolvente.

Retoma-se assim à questão da inscrição do equipamento no planejamento urbano da cidade. O planejamento, dentre outros atributos, desempenha o papel da organização funcional da cidade. E como refere Jacobs (2000: 262) preocupar-se com a atribuição do uso é diferente de preocupar-se com a *proporção* do uso²³.

Preocupar-se com a proporção do uso significa preocupar-se com os impactos que a forma urbana possa proporcionar ao ambiente físico, à dinâmica e aos usuários do território. As cidades são responsáveis pela própria produção do seu território. A escolha acertada sobre a localização de um equipamento é o princípio da contribuição que o equipamento pode oferecer para a estruturação do território.

Algumas cidades do mundo já incorporaram no seu quadro de legislação urbana instrumentos específicos, como os documentos técnicos de impacto edilício, que permitem a tomada de medidas preventivas, a fim de evitar o desequilíbrio no crescimento urbano e garantir condições mínimas de ocupações dos espaços habitáveis.

No Brasil é recente a preocupação com a temática. No ano de 2001, produziu-se um grande avanço no campo das políticas urbanas ao ser aprovado o Estatuto

²³ Como exemplo, Jacobs (2000) demonstra que a definição de uma rua comercial é abrangente, pois não menciona a escala de implantação. A configuração da rua será diferente se preenchida por pequenos estabelecimentos comerciais ou se preenchida por um grande supermercado.

da Cidade, legislação responsável pela regulamentação do desenvolvimento urbano no Brasil. Dentre inúmeras resoluções, esta lei prevê a elaboração do EIV ²⁴(Estudo de Impacto de Vizinhança) para “os empreendimentos em que a lei municipal considerar como promotores de mudanças significativas no perfil da região onde se instalar e inclui a obrigatoriedade de controle direto, por representação da sociedade civil, para garantir a defesa do interesse coletivo” (ROLNIK, s.d.).

O EIV inseriu-se no Estatuto da Cidade com o objetivo de democratizar o sistema de tomada de decisões na implantação de grandes empreendimentos na cidade e sua relação com o entorno. A partir da elaboração deste estudo, os novos grandes empreendimentos irão receber autorização, recomendações e condicionalidades para ser implantados. No EIV será levantado “o aumento da população, a existência de equipamentos urbanos e comunitários, o uso e a ocupação do solo no entorno, o tráfego gerado e a demanda de transporte público para a região” (SCHASBERG, 2008).

Os instrumentos de prevenção aos impactos são uma ferramenta auxiliadora para os projetos dos equipamentos aproximarem-se da forma mais coerente sobre o seu território e podem ser uma ferramenta útil no processo de intervenção em equipamentos urbanos. Com a avaliação dos impactos positivos e negativos proporcionados pelo equipamento, poder-se-á fundamentar a proposição de medidas corretivas ou compensatórias para cada situação urbana.

A elaboração de um EIV sobre o atual funcionamento do Sambódromo auxiliaria os futuros projetos de intervenção na definição das estratégias para melhoria das componentes espaciais e sociais do espaço. Desta maneira, o interesse coletivo do bairro poderia vir a estar assegurado através do reconhecimento do direito de participação popular no processo decisório das questões urbanas.

²⁴ Segundo o artigo 37 da lei federal brasileira nº 10257/ 2001, conhecida por Estatuto da Cidade, “o EIV será executado de forma a contemplar os efeitos positivos e negativos do empreendimento ou atividade quanto à qualidade de vida da população residente na área e suas proximidades, incluindo a análise, no mínimo, das seguintes questões: I- adensamento populacional, II- equipamentos urbanos e comunitários, III- uso e ocupação do Solo, IV- valorização imobiliária, V- geração de tráfego e demanda por transporte público, VI- ventilação e iluminação, VII- paisagem urbana e patrimônio natural e cultural”.

A ação conjunta sobre o equipamento e a envolvente é fundamental para proporcionar a integração do equipamento ao seu contexto físico-social. Somente ao estar em simbiose com o espaço circundante, o equipamento pode contribuir para a dinamização do território e exercer o papel de indutor da reativação do vazio urbano.

A integração espacial e social do Sambódromo só poderá ser alcançada se o equipamento for intervencionado a partir de uma abordagem de conjunto aos condicionantes do espaço e ao acontecimento transitório do carnaval. A identificação das potencialidades reveladas pelo equipamento surge como uma metodologia para permitir eliminar a condição de vazio urbano intermitente.

. Figura indutora para a revitalização do bairro .

A escolha pelo terreno de implantação e a opção pela forma urbana do equipamento não foram as mais acertadas para a construção de um sambódromo na cidade do Rio de Janeiro. No entanto, o fato de o Sambódromo ter se tornado um ícone da cidade acrescido ao fato de o território da Cidade Nova ter passado por diversas demolições leva a considerar que a opção pela remoção deste equipamento do seu espaço receptor não é a mais indicada. Optar pela transformação do vazio intermitente em mais um vazio contínuo do bairro não resolve os problemas de degradação físico-social, pelo contrário, o cenário de vazio seria acentuado.

No sentido da valorização do equipamento, a estruturação do Sambódromo é também uma condição para que seja retomado o processo de dinamização do bairro. Após todo o percurso de análise do objeto arquitetônico contextualizado e face aos problemas levantados, esta dissertação sugere a elaboração de uma proposta urbanística focada na integração espacial e social do equipamento Sambódromo à área envolvente.

Para a reversão da condição de vazio urbano intermitente, as funções urbanas complementares devem ser reconsideradas e indicadas funções urbanas compatíveis ao tecido urbano e social da envolvente e à forma arquitetônica do equipamento. Se todas as funções urbanas do equipamento estiverem ajustadas

entre si e articuladas ao meio envolvente, essas atividades poderão propulsar as dinâmicas locais, as políticas sociais, os programas de habitação e as ações em favor da população local.

Visando potencializar o valor estratégico do equipamento, elaborou-se um quadro síntese do diagnóstico relativo à dimensão física e urbanística do vazio urbano do Sambódromo, baseado nos dados e nas análises desenvolvidas ao longo desta pesquisa. Através da ferramenta de diagnóstico SWOT, construiu-se o quadro síntese, o qual se concentra na identificação de pontos relacionados ao diagnóstico da situação e ao diagnóstico prospectivo do espaço em análise.

O quadro síntese, apresentado em sequência, não pretende ser um modelo para diagnósticos futuros. A reflexão instaurada pretende apenas lançar essa nova perspectiva de observação ao problema territorial do bairro e encarar o Sambódromo como figura indutora da revitalização do território.

DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO		DIAGNÓSTICO PROSPECTIVO	
PONTOS FORTES	PONTOS FRACOS	OPORTUNIDADES	AMEAÇAS
<p>Infra-estrutura pronta (transporte/ saneamento)</p> <p>Uso residencial consolidado (apropriação humana)</p> <p>Presença de um equipamento imagético</p> <p>Interesse visitação à passarela</p> <p>Identidade cultural forte (origens e celebração do samba)</p>	<p>Função principal- distúrbios previsíveis (alterações efêmeras/ população flutuante)</p> <p>Condição Vazio urbano fora carnaval (funções complementares inapropriadas)</p> <p>Falta de apropriação do equipamento</p> <p>Embate morfo/ sociológico equipamento e bairro.</p> <p>Fragmentação bairro barreira dupla (Samb + Viaduto)</p> <p>Carência de espaços lazer- pop. residente</p>	<p>Expansão turismo, desdobramento função principal em funções complem. relacionadas</p> <p>Expansão do bairro e do equipamento sobre vazios projetados</p> <p>Expansão Sambódromo (consolidação do eqpt. Em plenitude)</p> <p>Integração física Fábrica Brahma ao Sambódromo (elem. transição para tecido tradicional da cidade)</p>	<p>Legislação patrimonial restritiva a alterações arquitetônicas do eqpt.</p> <p>Problemas fundiários vazios urbanos</p> <p>Estigmatização bairro (imagem negativa a refletir na estagnação imobiliária)</p> <p>Sentimento de medo e insegurança (vazio urbano)</p>

FIG 53. Diagnóstico SWOT. O diagnóstico da situação e o diagnóstico prospectivo relativo ao vazio urbano do Sambódromo (equipamento + zona envolvente).

A elaboração de uma nova proposta para o bairro da Cidade Nova, como sugerido por esta pesquisa, deve prezar e articular ao seu território o equipamento que nos últimos 25 anos proporcionou uma nova construção identitária ao bairro. O bairro das origens do samba é hoje o bairro realizador do maior espetáculo do samba brasileiro. A atividade do carnaval, de funcionamento transitório, pode ser incrementada e desdobrada em atividades temáticas complementares no intuito de incentivar o fluxo de turistas fora do período do carnaval e favorecer a apropriação do espaço em plenitude.

As atividades complementares devem também promover a apropriação do equipamento no que tange os moradores locais a fim de estabelecer o seu comprometimento com o meio social envolvente. Torna-se fundamental remover as barreiras impeditivas do uso público para possibilitar o desenvolvimento das práticas sociais. A ferramenta de desenho urbano será vital para proporcionar a integração espacial e social do espaço do Sambódromo e articular as novas atividades ao meio envolvente.

Os terrenos livres e obsoletos (FIG 54), (Fábrica Brahma, Terreirão do Samba, Frente Urbana da Presidente Vargas e imediações do metrô Praça Onze), podem se revelar no elemento de articulação entre o equipamento e o bairro. Sobre estes podem expandir o corpo arquitetônico e o tecido urbano da Cidade Nova visando à integração dos fragmentos. Para viabilizar esta grande intervenção, é imprescindível que a legislação do patrimônio arquitetônico do Sambódromo seja revisada e flexibilizada para permitir que as alterações edilícias possibilitem o desempenho eficaz de todas as funções urbanas previstas e também da função principal do Sambódromo, que proporciona atualmente grandes impactos negativos sobre o território.

A edificação da antiga Fábrica da Brahma, detectada como integrante à paisagem do Sambódromo, pode se revelar como elemento de conexão do equipamento ao território da APAC, na medida que as funções urbanas complementares do complexo incentivem e fortaleçam o fluxo de turistas o ano inteiro. A permeabilidade de pedestres dentro do antigo espaço fabril pode incluir novos acessos ao espaço público do equipamento e integrar o tecido urbano e social da envolvente ao Sambódromo.

O uso residencial, consolidado na Cidade Nova, pode também expandir sobre os terrenos livres para fortalecer apropriação humana do território, aproveitar a infra-estrutura preparada no bairro e promover a transição entre a morfologia do bairro e do corpo arquitetônico do equipamento. A APAC Cidade Nova carece de espaços de lazer e o complexo do Sambódromo apresenta potencial para se tornar um espaço público para uso da população local.

A frente urbana da Avenida Presidente Vargas, por estar relacionada à escala urbana ao nível da cidade, apresenta potencial de verticalização e função urbana comercial/serviços, assim como é percebida em outros trechos da mesma avenida. Em situação diferente, o espaço do Terreirão do Samba, atualmente consolidado com a função do carnaval, apresenta possibilidades em se integrar ao corpo do equipamento e fomentar a identidade do samba no bairro.

A atividade cultural do carnaval pode promover a revitalização do equipamento e do bairro e estimular a coesão social dos moradores locais, a partir de ações que os incluam na potencialização do equipamento. Incentiva-se assim criação de um Parque Urbano do Samba no complexo Sambódromo, onde se integram os terrenos da antiga Fábrica Brahma e do Terreirão do Samba ao equipamento. Nesta nova unidade pode-se instalar um museu temático do carnaval (Brahma) e consolidar um espaço para concertos musicais (Terreirão). No espaço livre do Sambódromo podem ser incluídos elementos da temática do desfile das escolas de samba ao se criar um novo espaço urbano lúdico do carnaval na cidade do Rio de Janeiro.

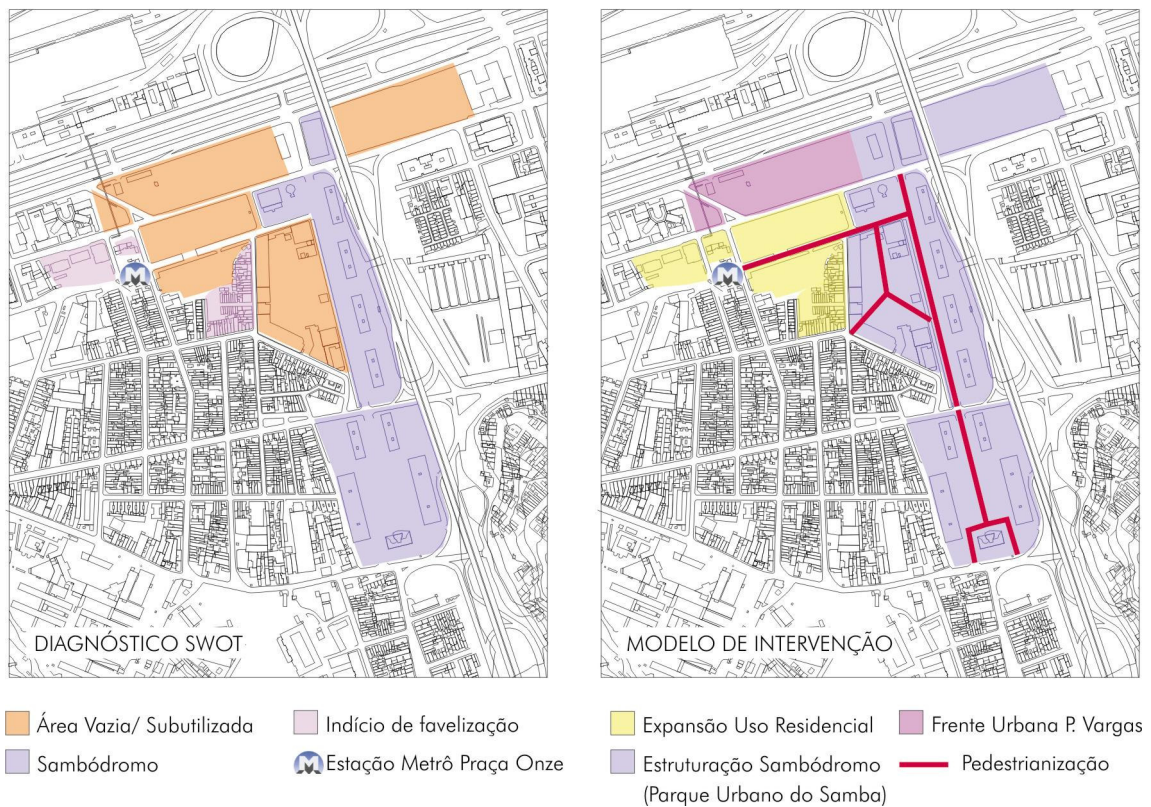


FIG 54. Diagnóstico SWOT da situação atual/ Esquema de Modelo de Intervenção. Esquema gráfico da situação atual do vazio urbano da Cidade Nova e da situação esboçada por uma proposta de intervenção.

O instrumento do novo plano urbano para o bairro da Cidade Nova deve estar integrado ao processo de coesão social e, como aponta Ascher (2001) revelar as potencialidades e as condicionantes impostas a este espaço urbano. A transformação do território do Sambódromo pode beneficiar não apenas a população local mas toda a coletividade que circula pela área durante o ano e nos dias de carnaval e beneficiar mais a imagem e a economia da cidade do Rio de Janeiro.

considerações finais

Esta pesquisa, inscrita no tema das transformações urbanas contemporâneas, se propôs a realizar um estudo sobre as relações estabelecidas entre grandes equipamentos e territórios urbanos. A análise de um equipamento urbano de notoriedade internacional, o Sambódromo, possibilitou a ilustração da temática e a aproximação à escala de interesse da investigação, a escala local.

O embasamento teórico sobre equipamentos urbanos e cidades contemporâneas foi substancial para qualificar o problema e para definir a abordagem a ser aplicada no caso de estudo. A investigação procurou, desde o princípio, definir o *equipamento, objeto da investigação*. A abrangência a variadas escalas arquitetônicas e urbanas, determinou

- (1) a limitação espacial aos equipamentos pertencentes à escala macro-urbana e com função urbana específica à dinâmica da cidade; e
- (2) a limitação temporal de equipamentos construídos após a década de 1980.

Entendeu-se que, dentro da ótica da contemporaneidade, os grandes equipamentos apresentam uma faceta essencial nas mutações urbanas dos espaços desvitalizados, pois ajudam a definir estratégias de atração que a cidade deseja externar, além de auxiliarem na estruturação espacial do ambiente urbano.

Nesse ambiente de mutações urbanas, demonstrou-se a estratégia atual das cidades em divulgar uma política de comunicação através de uma política de marketing do equipamento. Foram mencionadas cidades exemplos da aplicação de marketing urbano que, através da recepção de eventos midiáticos internacionais e/ou da construção de objetos arquitetônicos emblemáticos, ensejam atingir alguns dos fenômenos urbanos contemporâneos: a competitividade, a revalorização das cidades e a transformação da organização territorial (SIINO, 2004).

Ao avançar o estudo sobre equipamentos e cidade, deparou-se com a condição de vazio urbano aos territórios de acolhimento. Nas cidades de dimensão

metropolitana, as importantes reservas fundiárias demandadas pelos grandes equipamentos estão disponibilizadas em paisagens abertas, dentro do próprio território edificado.

A dissertação aborda a temática dos vazios urbanos concentrando-se na compreensão do processo de reativação dos vazios da cidade, especificamente nas operações urbanas orientadas por equipamentos emblemáticos.

O planejamento urbano foi encarado como mecanismo imprescindível para a realização do projeto urbano do equipamento. Constatou-se que, apesar de o projeto arquitetônico do equipamento ser trabalhado como o elemento-chave para a reativação do vazio urbano, é na verdade a operação de reconversão urbana adotada que poderá trazer à cidade condições de reativação do *lugar* (em escala local) e de reativação dos *fluxos* (em escala global) (CASTELLS, 2004).

Ao aproximar-se à escala local, a análise concentrou-se na relação estabelecida entre equipamentos e território envoltório e procurou identificar os impactos e as forças executadas pelos grandes equipamentos.

Em relação aos impactos, percebeu-se que cada tipologia de equipamento proporciona impactos específicos à função desempenhada. Mesmo sendo imprevisíveis, muitos dos impactos podem ser minorados tendo por base a elaboração de estudos técnicos específicos.

Sobre as forças executadas pelos grandes equipamentos, percebeu-se que as escalas de relacionamento do equipamento são estabelecidas dualmente. Os equipamentos respondem a escala local através do desenho urbano, mas em contrapartida, são concebidos para responder a uma hierarquia de escala superior à envolvente. Esta sobreposição de escalas evidenciou a influência ativa que os equipamentos proporcionam à rotina do meio urbano local.

A questão da dualidade também foi identificada no que diz respeito à dinamização do território. Os equipamentos apresentam uma faceta ambígua, pois podem se tornar alavanca ou constituir obstáculo para o desenvolvimento urbano (SIINO, 2004). Preconizados como irradiadores das operações urbanas,

os equipamentos podem revelar a faceta mais cruel e tornarem-se vetores de fragmentação territorial e social.

Em contraposição à fragmentação, a integração espacial e social é percebida como fator primordial para o sucesso do equipamento e da operação urbana. Identificou-se que o sucesso só é alcançado caso o equipamento esteja:

- (1) integrado à malha existente,
- (2) apropriado pelos diversos grupos sociais e
- (3) ligado ao desenvolvimento e vocação da cidade.

Caso contrário, a faceta da fragmentação tende a ser externada podendo exercer um poder de degradação sobre o meio urbano envolvente.

As constatações extraídas na primeira fase do trabalho foram articuladas ao caso de estudo. A abordagem ao território do Rio de Janeiro foi iniciada a partir da hipótese de que o equipamento Sambódromo se tem comportado como um entrave para as ações programadas pelas operações urbanas do bairro da Cidade Nova.

. Sambódromo: entrave ou contributo para a revitalização? .

O Sambódromo, excelente exemplar da imagética territorial, foi imposto sobre um “vazio projetado”, desarticulado ao planejamento urbano da região e da cidade. A subutilização e a desarticulação do grande equipamento localizado em um bairro infraestruturado mas detentor de vazios urbanos determinou a reflexão sobre o suposto entrave urbanístico.

Para a apreensão do conjunto arquitetônico e urbano, seguiu-se uma metodologia que dominasse, em primeiro momento, o objeto arquitetônico de conteúdo programático abrangente e, em sequência, o complexo território de acolhimento do equipamento. Sobre o objeto arquitetônico, a comparação realizada entre projeto idealizado e objeto consolidado permitiu identificar as (in)eficiências do espaço arquitetônico. Sobre o território, analisou-se a história

urbana do bairro, os planos urbanos programados e a ambiência formal inter-relacionando-as ao equipamento.

Na primeira fase de análise, constatou-se que o equipamento concebido para ser um espaço multifuncional consolidou-se como um espaço fundamentalmente monofuncional do carnaval carioca. Identificou-se que as funções urbanas complementares (educacional, lazer e turística) apresentam desempenhos esporádicos e/ou insatisfatórios, em consequência da inadequação resultante entre espaço arquitetônico e funções urbanas. Devido ao fracasso dessas atividades, o equipamento, na maior parte do ano, encontra-se subutilizado.

No que tange a função principal consolidada, identificou-se que a atividade periódica anual exige acréscimos e alterações ao corpo arquitetônico e também à região circundante para ser desempenhada. As sistemáticas metamorfoses fizeram questionar a ineficiência do objeto arquitetônico até mesmo para o desempenho da sua principal atividade.

Baseada na análise funcional do equipamento, a investigação definiu o Sambódromo como um equipamento urbano de funcionamento transitório que estabelece a condição de vazio urbano intermitente a um trecho do bairro da Cidade Nova. Esta condição de vazio está reforçada pela ausência de ações programadas no sentido da absorção do Sambódromo ao seu território suporte.

Objetivando conferir a hipótese relativa ao entrave urbanístico, procedeu-se, em seqüência, a análise morfológica do equipamento e território envolvente. A ferramenta de análise comparativa a outros casos de estudo, que tinha sido proposta no projeto de pesquisa, foi abolida ao se constatar a inexistência de uma tipologia funcional universal relativa à categoria dos grandes equipamentos. No entanto, a utilização de uma ferramenta comparativa ocorreu no nível da escala urbana, que evidenciou o gigantismo da escala do equipamento.

A forma urbana do Sambódromo foi desconstruída e reflexionada a partir do parâmetro da linearidade. A permanência da forma linear sobre o tecido urbano fez indagar a existência do elemento morfológico *rua* na estruturação da linguagem de composição urbana do Sambódromo. Verificou-se que a rua do Sambódromo só existe no momento da realização da atividade do carnaval.

Ademais, o equipamento condicionado a vazio urbano encontra-se dividido em três parcelas isoladas e separadas do tecido envolvente.

Através da análise morfológica verificou-se que até mesmo a atividade principal apresenta incompatibilidades à forma urbana do equipamento. Este desajuste foi percebido, dentre outros fatores, devido à falta de delimitação espacial para a estruturação da via, à inutilidade da Praça da Apoteose e à dependência ao espaço exterior ao equipamento.

A incompatibilidade espacial também foi identificada entre as três parcelas do equipamento e o bairro de acolhimento. Para a articulação dessas parcelas, durante os dias de carnaval, os impactos de funcionamento da atividade sobressaltam-se às ruas do bairro; e no restante do ano, as parcelas desarticuladas e os vazios de seus interiores desfavorecem a ambiência do bairro. O Sambódromo, programado para ter uso público, atesta falta de vitalidade urbana nas duas situações do equipamento, no período do carnaval e fora dele.

Entendeu-se que, desde o ano de 1984, o bairro tem se ajustado ao ritmado movimento da apropriação efêmera ao espaço interior e exterior do Sambódromo e está preso à existência do seu maior símbolo. O panorama de vazio urbano, identificado no próprio equipamento e na sua envolvente, não foi alterado e as ações indicadas pelos projetos de revitalização do bairro não foram absorvidas, até este momento, permanecendo o cenário de estagnação imobiliária da Cidade Nova.

Esta investigação não apresentou meios para avaliar as causas para a falta de interesse da iniciativa privada no preenchimento dos vazios urbanos. Todavia, identificou-se que todos os planos urbanos elaborados para a área encararam o equipamento como um objeto isolado e intacto de intervenção, e nem mesmo propuseram reflexões acerca da falta de integração espacial e social do Sambódromo à envolvente.

Com base em todos os argumentos expostos, a investigação conclui que a implantação conflituosa do equipamento ajuda a comprometer o destino do bairro, que mesmo sendo alvo de planos urbanísticos não reverte a condição de degradação e vazio. Com esta dissertação demonstrou-se que a construção de

um equipamento não é garantia na reconversão espacial, e no caso do Sambódromo foi revelada a faceta mais cruel do equipamento ao se diagnosticar que este, na sua configuração atual, comporta-se como vetor da fragmentação espacial e social do bairro, não contribuindo para reverter a estagnação imobiliária e até mesmo induzindo a degradação ambiental da envolvente.

Esta dissertação recomenda que o entrave urbanístico seja contornado através de ações de potencialização do equipamento que contribuam para a dinamização do território. A utilização da ferramenta do planejamento urbano integrado ao processo de coesão social será fundamental para o comprometimento dos atores locais e a conseqüente apropriação plena do espaço.

Sugere-se a elaboração de um novo plano urbanístico para o bairro da Cidade Nova centrado na integração espacial e social do equipamento em escala local. A proposição de funções complementares relacionadas ao setor do carnaval e a abertura do equipamento para um espaço público poderão contribuir para a melhoria da imagem do bairro e para o pleno funcionamento do equipamento, revertendo o quadro de vazio urbano. Para viabilizar a consolidação do Sambódromo no território será imprescindível realizar a expansão do equipamento sobre os terrenos livres adjacentes, articulando-o à malha do bairro.

Como comprovado, o Sambódromo na configuração apresentada não tem o poder de revalorização do território, mas o Sambódromo intervencionado visando revelar-se figura indutora de uma operação urbana é uma ação ainda não preconizada. Eis aqui, um novo *enredo* para um plano urbano a ser desenvolvido para a Cidade Nova.

referências bibliográficas

ABREU, Maurício de Almeida. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. – 3º ed. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1997.

AGUIAR, José; CABRITA, A.R ; APPLETON, José. **Guião de apoio à Reabilitação de edifícios habitacionais**. Lisboa: Ed. LNEC/DGOT, 1991.

ARAÚJO, Hiram. **Carnaval, seis milênios de história**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.

ASCHER, François. **Les nouveaux principes de l'urbanisme : La fin des villes n'est pas à l'ordre du jour**. Éditions de l'Aube, 2001.

ASCHER, François. **Metápolis: acerca do futuro da cidade**. Tradução de Álvaro Domingues. Oeiras: Celta Editora, 1998.

AUGUSTO, Sergio. Niemeyer, a beleza ancorou na passarela. **Folha de São Paulo**. São Paulo: 02 mar. 1984.

BENEVOLO, Leonardo. **A cidade na história da Europa**. Lisboa: Editorial Presença, 1995

BENKO, George. “Mundialização da economia, metropolização do mundo”. In: **Revista do Departamento de Geografia nº15**. São Paulo: USP, 2002. p. 45-54.

BORDE, Andréa de Lacerda Pessoa. **Vazios Urbanos: Perspectivas Contemporâneas**. Tese de Doutorado em Urbanismo. PROURB, Rio de Janeiro, 2006.

BORDE, Andréa. Aula 2: Metodologia de pesquisa dos ícones. In: **Ícones na cidade: interpretação e representação**. Rio de Janeiro: PROURB, 2001. Disponível em [«http://www.fau.ufrj.br/prourb/cursos/icones/aula03prourb.pdf»](http://www.fau.ufrj.br/prourb/cursos/icones/aula03prourb.pdf). Acesso em 26 de março de 2008.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura; vol.1**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

CHASSERIAU, Aude. “Les équipements, supports de la régénération urbaine”. In: SIINO, Corine; LAUMIÈRE, Florence et LERICHE, Frédéric. **Métropolisation et grands équipements structurants. Villes et Territoires nº16**. Toulouse : Presses Universitaires du Mirail, 2004. p. 249-262

CHOAY, Françoise; MERLIN, Pierre. **Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement**. Paris: Presses Universitaires de France, 1988.

COSTA, Haroldo. **100 anos de carnaval no Rio de Janeiro**. São Paulo: Irmãos Vitale, 2001.

COULANGES, Fustel de. **A cidade Antiga : estudo sobre o culto, o direito e as instituições da Grécia e Roma**. Lisboa: Clássica, 1971.

CSN se oferece para fazer arquibancadas do carnaval. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 05 mai. 1983.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. Lisboa : Edições 70, 1983.

DEJAIFVE, M. François. **Les équipements, un facteur de renouvellement urbain: application aux Hauts-de-Rouen**. Mémoire de DESS Aménagement, Urbanisme et Développement Local. Aix en Provence : IAR, 2001.

DGOTDU (Direccção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano). **Vocabulário de Termos e Conceitos do Ordenamento do Território**. Lisboa: DGOTDU, 2005.

FIGUEIREDO, Guilherme Araújo de. **A Morfologia dos espaços públicos de carnaval do Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado, FAUFRJ, 2003.

GERSON, Brasil. **História das Ruas do Rio**. – 5º ed. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2000.

GOITIA, Fernando Chueca. . **Breve História do Urbanismo**. – 5º ed. Lisboa: Editorial Presença, 2003.

GOURDON, Jean-Loup. **La rue : essai sur l'économie de la forme urbaine**. Éditions de l'Aube, 2001.

GOVERNO DO ESTADO DA GUANABARA. Comissão Executiva para o desenvolvimento urbano (CEDUG). Doxiadis Associates Consultants on development and ekistics. **Guanabara: a plan for urban development**. Rio de Janeiro, 1965.

GRAVARI-BARBAS, Maria. "Les friches culturelles: jeu d'acteurs et inscription spatiale d'un «anti-équipement» culturel". In : SIINO, Corine; LAUMIÈRE, Florence et LERICHE, Frédéric. **Métropolisation et grands équipements structurants. Villes et Territoires nº16**. Toulouse : Presses Universitaires du Mirail, 2004. p. 277-300

INEPAC. **Guias de Bens Tombados**. Rio de Janeiro, s.d. Disponível em: «<http://www.inepac.rj.gov.br>». Acesso em 10 de junho de 2008.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2000.

KOOLHAAS, Rem. “Pós-escrito: introdução à nova pesquisa sobre «A cidade contemporânea»” (1988). In: NESBITT, Kate (org). **Uma nova agenda para a arquitetura. Antologia teórica (1965-1995)**. São Paulo: Cosac Naify, 2006. p. 357-367.

LAMAS, José M. R. G., **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

LAUMIÈRE, Florence et LERICHE, Frédéric. **Métropolisation et grands équipements structurants. Villes et Territoires n°16**. Toulouse : Presses Universitaires du Mirail, 2004. p. 25-35

LIESA. **Manual do Julgador – Carnaval/ 2008**. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: «http://liesa.globo.com/2008/por/03carnaval08/manual/Manual_Julgador_2008.pdf». Acesso em: 15 de junho de 2008.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. Lisboa: Edições 70, 2003.

MARIA, Cleusa. Sem o samba, a passarela em confronto com a comunidade. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 18 mar. 1984.

MILTON Nascimento inaugura a nova etapa da Praça da Apoteose. **Jornal O Globo**. Rio de Janeiro, 04 abr. 1984.

MOREIRA, Antonio Cláudio M. L. **Mega projetos e ambiente urbano: análise críticas de relatórios de impacto de vizinhança: 1993-1996**. Porto Alegre, 2008. Disponível em: «http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu_doc/moreira4_megaпроекты.pdf». Acesso em: 08/10/2008.

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA. Estação da Luz. **Carnaval do Rio de Janeiro**. Disponível em: «<http://200.150.149.165:9081/wps/wcm/connect/resources/file/eb7795008a179a5/2.carnaval.pdf?MOD=AJPERES>». Acesso em 24 de junho de 2008.

PASSARELA, obra polêmica será inaugurada. **Jornal O Globo**. Rio de Janeiro, 02 mar. 1984.

PASSARELA DO SAMBA. **Revista Municipal de Engenharia**. – Vol XXXIX. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1983. p. 03-29

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: ed. Perspectiva, 2000.

PELLETIER, Jean et DELFANTE, Charles. **Cidades e Urbanismo no mundo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

PINHEIRO, Augusto Ivan de Freitas. In : FREIRE, Américo e OLIVEIRA, Lucia Lippi (orgs). **Capítulos da memória do urbanismo carioca: depoimentos ao CPDOC/FGV**. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002. p. 202-222

PINHO, Ana. "O Papel da reabilitação no planejamento e nas políticas urbanas – A visão do Conselho da Europa". In: MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS, TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES. **A cidade para o cidadão: o planejamento de pormenor em questão**. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2005.

RETTO JUNIOR, Adalberto et TRAFICANTE, Christian. "Entrevista com Bernardo Secchi". **Portal Vitruvius**. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2004. Seção Entrevista. Disponível em: «<http://www.vitruvius.com.br/entrevista/secchi/secchi.asp>». Acesso em: 11 de abril de 2008.

REZENDE, Vera. **Planejamento urbano e ideologia: quatro planos para a cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

RIOTUR. **A passarela é uma festa o ano inteiro**. Rio de Janeiro : Governo do Estado do Rio de Janeiro, 1984.

ROGER, Isabelle. "Les équipements de loisirs au service du marketing urbain: facteur d'émergence de processus de métropolisation". In : SIINO, Corine; LAUMIÈRE, Florence; LERICHE, Frédéric. **Métropolisation et grands équipements structurants. Villes et Territoires n°16**. Toulouse : Presses Universitaires du Mirail, 2004.

ROLNIK, Raquel. **Estatuto da Cidade : Instrumento para as cidades que sonham crescer com justiça e beleza**. Brasília, s.d. Disponível em: «<http://www.estatutodacidade.org.br>». Acesso em: 30/08/2008.

RONCAYOLO, Marcel. **Lectures de villes: Formes et temps**. Marseille: Editions Parenthèses, 2002.

ROSEMBERG, Muriel. **Le marketing urbain en question: production d'espace et de discours dans quatre projets de villes**. Anthropos, 2000.

SANTOS, Carlos Nelson F. (org). **Quando a rua vira casa**. São Paulo: Projeto Editora/ IBAM, 1985.

_____. **Movimentos urbanos no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1981.

SALA de aula na passarela do samba. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 07 jul. 1984.

SALGADO, Luis Fernando Menezes. **O "bairro" da Cidade Nova sobre o mangue: ações e limitações do poder público local na área central do Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado, FAUUSP, 2001.

SCHASBERG, Benny. **Estatuto da Cidade, EIV e a Gestão Democrática no Planejamento Urbano**. Porto Alegre, 2008. Disponível em:

«http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu_doc/bennyschasb-erg-eiv_e_ec_.pdf». Acesso em 08/11/2008.

SIINO, Corine; LAUMIÈRE, Florence; LERICHE, Frédéric. **Métropolisation et grands équipements structurants. Villes et Territoires nº16**. Toulouse : Presses Universitaires du Mirail, 2004.

UNESCO. **Historic district for all: brochure designed for local authorities**. Paris, 2007. Disponível em: «<http://www.unesco.org/shs/urban>». Acesso em: 03/04/2008

VOGEL, Reine. "La ville et ses images". In: LAMIZET, Bernard et SANSON, Pascal (org). **Les langages de la ville**. Marseille : Éditions Parenthèses, 1997. p. 69-75

. Sites consultados .

<http://www.ibge.org.br>

<http://www.iphan.org.br>

<http://www.rio.rj.gov.br/riotur/>

<http://www.rio.rj.gov.br/sme/>

fonte das ilustrações

CAPA.	O Sambódromo.....	---
	Luciane Moutinho, 2008 sobre fotografia Luciane Moutinho (2006).	
FIG 01.	O fenômeno dos parques temáticos.....	35
	(A) 66. JPG. Disponível em « http://neatherd.org/gallery/12/66.jpg »	
	(B) disney-land-paris-chey-Mickey.JPG. Disponível em: « http://www.aerotourisme.info/photos.php?lang=fr&id_article=56 »	
FIG 02.	Reativação de vazios em três cidades do sul da França.....	36
	(A-B) Fotografia Luciane Moutinho (2007).	
	(C) Disponível em: « http://www.euromediterranee.fr »	
FIG 03.	Grandes Projetos Urbanos para eventos internacionais.....	37
	(A-B) Fotografia Luciane Moutinho (2007).	
FIG 04.	Grandes Projetos Urbanos para uso cultural.....	37
	(A) Fotografia Salim Dellys (2007).	
	(B) 223-126-guggenheim-large. JPG. Disponível em: « http://wonderingpondering.wordpress.com/?s=BILBAO »	
FIG 05.	Os dias de carnaval no Sambódromo.....	41
	(A) Foto Internet. Disponível em: « http://www.rio-carnival.net »	
	(B-C) Desfile escolas de samba, 2006. Fonte: Centro de Memória do Carnaval.	
FIG 06.	As ruas dos desfiles das escolas de samba.....	45
	Base cadastral PCRJ (2000), trabalhado por Luciane Moutinho, 2008.	
FIG 07.	Monta e desmonta das arquibancadas nas ruas da cidade.....	47
	(A-C) Fotografia (1974). Fonte: Centro de Memória do Carnaval.	
FIG 08.	Mapas de localização.....	50
	(A) Mapa Internet, trabalhado por Luciane Moutinho, 2008. Fonte: desconhecida	
	(B) Mapa Anuário Estatístico, trabalhado por Luciane Moutinho, 2008. Fonte: desconhecida.	
	(C) Base cadastral PCRJ (2000), trabalhado por Luciane Moutinho, 2008.	
FIG 09.	Mapas de situação.....	51
	(A) Aerofotogramétrico Rio de Janeiro (2000), trabalhado por Luciane Moutinho, 2008.	
	(B) Base cadastral PCRJ (2000), trabalhado por Luciane Moutinho, 2008.	
FIG 10.	O território anterior e posterior à construção do Sambódromo.....	52
	(A) Fotografia OR155-01 (s.d.). Fonte: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro	
	(B) Fotografia Marcos Konder Neto (s.d.), trabalhado por Luciane Moutinho, 2008.	
	(C) sambodro_aerea.JPG. Disponível em: « http://www.vivercidades.org.br »	
FIG 11.	Planta Baixa Sambódromo.....	55
	(A) Base cadastral PCRJ (2000), trabalhado por Luciane Moutinho, 2008.	
	(B) Fotografias Luciane Moutinho, 2004.	
FIG 12.	A estimativa do público do carnaval.....	56
	Dados trabalhados por Luciane Moutinho, 2008. Fonte: REVISTA MUNICIPAL DE ENGENHARIA. – Vol XXXIX. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1983. p.03.	
FIG 13.	A estimativa de alunos.....	57
	Quadro quantidade de alunos, trabalhado por Luciane Moutinho, 2008. Fonte: REVISTA MUNICIPAL DE ENGENHARIA. – Vol XXXIX. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1983. p.12.	

FIG 14.	Projetos salas de aula.....	58
	Desenhos Luciane Moutinho, 2008 baseados nas Plantas Arquitetônicas do Sambódromo. Fonte: REVISTA MUNICIPAL DE ENGENHARIA. – Vol XXXIX. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1983. p.14-29.	
FIG 15.	A precariedade arquitetônica das salas de aula.....	62
	(A-E) Fotografias Luciane Moutinho (2006).	
FIG 16.	A metamorfose da Praça da Apoteose.....	63
	(A) 6.JPG. Disponível em: « http://www.queromeapaixonar.blogspot.com.br/6.jpg » (B) FOTO16. JPG. Disponível em: « http://www.triboaventura.com/SITE2006/acontece/2008_xfighters_rio »	
FIG 17.	A passarela dos desfiles.....	65
	Seção transversal da Passarela do Samba com as escolas a partir de 1984. Fonte: FIGUEIREDO, Guilherme Araújo de. <i>A Morfologia dos espaços públicos de carnaval do Rio de Janeiro</i> . Dissertação de Mestrado, FAUFRJ, 2003. p.52	
FIG 18.	As adaptações ao corpo do Sambódromo.....	67
	(A) 1171428997_sambodromo. JPG. Disponível em: « http://www.overmundo.com.br/_agenda/img/1171428997_sambodromo.jpg » (B) 0,,12981567-EX,00. JPG. Disponível em: « http://g1.globo.com/Carnaval2008/foto/0,,12981567-EX,00.jpg » (C-D) Fotografias Luciane Moutinho, 2006 (E) Fotografia Setor Arquitetura Bob's, s.d.	
FIG 19.	O impacto na região circundante.....	68
	Desenho DETRAN, trabalhado por Luciane Moutinho, 2008. Fonte: VENDA de ingressos para o carnaval. <i>Jornal do Brasil</i> . Rio de Janeiro, 02 mar.1984.	
FIG 20.	Cidade do Samba.....	71
	(A) cidade-do-samba_henrique-matos_01.JPG. Disponível em: « http://www.rio.rj.gov.br » (B) cidadedosamba. JPG. Disponível em: « http://www.rio.rj.gov.br »	
FIG 21.	Croquis de Niemeyer para o Sambódromo.....	73
	Desenhos capa e contracapa. Fonte: REVISTA MUNICIPAL DE ENGENHARIA. – Vol XXXIX. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1983.	
FIG 22.	O pedaço da cidade onde foi inserido o Sambódromo.....	74
	Aerofotogramétrico Rio de Janeiro (2000), trabalhado por Luciane Moutinho, 2008.	
FIG 23.	O Rio de Janeiro até 1808.....	78
	Planta da Cidade Ryo de Janeyro (1770). Fonte disponível em: « http://www.brazilbrazil.com/riomaps.html » (A) Desenho Luciane Moutinho, 2008 baseado em mesma base cartográfica.	
FIG 24.	Representações esquemáticas da evolução urbana.....	78
	(B) Desenho Luciane Moutinho, 2008 baseado em base cartográfica, Colton's Atlas (1856). Fonte disponível em: « http://www.brazilbrazil.com/riomaps.html » (C) Desenho Luciane Moutinho, 2008 baseado em Plan de la ville de Rio de Janeiro, Bilac Passos & Bandeira (1904). Fonte disponível em: « http://www.brazilbrazil.com/riomaps.html » (D) Desenho Luciane Moutinho, 2008 baseado em Plan de la ville de Rio de Janeiro, Gal. Bento Ribeiro Monteiro (1913). Fonte disponível em: « http://www.brazilbrazil.com/riomaps.html » (E) Desenho Luciane Moutinho, 2008 baseado em Mapa Cidade do Rio de Janeiro, Esso Standard do Brasil (1957). Fonte disponível em: « http://www.brazilbrazil.com/riomaps.html » (F) Desenho Luciane Moutinho, 2008 baseado em base cartográfica, Plano Diretor de Renovação Urbana da Cidade Nova (1966). Fonte: Marcos Konder Netto.	

	(G) Desenho Luciane Moutinho, 2008 baseado em base cadastral PCRJ (2000).	
FIG 25.	Os planos de Renovação da Cidade Nova.....	82
	(A) Desenho Marcos Konder Netto (s.d.), trabalhado por Luciane Moutinho, 2008. (B) Mapa Uso do Solo, Projeto SAs (1998), trabalhado por Luciane Moutinho, 2008. Fonte: SECRETARIA MUNICIPAL DE URBANISMO. <i>Prospecto Divulgação: Projeto SAs</i> . Rio de Janeiro, 1998.	
FIG 26.	A demolição do casario.....	83
	(A) Fotografia Capa: Victor Burton. Imagem cedida pela Manchete Press. Fonte: MOURA, Roberto Murcia. <i>Cantos do Rio - Praça Onze: no meio do caminho tinha as meninas do mangue</i> . Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. (B) Fotografia Contra-capas, Projeto SAs (1998). Fonte: SECRETARIA MUNICIPAL DE URBANISMO. <i>Prospecto Divulgação: Projeto SAs</i> . Rio de Janeiro, 1998.	
FIG 27.	A transformação do território da Cidade Nova.....	84
	(A) Building Conditions Map - Mangue, Plano Doxiadis (1965). Fonte: GOVERNO DO ESTADO DA GUANABARA. Comissão Executiva para o desenvolvimento urbano (CEDUG). Doxiadis Associates Consultants on development and ekistics. <i>Guanabara: a plan for urban development</i> . Rio de Janeiro, 1965. p 128. (B) Desenho Luciane Moutinho, 2008 sobre base cadastral PCRJ (2000).	
FIG 28.	O Sambódromo e a cidade.....	85
	Luciane Moutinho, 2008 sobre fotografia Luciane Moutinho (2006).	
FIG 29.	Mapa das fronteiras do Sambódromo.....	86
	Base cadastral PCRJ (2000), trabalhado por Luciane Moutinho, 2008.	
FIG 30.	A fronteira do Viaduto 31 de Março.....	87
	Luciane Moutinho, 2008 sobre fotografia Luciane Moutinho (2006).	
FIG 31.	O vazio do Terreirão do Samba.....	88
	Fotografia Luciane Moutinho (2006).	
FIG 32.	As fronteiras da Praça da Apoteose.....	88
	(A-B) Fotografia Luciane Moutinho (2006).	
FIG 33.	A fronteira da Fábrica Brahma.....	89
	Fotografia Luciane Moutinho (2006).	
FIG 34.	O Juizado e a Avenida.....	90
	Fotografia Luciane Moutinho (2006).	
FIG 35.	As tipologias residenciais da envolvente do Sambódromo.....	91
	(A-D) Fotografia Luciane Moutinho (2006).	
FIG 36.	Edificações referências.....	91
	Aerofotogramétrico Rio de Janeiro (2000), trabalhado por Luciane Moutinho, 2008. Fotografias Luciane Moutinho (2006).	
FIG 37.	Frente Urbana da Avenida Presidente Vargas.....	92
	Fotografia Luciane Moutinho (2006).	
FIG 38.	Os dois vazios urbanos da Cidade Nova.....	93
	(A) Base cadastral PCRJ (2000), trabalhado por Luciane Moutinho, 2008. (B) Foto Internet (s.d.). Fonte: Desconhecida	
FIG 39.	Correspondências lisboetas.....	100
	(A-B) Base Google Earth, trabalhada por Luciane Moutinho, 2008.	
FIG 40.	Correspondências espanholas.....	100
	(A-B) Base Google Earth, trabalhada por Luciane Moutinho, 2008.	
FIG 41.	Correspondências italiana e francesa.....	100
	(A-B) Base Google Earth, trabalhada por Luciane Moutinho, 2008.	

FIG 42.	Interferências urbanas sobre a Rua Marquês de Sapucaí.....	102
	(A) Planta da Cidade Ryo de Janeyro (1770), trabalhado por Luciane Moutinho, 2008. Fonte disponível em: « http://www.brazilbrazil.com/riomaps.html »	
	(B) Base cartográfica, Colton's Atlas (1856), trabalhado por Luciane Moutinho, 2008. Fonte disponível em: « http://www.brazilbrazil.com/riomaps.html »	
	(C) Plan de la ville de Rio de Janeiro. Edite pour et par l'étoile du sud (1913), trabalhado por Luciane Moutinho, 2008. Fonte disponível em: « http://www.brazilbrazil.com/riomaps.html »	
	(D) Land use - Mangue, Plano Doxiadis (1965), trabalhado por Luciane Moutinho, 2008. Fonte: GOVERNO DO ESTADO DA GUANABARA. Comissão Executiva para o desenvolvimento urbano (CEDUG). Doxiadis Associates Consultants on development and ekistics. <i>Guanabara: a plan for urban development</i> . Rio de Janeiro, 1965. p 127.	
	(E) Mapa linha metropolitano (1983), trabalhado por Luciane Moutinho, 2008. Fonte: REVISTA MUNICIPAL DE ENGENHARIA. – Vol XXXIX. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1983. p. 45-46.	
	(F) Base cadastral PCRJ(2000), trabalhado por Luciane Moutinho, 2008.	
FIG 43.	Da diversidade à monofuncionalidade.....	107
	(A) Rua Marquês de Sapucaí (1929). Fonte: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.	
	(B) Fotografia Luciane Moutinho (2006).	
FIG 44.	Os contornos do Sambódromo.....	109
	(A-B) Fotografia Luciane Moutinho (2006).	
FIG 45.	A passagem das escolas de samba.....	110
	(A) Fotografia Luciane Moutinho (2006).	
	(B) Desenhos Luciane Moutinho, 2008 baseados nas Plantas Arquitetônicas do Sambódromo. Fonte: REVISTA MUNICIPAL DE ENGENHARIA. – Vol XXXIX. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1983. p.14-29.	
FIG 46.	Os dois Sambódromos.....	111
	(A-B) Base cadastral PCRJ(2000), trabalhado por Luciane Moutinho, 2008.	
FIG 47.	As três parcelas do Sambódromo.....	112
	(A-B-C) Desenho Luciane Moutinho, 2008 sobre base cadastral PCRJ (2000).	
FIG 48.	A menor parcela.....	113
	Fotografia Luciane Moutinho (2006).	
FIG 49.	A parcela intermediária.....	114
	(A-D) Fotografia Luciane Moutinho (2006).	
FIG 50.	A Praça da Apoteose.....	115
	(A) Base cadastral PCRJ(2000), trabalhado por Luciane Moutinho, 2008.	
	(B) Riodejaneiro_sambodromo1. JPG. Disponível em: « http://www.dreambrasil.com.br/tours_fotos/riodejaneiro_sambodromo1.jpg »	
FIG 51.	A parcela final.....	116
	(A-B) Fotografia Luciane Moutinho (2006).	
FIG 52.	O Sambódromo de costas para a cidade.....	117
	(A-C) Luciane Moutinho (2006).	
FIG 53.	Diagnóstico SWOT.....	127
	Tabela Luciane Moutinho, 2008.	
FIG 54.	Diagnóstico SWOT da sit. atual/ Esquema de Modelo de Intervenção.....	130
	Desenho Luciane Moutinho, 2008.	